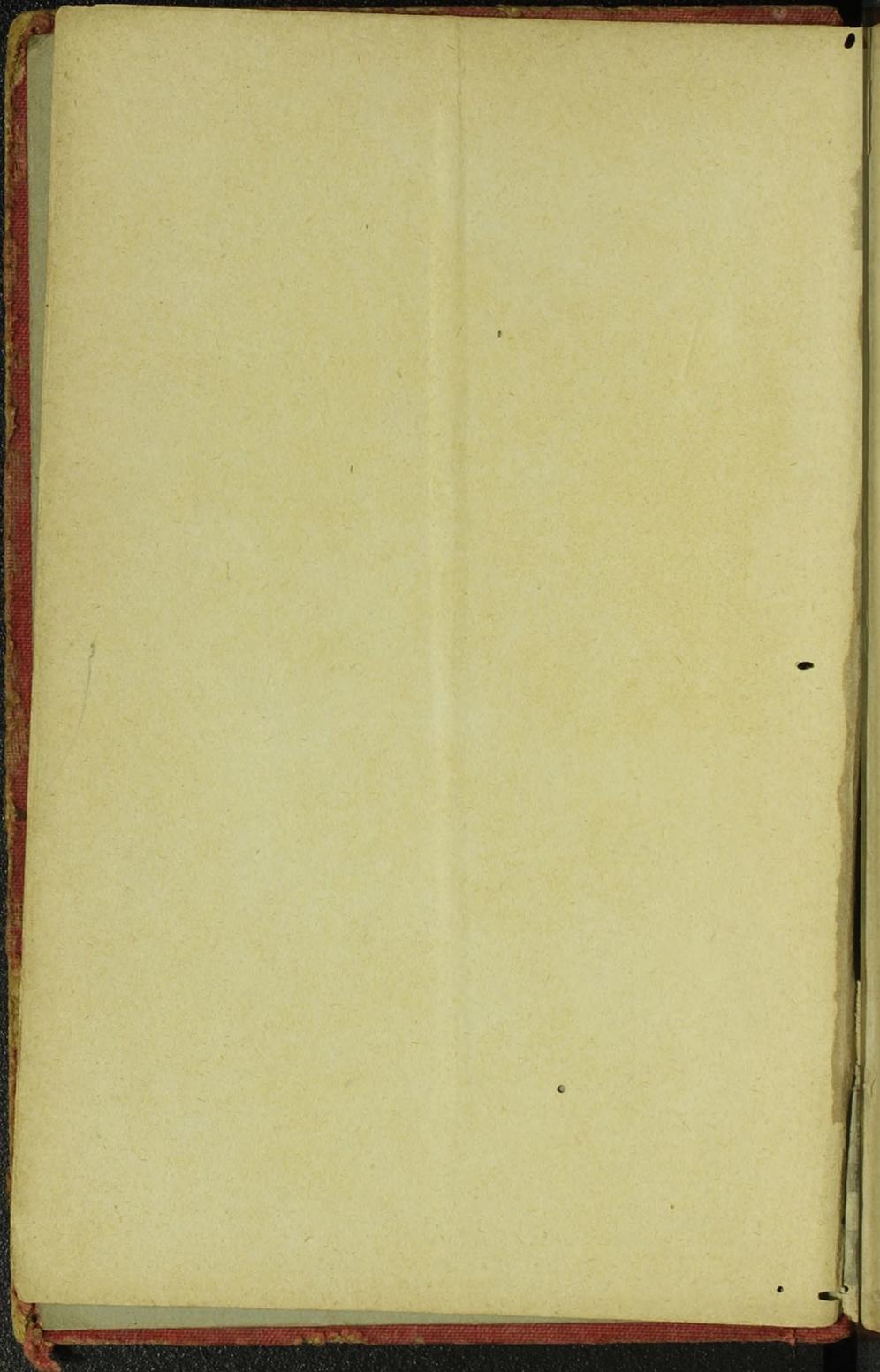


Rare



Handwritten signature or name in cursive script, possibly reading "V. B. ..."

LICÇÕES

DE

MYTHOLOGIA



PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

LIÇÕES
DE
MYTHOLOGIA

PARA USO
DOS ESTABELECIMENTOS DA INSTRUÇÃO PUBLICA
SEGUIDAS
D'UM DICIONARIO MYTHOLOGICO

TRADUZIDAS DA OBRA DO PREBYTERO LYONNAIS

PELOS SÑRS

ADOLPHO DAUX

E

D' ALVARES PINTO

Ornadas de numerosas estampas gravadas sobre madeira no texto



PARIS

V^a J. P. AILLAUD, GUILLARD E C^a

RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1867

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"

Tombo N.º 27461

MUSEU LITERÁRIO

MUSEUM OF THE
CITY OF BOSTON
LIBRARY
BOSTON, MASS.
MAY 10 1897

J. P. Barros

AOS NOSSOS RESPEITAVEIS CORRESPONDENTES

Muitas cousas ha de que não se aproveita, e cuja utilidade escapa á apreciação, por serem apresentadas sem discernimento. Entre ellas, pois, devemos collocar a Mythologia. Este estudo torna-se pernicioso, quando os autores não observam o respeito devido á mocidade. Porém, se for a Mythologia esclarecida com as luzes da philosophia christã, não contendo senão paginas dignas de serem lidas por todos, tornar-se-ha, então, um dos elementos da boa educação.

É, pois, para presentear a mocidade estudiosa com uma obra, ao mesmo tempo, util e agradável, que

mandámos traduzir o Tratado de Mythologia do veneravel abbade Lyonnais.

Esperámos ter, assim, augmentado com mais um volume o numero dos nossos bons livros.

Os editores,

V^a. J. P. AILLAUD, GUILLARD E C^a.

Handwritten signature or name in cursive script, possibly "A. B. de S. P." or similar, written diagonally across the top right corner of the page.

MYTHOLOGIA

INTRODUÇÃO

1. O que é a Mythologia?

É a explicação de todas as fabulas de que se compunha a religião dos Gregos e dos Romanos.

2. Não se chama tambem historia poetica?

Sim, porque deve os seus principaes adornos ás ficções dos poetas.

3. O que se deve entender por historia poetica?

Entende-se aquella que mistura o falso com o verdadeiro, e que foi pelos antigos considerada como a explicação maravilhosa da sua origem.

4. Tambem se dá o nome de Mythologia a outras fabulas além das dos Gregos e dos Romanos?

Sim, todos os povos pagãos e idolatras, antigos e

modernos tiveram e ainda têm algumas crenças cuja explicação é toda mythologica. É por isso que se diz: a Mythologia egypcia, indiatca, a dos Escandinavos, etc...

5. Que juizo se deve fazer de todas estas falsas religiões?

Os homens que tiveram, ou ainda têm, estas falsas crenças, são dignos de lastima. É preciso, porém, desprezando as narrações fabulosas, não considerar senão o grande espectáculo apresentado pelo homem que, civilizado ou não, por todas as partes e em todos os tempos, procurou elevar-se até ao conhecimento do seu Deus.

Se todos os homens não adoraram o verdadeiro Deus, todos desejaram conhecê-lo. Todos se consideraram como fracas creaturas d'um Ser Eterno e Todo-Poderoso que elles temem e invocam; pois, se muitos d'entr'elles praticam uma falsa doutrina, cujos principios são ás mais das vezes immoraes, e as ceremonias odiosas ou ridiculas, o erro em que vivem não é uma razão para deixarmos de admirar este sentimento universal da humanidade que procura o seu Creator. Entretanto, o christão deplora o erro dos homens que vivem fóra das suas proprias crenças, assim como se compadece do desgraçado viajante extraviado n'um deserto.

6. Porém não é para o christão uma necessidade

conhecer as fabulas que compõem todas estas falsas religiões?

Sim, o christão instruido deve estudar a Mythologia do mesmo modo que, não se limitando ao conhecimento das leis do seu paiz, busca instruir-se nas dos outros paizes.

7. Quantas são as Mythologias?

É incalculavel o seu numero; são tantas quantos são os povos pagãos e paizes idolatras; porém, entre ellas, distinguem-se algumas mais importantes, de que nos occuparemos successivamente :

1º A Mythologia Grega e Romana. Para nós, é esta a principal por causa do grande papel que representaram os povos que tinham estas crenças. Habitaram os paizes que agora occupam os christãos. A sua litteratura é a mãe da nossa. As suas artes ainda nos servem de modelo. Emfim, foi entre estes povos antigos que o christianismo se desenvolveo, luctando contra as suas superstições e triumphando sobre as ruinas de sua civilização.

2º A Mythologia Egypcia, mais antiga e cujos monumentos ainda subsistem nos paizes onde ella reinou.

3º A Mythologia Indiatica, ainda mais antiga que a precedente, e cujas crenças ainda subsistem nas margens do Ganges e do Indo.

4º As Mythologias Chinezas e Japonezas.

5° A Mythologia Escandinava.

6° A Mythologia dos habitantes das Gallias.

7° O Islamismo, ou religião de Mahomet.

8° A Mythologia dos Mexicanos e Peruvianos quando se descobrio o Novo-Mundo.

9° Emfim, a Mythologia de todas as hordas idolatras que ainda não foram convertidas pelo zelo dos missionarios christãos, e que dividiremos conforme os paizes que elles habitam.

8. Por ventura, será tudo diverso n'estas varias mythologias, ou haverá entre ellas alguns caracteres communs?

Ha certamente alguns pontos de semilhança entre ellas: com quanto sejam justamente qualificadas de polytheistas, o que significa religião na qual se accredita em muitos deoses, ha sempre um Deus que é superior aos outros.

Além d'isso, entre estas fabulas e doutrinas extravagantes, transparece o homem com o seu livre arbitrio e a sua responsabilidade moral; elle espera a recompensa e teme o castigo; em todas as crenças, encontra-se a grande distincção do *bem* e do *mal*, da *virtude* e do *vicio*. Prova esta mui palpavel de que não são vãs essas palavras, mas verdades incontestaveis que sempre serão reconhecidas pela humanidade.

DA MYTHOLOGIA PROPRIAMENTE DITA

OU

MYTHOLOGIA GREGA E ROMANA

9. Que conceito se deve fazer da Mythologia grega e romana, ou historia poetica?

É um tecido de creações extravagantes, e uma reunião de factos sem verosimilhança; muitas vezes porém, n'ella se descobrem factos historicos transformados, e ficções destinadas a pintar as paixões, as virtudes, e os vicios da humanidade. Os poetas ainda adornaram essas crenças populares para lhes darem um aspecto mais maravilhoso.

10. Qual é a origem da historia poetica?

Ha muitas :

1º A propria Historia sagrada, porém desfigurada.

2º Os factos acontecidos na historia dos diversos povos, e embellezados pela propensão que estes sempre tiveram para o maravilhoso.

3º O espectaculo da natureza, e o desejo de explicar a harmonia infinita da creação.

4º A corrupção dos homens, os quaes procura-

ram justificar suas paixões e vícios, attribuindo os mesmos vícios e paixões ás suas divindades.

11. Como póde a historia poetica tirar a sua origem da propria historia sagrada?

Á primeira vista, parece isso pouco verosimil, e comtudo é á historia sagrada que aquella deve a sua primeira e principal origem. A familia de Noé conservou por algum tempo o culto do verdadeiro Deos. Porém, quando se espalhou por differentes regiões, a diversidade das linguas e dos paizes que habitavam tornou-se uma causa immediata da alteração do seu culto. A verdade, que ainda não estava sancionada pelos escriptos, foi se escurecendo com um numero infinito de fabulas.

12. Que prova nos dareis vós do que affirmais a este respeito?

Citaremos a recordação dos grandes principios e acontecimentos da historia sagrada conservada entre os pagãos, não sem alguma mistura de ficções, porém com vestigios de verdades evidentes e inteiramente reconheciveis, taes como a crença d'um Deos Soberano, Todo-Poderoso, Senhor e Creador do Universo; a convicção da necessidade d'um culto exterior manifestado por ceremonias e sacrificios; e tambem, a crença uniforme e em geral concorde sobre certos factos, como a creação do homem pelas mãos do proprio Deos; o seu estado de felicidade e

innocencia indicado pelo seculo de ouro, quando a terra sem ser regada do seu suor, nem cultivada á custa de um trabalho penoso, lhe fornecia tudo a granel; a queda d'este mesmo homem, seguida d'um deluvio; emfim, a propagação do genero humano por um só homem e seus tres filhos.

Noé e os Patriarchas estavam perfeitamente convencidos das verdades que tinham tido o cuidado de inculcar a seus filhos; porém perdendo os seus vindouros pouco a pouco as ideias puras e sãs a respeito d'uma divindade occulta e invisivel, não foram mais sensiveis senão ás manifestações multiplices do seu poder.

13. O que resultou d'ahi?

Aconteceo que os homens criaram deoses entre os quaes uns presidiam aos fructos da terra, outros aos rios, uns á guerra, outros á paz, e assim por diante; deoses, cujo poder e funcções estavam limitados a certas regiões e a certos povos.

14. Não terá ainda a fabula uma outra fonte?

Póde-se considerar como uma das fontes da fabula o sentimento de admiração ou de gratidão que levou os homens a ligar uma ideia de divindade a tudo o que lhes impressionava a vista, ou que parecia ser para elles de qualquer utilidade, tal como o sol, a lua, as estrellas; os pais a respeito dos seus filhos, os inventores das artes uteis, os heroes que, por

qualquer virtude ou acção relevante, pareciam elevar-se a cima dos mais homens. Tal é a origem de todos estes semi-deoses que a fabula collocou no céo, reunindo a miudo, debaixo do nome d'um só, as acções de muitos outros.

15. Como é que a contemplação da natureza pôde gerar as crenças pagãs?

Reconhecendo que uma Providencia divina dirige todos os acontecimentos humanos, e que nenhum escapa á sua attenção, não cabia na alçada do entendimento dos homens que pudesse a divindade entrar em tantos promenores, e então entenderam que deviam allivial-a, attribuindo a cada deos em particular uma funcção propria e pessoal.

16. O que fizeram para este fim?

Como o cuidar de todos os campos era demasiado trabalho para um só deos, confiaram as terras a um, as montanhas a outro, as collinas a este, os valles áquelle. Santo Agostinho conta uma duzia de divindades, occupadas a roda d'um canudinho de trigo, de que cada uma d'ellas, conforme o seu emprego, toma um cuidado particular, desde o momento em que se lançou a semente no trilho até o trigo madurecer de todo.

17. Como é que a corrupção dos homens deo lugar á fabula?

Querendo encobrir e desculpar as suas desordens,

atribuíram ás divindades que tomavam para modelos, os seus proprios crimes, afim de, pelo seu exemplo, tornarem-se mais desculpaveis.

Os seus deoses são perfidos, crueis e apresentam o espectáculo de todas as fraquezas humanas. Assim, havia poesias immoraes, cantadas nas solemnidades e de que se pejavam os homens virtuosos. Scipião Nasica, escolhido pelo senado como o mais digno varão da republica para ir receber a estatua da Mãe dos Deoses, teria ficado muito sentido que sua propria mãe figurasse na cerimonia, e occupasse o lugar de Cybele.

Os philosophos censuravam *in petto* todas estas ceremonias; porém, em publico eram obrigados a se conformarem com ellas. Seneca, n'uma obra em que protesta energicamente contra estas superstições sacrilegas, declara, todavia, que deve o sabio sujeitar-se a ellas para não ir contra as leis do Estado, com quanto esteja persuadido que similhante culto não pôde agradar aos Deoses.

18. Que utilidade podem os meninos christãos tirar do estudo de tantas fabulas, com que o paganismo encheo os livros da antiguidade?

Este estudo, sendo feito com prudencia e sabedoria, pôde grangear muitas vantagens, pois far-lhes ha conhecer tudo quanto devem a Jesu-Christo que os fez passar das trevas para a luz admiravel do

Evangelho; sem estas verdades sagradas, estariam no mesmo estado de cegueira em que se achavam os homens d'aquelles tempos, até mesmo os mais sabios e timoratos. Cada historia da fabula, cada episodio da vida dos deoses deve, pois, excitar n'elles, ao mesmo tempo, um sentimento de confusão e de reconhecimento.

19. Qual é a outra vantagem que os Christãos podem tirar da fabula?

Mostrando-lhes as ceremonias absurdas e as maximas impias do paganismo, inspira-lhes uma nova veneração para a augusta magestade da Religião Christã e a sanctidade da sua moral. Theophilo, bispo de Alexandria, para de todo desarraigá a idolatria do espirito dos fieis, expoz á sua vista tudo o que se achou no interior d'um templo pagão que havia mandado derribar; pois, é essa, pouco mais ou menos, a impressão que deve produzir no espirito dos Christãos o estudo da fabula, impressão que ressentiram todos os defensores da Religião Christã.

20. Qual é a terceira vantagem da fabula?

Esta vantagem, muito importante, resulta da influencia que exerceram os autores gregos, latinos, e até francezes na leitura dos quaes ficaríamos a miudo embaraçados se não tivessesmes algum conhecimento da mythologia. Não fallámos aqui só-

mente dos poetas de quem ella é por assim dizer a linguagem natural, porém ainda dos oradores; ella lhes fornece ás vezes, por meio de felizes applicações, os rasgos mais vivos e eloquentes.

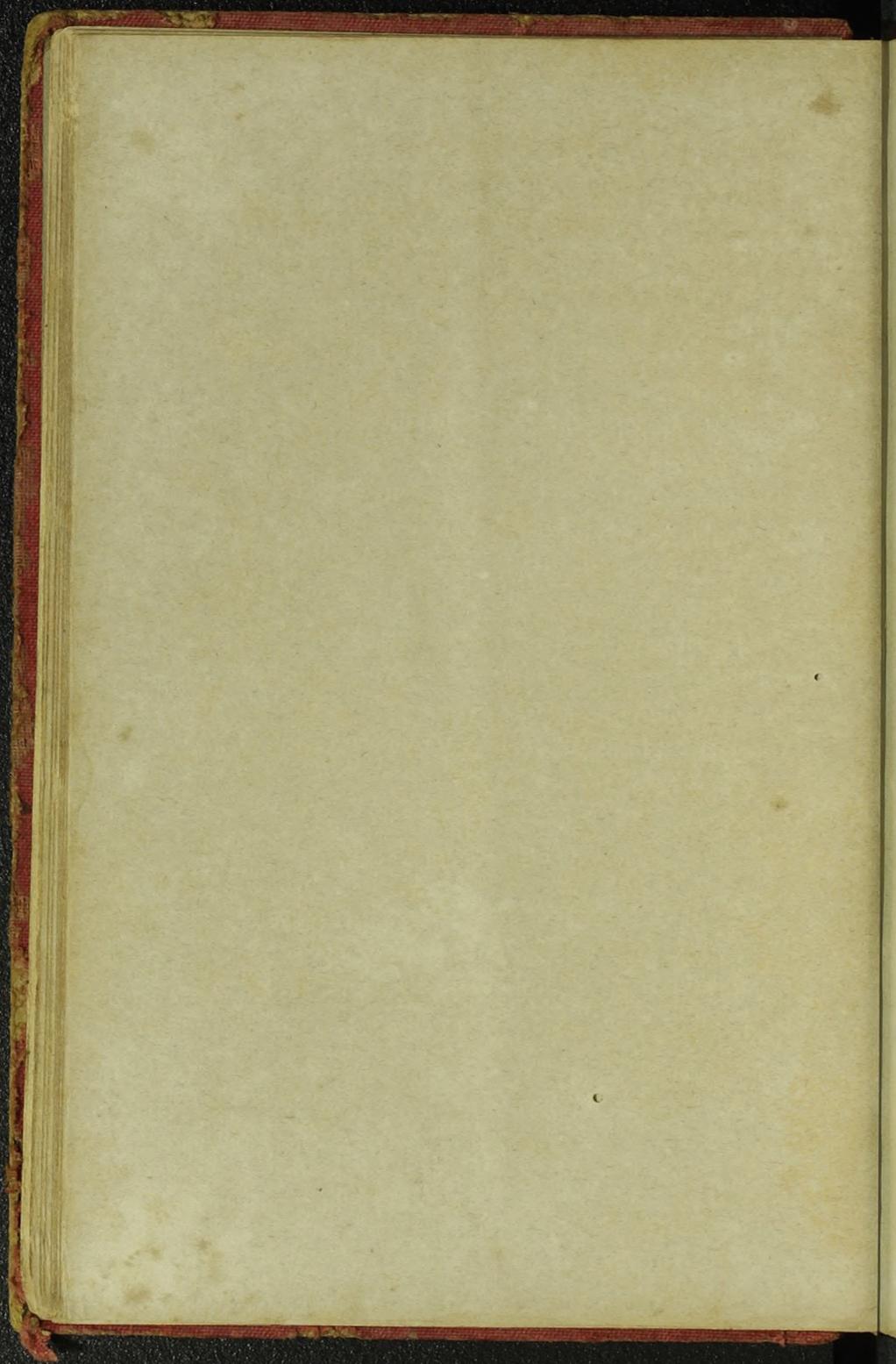
21. Não haverá alguma outra utilidade no estudo da fabula?

Cada dia, tem-se diante dos olhos quadros, estampas, tapeçarias e estatuas. São outros tantos enigmas para os que ignoram a mythologia?

Todos estes motivos bastam para provar a utilidade do estudo da fabula.

22. Em quantas partes se divide a mythologia?

Em tres partes : a primeira trata das principaes divindades; a segunda dos semi-deoses ou heroes; a terceira do culto que se dava a estas divindades, e dos jogos que se celebravam em honra d'elles.



PRIMEIRA PARTE

DAS PRINCIPAES DIVINDADES DOS PAGAOS

URANO ET TITEA

23. Quem era reputado como o mais antigo dos deoses?

Era Urano, chamado tambem Cælo, isto é o Céu. Era filho do dia e marido de Titea, sua irmã. Teve muitos filhos que do nome de sua mãe tomaram o de Titanes; como Titea significa a terra, foram tambem appellidos os filhos da Terra.

24. Quaes são os mais conhecidos d'estes filhos? Titan, Oceano, Ilyperion, Japheto, Saturno, Rhea ou Cybele, Thonis e Vesta.

Logo que se fizeram homens, procuraram desthronar o seu pai, que, sabendo das suas intrigas, se

armou contra elles e os fez prisioneiros, fóra Oceano que sempre lhe ficou submisso.

25. Não recobraram a liberdade?

Saturno, sendo solto por Titea, sua mãe, achou o meio de dar a liberdade a seus irmãos, e depois apoderou-se da pessoa e dos estados de seu pai.

26. O que foi feito de Urano, depois de sua derrota?

Reduzido á condição de um simples mortal, morreo de pezar; outros dizem que foi por ter sido mutilado por Saturno com um golpe da foice de diamante que lhe tinha dado Titea. O sangue que correo para o mar misturando-se com a espuma d'este, produzio o nascimento de Venus.

SATURNO

27. Quem succedeo a Urano?

Saturno, pela cessão que lhe fez Titan do seu direito de primogenitura. A cobiça, que tinha de reinar, o levou a mutilar seu pai e aceitar a corôa de Titan, com a condição de que nunca criaria filhos varões.

28. Observou fielmente este horrivel pacto?

Para cumprir a promessa que seu irmão d'elle exigira, ou talvez para illudir um oraculo de seu pai

que, quando foi mutilado por elle, lhe prognosticou que seus filhos o tratariam da mesma maneira, devorava-os, logo que Rhea ou Cybele, sua esposa, lhes dava á luz.

29. Foram todos os seus filhos victimas da sua crueldade?

Não; foram sómente Vesta, Plutão e Neptuno, porque sua mulher, tendo parido Juno e Jupiter, só lhe apresentou Juno, e poz em lugar de Jupiter uma pedra embrulhada que elle logo devorou. Esta pedra foi depois adorada debaixo do nome de deos Termo.

30. Tendo assim escapado Jupiter ao furor de seu pai, por quem foi criado?

Cybele, para impedir que tivesse a mesma sorte que Vesta, Plutão e Neptuno, tinha-se refugiado para lhe dar a vida n'uma caverna chamada Dicte na ilha de Creta; o mandou criar por duas nymphas d'este paiz, Adraste e Ida que se chamavam as Melissas, e confiou a sua educação aos Curetes ou Corybantes, sacerdotes de Cybele, muito instruidos na religião e adestrados nas armas.

31. Ficou a educação de Jupiter por muito tempo secreta?

De maneira nenhuma. Não obstante as precauções dos Corybantes que, dançando á roda da caverna onde o tinham escondido, e batendo sobre seus es-

cudos de bronze, procuravam impedir que se ouvissem os vagidos d'esta criança, Titan soube d'isso, e para se vingar, declarou guerra a Saturno.

32. Qual foi o resultado d'esta guerra?

Titan venceu a Saturno e o encarcerou com a sua mulher n'uma estreita prisão. Porém Jupiter, quando crescido em idade, soltou seu pai, e lhe deo uma beberagem com que lançou todos os filhos que devorára.

33. Ainda reinou Saturno muito tempo depois d'este acontecimento?

Crê-se que o seu reinado durou ainda muito tempo; receioso que seu filho o atraçoasse, armou-lhe ciladas para o fazer morrer secretamente, e depois, lhe declarou uma guerra aberta. Porém Jupiter alcançou a victoria e expulsou seu pai do céo, segundo fôra prognosticado pelo Destino.

34. Para onde se retirou Saturno depois da sua derrota?

Á Italia, onde foi acolhido por Jano que reinava n'aquella região.

35. O que se diz a respeito de Jano?

Apezar de ser originario da Thessalia, reinava na Italia quando alí chegou Saturno. Pelos seus conselhos, civilizou os seus povos, fez que se applicassem ás artes e ás sciencias, e lhes ensinou a agricultura. Este tempo feliz foi chamado pelos poetas

a idade de ouro. Mais tarde, Jano foi collocado no numero dos deoses, e passava por ser o deos da paz. Tinha um templo em Roma cujas portas não se fechavam senão quando a guerra tinha cessado em todo o imperio romano.

36. Como é que se representava Jano?

Sob differentes fórmãs, segundo os diversos povos entre os quaes era adorado. Os Phenicios, que o consideravam como o mundo, o representavam de baixo da figura d'um dragão enrolado em circulo e mordendo a caúda, para mostrar que o mundo se nutre, sustem-se, e gyra sobre si mesmo. Mais communmente, era representado com duas caras, porque segundo uns, governava dois povos, e conforme a opinião de outros, porque tendo partilhado o seu reino com Saturno, mandára cunhar medallhas, nas quaes havia d'um lado uma cabeça com duas caras, para dar a conhecer que o seu Estado era governado pelos conselhos de ambos. Pretendem outros que presidindo ao mez de Janeiro, que tinha o seu nome, olhava igualmente para o anno que acabava de decorrer, e para aquelle que principiava, pois tinha conhecimento do passado e do futuro. Os que o consideravam como o sol pretendiam que as duas caras serviam de indicar o nascente e o poente.

37. Não o representavam tambem com quatro caras?

Sim, e então era como o symbolo das quatro estações.

38. Sob que figura representavam Saturno?



Saturno.

Representavam-n-o ordinariamente sob a figura

d'um velho com uma fouce na mão, para mostrar que o tempo destroe tudo. Dava-se-lhe tambem olhos adiante e detraz, para indicar a sua penetração. Algumas vezes, estava com os pés encadeiados para significar que as sementes da terra, ás quaes presidia, estão presas e como inanimadas, até á epoca da sua festa, isto é, quando principiam a germinar e crescer.

JUPITER

39. De quem era filho Jupiter?

De Saturno e de Rhea.

40. Não succedeo a seu pai?

Sim, depois de expulsal-o do céo, apoderou-se do throno, dando o imperio das aguas a Neptuno, e o dos infernos a Plutão.

Antes de narrarmos a historia de Jupiter, notemos aqui quão esquecida e confusa já então se achava a noção pura da Divindade no espirito dos antigos; assim, Jupiter, o mais poderoso de todos, não era o mais antigo dos deoses; mas sim Urano como já o vimos.

41. Era por ventura todo poderoso?

Não, porque não podia infringir os decretos do Destino. Este Destino, que dizem ter nascido do

Chãos e da Noite, era uma divindade cega. Era a fatal Necessidade que regia todos os acontecimentos do mundo. Os outros deoses, e mesmo Jupiter, subordinados ás suas leis, iam consultal-o, porém nada podiam mudar a seus decretos irrevogaveis.

Representava-se o destino com os olhos vendados, tendo nas mãos uma urna ou um livro que encerra a sorte dos mortaes.

42. Era, porém, o Destino entre os antigos a personificação a mais mysteriosa da Divindade?

Não, porque elles invocavam o Deos desconhecido (*Deus ignotus*), e aqui vemos a confissão da vaidade de todas as suas crenças, e o reconhecimento implicito do verdadeiro Deos.

43. Quaes são os titulos que davam a Jupiter?

Chamavam-n-o Rei soberano do céo, Pai dos deoses, e Senhor dos homens.

44. Gozou Jupiter pacificamente do seu imperio?

Logo no principio, os Titanes ou Gigantes, com inveja do poder de Jupiter, querendo recobrar os seus direitos, formaram uma conspiração contra elle. Reuniram-se na Thessalia, e accumularam muitos montes uns sobre outros para escalarem o céo e o expulsarem d'elle.

45. O que fez Jupiter, n'este trance?

Chamou todos os deoses para que lhe acudissem; porém estes, aterrados pelo numero e furor dos Ti-

tanés, fugiram para o Egypto, onde se disfarçaram debaixo de diversas fórmãs de plantas e animaes; d'alí vem o culto que os Egyptcios davam aos animaes e ás plantas. Entretanto, Jupiter, ajudado por Baccho e Hercules, alcançou a victoria, fulminando os seus inimigos com o raio. Uns foram precipitados nos infernos, outros enterrados debaixo das ruinas do monte Etna.

Fui dos filhos asperrimos da Terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano :
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano :
(*Os Lusíadas*, canto Vº.)

46. Quem foi aquelle que mais se distinguio entre os Gigantes.

Foram Encelado, Briarco ou Egeon, o qual tinha cem braços e cem mãos, por isso, foi chamado o Centimano; foi este quem atirava contra os céos os maiores rochedos; Typhon, meio-homem, meio-serpente; Adamastor ou Damastor, etc.

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro :
(*Os Lusíadas*, canto IIº.)

47. Não passou Jupiter por outros desgostos depois de debarratar os Gigantes?

Sim, da parte de Prometheo que, sendo tambem da raça dos Titanes, formou um homem de terra amassada com agua, e o animou com o fogo que roubára do céu.

48. Qual foi a vingança que Jupiter tirou d'este attentado?

Mandou amarrar Prometheo no monte Caucaso, onde um abutre esfaimado lhe comia o figado ao passo que lhe ia renascendo.

49. O que fizeram os outros deoses n'esta occa-sião?

Formaram uma mulher que chamaram Pandora, isto é, um conjuncto de todas as prendas, e a mandaram a Prometheo como uma consolação a seus males.

50. Não desagradou esta acção a Jupiter?

Sim, e para se desaffrontar, ordenou elle a Pandora que fosse ter com Epimetheo, irmão de Prometheo para lhe entregar uma caixinha em que estavam encerrados todos os males. Epimetheo teve a imprudencia de abril-a, e logo, da fatal caixinha sahiram todos os males que se espalharam pela terra; só ficou no fundo a esperança, ultimo recurso dos infelizes.

51. Quanto tempo devia durar o supplicio de Prometheo?

Uns dizem que havia de ser eterno; conforme os

outros, não devia elle durar senão trinta mil annos. Entretanto, o proprio Jupiter o soltou alguns annos depois, para recompensal-o de lhe ter revelado o oraculo das Parcas que dizia que o filho de Thetis havia de ser mais poderoso do que seu pai. Porém, para não violar o seu juramento, elle ordenou que sempre trouxesse no dedo um anel de ferro no qual estava pregado um fragmento do rochedo do Caucasos, afim que se realisasse a sentença que sempre Prometheo ficaria pregado n'este rochedo.

Dizem os poetas que foi no tempo de Prometheo que teve lugar o diluvio de Deucalion seu filho.

52. O que dizem os poetas a respeito do diluvio de Deucalion?

Dizem que Jupiter, resollvido a exterminar os homens por causa da sua grande perversidade, fez cahir do céo torrentes de chuva que mundaram toda a superficie da terra á excepção do monte Parnaso, para onde se refugiaram Deucalion e Pyrrha, sua esposa, os quaes foram os unicos preservados por causa da sua virtude. Logo que começaram as aguas a diminuir e abaixar-se, Deucalion, vendo com amargura a terra inteiramente deserta, foi com sua mulher consultar a deosa Themis que dava os seus oraculos ao pé do monte Parnaso, para saberem como se haveriam para tornar a povoar o mundo.

53. Qual foi o oraculo de Themis?

Foi este : « Sahi do templo, cobri com um véo os rostos, desatai as cintas, e lançai para traz das costas os ossos de vossa avó. »

Depois de procurarem o sentido d'este oraculo, apanharam pedras e as lançaram para traz, observando as ceremonias que lhes haviam sido prescriptas. As pedras ao sahirem das mãos de Deucalion, se metamorphosearam em homens, e as que lançava Pyrrha tornaram-se mulheres.

54. Narrai-nos a historia de Jupiter ?

Comquanto alguns outros principes tivessem tido o nome de Jupiter, e a um só fossem attribuidas as aventuras de todos os outros, todavia, é certo que o mais celebre d'entre elles fôra o rei da ilha de Creta. Este Jupiter fez-se particularmente celebre pelas suas variadas metamorphoses.

55. O que pensais das diversas fórmãs sob as quaes dizem os poetas que apparecia Jupiter ?

Estas differentes fórmãs indicam os diversos meios que empregou para alcançar os seus designios. Por exemplo, citaremos a historia de Danae, mãe de Perseo. Dizem os poetas que, para chegar até a esta princeza que estava guardada com todo o cuidado, elle se metamorphoseou em chuva de ouro ; isto para significar que com dinheiro conseguiu subornar os guardas que o introduziram ao pé de Danae.

56. Narrai-nos mais algumas das suas metamorphoses?

Elle se metamorphoseou em cysne para enganar



Jupiter.

a Leda, mulher de Tyndaro, a qual deo á luz a Castor

e Pollux, assim como a Helena, depois mulher de Meneláo rei de Lacedemona; transformou-se em touro para raptar Europa, filha de Agenor, de quem teve Minos e Rhadamantho; tomou a figura de Diana para tentar Callisto, filha de Lycaon, que lhe deo Arcas; debaixo da figura de Amphitryão agradou a Alcmena, mulher d'este, de quem teve Hercules; tomou a figura d'um pastor para visitar Mnemosyne deosa da memoria, que foi mãi das nove Musas. Pois, a crermos os antigos poetas, não ha fórmãs que não tomasse para ser feliz uas suas emprezas amorosas. Transformou-se até em aguia para roubar Ganymedes, mancebo d'uma rara belleza, e o arrebatou para o céo, onde o empregou para lhe apresentar o nectar em vez d'Hebe.

57. Como é que se representa Jupiter?

De muitas maneiras, porém mais ordinariamente sob a fórmula d'un homem magestoso, com uma barba longa e basta, sentado n'um throno, tendo na mão direita os raios, e na esquerda a figura da victoria, ou um sceptro; a seus pés estava uma aguia, algumas vezes com as azas estendidas.

JUNO

58. Quem era Juno ?

Juno, filha de Saturno e de Rhéa, irmã e mulher de Jupiter, era considerada como uma das principaes divindades do paganismo. Os Gregos a chamavam a Senhora, Hera, a Dona, a Rainha; os Romanos, Juno, de *Juvans*, benefica; Lucina, porque presidia aos partos, e então, a representavam como uma matrona, tendo na mão direita um cyatho, e na esquerda uma lança; outras vezes vê-se sentada com uma criança enfaixada nos joelhos. Chamavam-na, tambem, Pronuba, porque presidia aos casamentos.

59. Quantos filhos teve Juno ?

Tres : Hebe, Marte e Vulcano.

60. O que diz a fabula a respeito de Hebe ?

Hebe era a deosa da juventude. Por causa de sua belleza, Jupiter a escolheu para que lhe desse de beber nos banquetes. N'um dia, tendo, por desgraça, tropeçado na presença dos deoses, ficou tão envergonhada, que nunca mais ousou apparecer-lhes. Hercules a desposou, e a seu pedido, ella remoçou Ioláo. Tambem foi chamada Juventa.

61. O que ha de notavel no comportamento de Juno a respeito de Jupiter?



Juno.

Juno, sempre irritada por causa da devassidão e

má conducta do seu marido, encarregou a Argo que tinha cem olhos, que o espiasse. Porém, Jupiter para ficar livre d'esta espiagem, ordenou a Mercurio que o matasse, o que fez este depois de adormecel-o com os sons de sua flauta. Juno, para immortalizar a lembrança d'Argo, poz os seus olhos na caúda do pavão, e quiz que esta ave lhe fosse consagrada.

62. Como era representada Juno?

Sob a figura d'uma mulher sentada n'um throno, com um sceptro d'ouro n'uma mão, e na outra um fuso; tem uma corôa na cabeça, e um pavão á sua illhaga.

OS MYRMIDONES

63. Qual era a origem dos Myrmidones?

A fabula diz que Eaco, rei de Beocia, vendo os seus estados despovoados por uma peste, mandada por Juno encolerizada, rogou a Jupiter que o livrasse d'aquelle flagello. Na noite seguinte, sahiram d'um carvalho velho uma multidão de formigas, que á medida que appareciam eram mudadas em homens; quando o principe accordou, annunciaram-lhe que os seus Estados estavam mais povoados do que d'antes.

IRIS OU ARCO-IRIS

64. O que se diz na fabula a respeito de Iris?

Assim como Mercurio era o mensageiro dos deoses, era Iris a sua mensageira. Juno a empregava para mandal-a sobre a terra. Os Gregos fizeram de Iris ou Arco-Iris uma joven, trajada com vestido de differentes côres, sentada perto do throno de Juno, e prompta para executar as suas ordens. Era-lhe tão affeioada que nunca a deixava, encostando-se ao throno da deosa quando precisava descansar. O seu mais importante emprego era ir cortar o cabello fatal ás mulheres que estavam para morrer. Porém, como não estava constantemente occupada n'esta funcção, cuidava, nos seus momentos de descanso do aposento da sua ama. Quando Juno voltava dos Infernos para o Olympo, era Iris que a purificava com perfumes.

APOLLO E O SOL

65. Quem era Apollo?

Apollo, que muitas vezes se confunde com o Sol, era filho de Jupiter e de Latona, e irmão de Diana.

Era tido pelo deos da poesia, da musica, dos oraculos e das artes.

66. Deve-se, então, distinguir, uma da outra, estas duas divindades?

Sim, porque nunca se accreditou que o filho de Jupiter e de Latona, expulso do céu e obrigado a guardar os rebanhos d'Admeto, fosse o mesmo que o filho de Hyperion e de Thyia, o deos que dava a luz ao mundo, o astro que derramava por toda a parte o calor e a fecundidade, e que se chama o sol. Nas medalhas e nos monumentos, sempre são differentes.

67. Como é que se representa o Sol?

Debaixo da fórma d'um mancebo, quasi nú, tendo só uma especie de manto sobre os hombros, com a cabeça rodeada d'um disco luminoso, e dentro d'um carro tirado por quatro cavallos que elle anima com o latego.

Algumas vezes representam-n o vestido, e no meio dos raios que rodeiam sua frente, vê-se o alqueire, symbolo de Serapis, divindade Egypcia, que muitas vezes se confunde com o Sol; a cornucopia, que este deos tambem traz na mão, quando percorre o universo diariamente, indica a abundancia que o sol derrama sobre este. Outras vezes, é representado ao sahir d'uma caverna, em pé no seu carro, para indicar o nascer d'este astro que vai principiando a sua carreira. Muitas vezes vê-se no carro em lugar

d'um homem, uma pedra redonda na base e rematando em ponta. Emfim, tambem se representa com a cabeça rodeada de raios, com azas, com cabellos compridos, crespos e annellados; traz na mão um tridente, uma meia-lua e um instrumento de musica. Estes symbolos se explicam do modo seguinte : a pedra indica o nascer do sol ; o tridente, que elle surge do Oceano; a meia-lua significa, que quando apparece o sol, desaparece Phebea; o instrumento de musica, a harmonia dos céos; e as azas, a rapidez com que gyra o sol.

68. Por que nomes são conhecidos os cavallos do Sol?

Chama-se o primeiro, Eoo ou *vermelho*, e designa o nascer do sol, cujos raios são avermelhados n'este momento do dia. O segundo, Pyrois ou *luminoso*; é a imagem das horas quando estes mesmos raios emergindo do horizonte, são mais claros, isto é, pelas nove ou dez horas da manhã. O terceiro, Ethonte ou *resplandecente*, é a hora do meio dia, quando a luz do astro está em sua maior intensidade. O quarto Phlegon, isto é, *que ama a terra*, representa o pôr do sol, que a esta hora parece aproximar-se do nosso planeta.

69. O que diz a fabula a respeito de Phaetonte, filho do Sol?

Phaetonte, n'uma occasião em que brincava com

Epapho, filho de Jupiter e de Io, teve com elle uma desavença, e este lhe lançou em rosto que não era filho do Sol, como imaginava. Phaetonte, indignado, foi se queixar d'isto a sua mãe, Clymene, a qual lhe aconselhou que fosse ter com seu pai, e lhe pedisse por prova de sua origem o deixar-lhe um dia conduzir o seu carro; Phaetonte fez o pedido que lhe aconselhava sua mãe. O Deos que tinha jurado pelo Styx conceder-lhe quanto lhe pedisse em penhor de sua ternura paternal, debalde procurou dissuadir seu filho da arriscada empreza; porém ligado por juramento, confiou-lhe, máo grado seu, o carro celeste. O temerario mancebo principiou a sua carreira; porém os cavallos estranhando a voz e a mão de quem os guiava, tomaram o freio nos dentes e não seguiram o caminho costumado. O Céu abrazou-se de repente, e a Terra assustada, dirigio uma supplica a Jupiter, pedindo-lhe soccorro. O deos, commovido pelas queixas d'esta deosa, precipitou o ousado Phaetonte no Eridano, onde se afogou. As Heliadas, suas irmãs, lamentaram-se tanto da sua morte que os deoses as metamorphosearam em alamos. Cygno, seu irmão, chorou tanto a desgraça de Phaetonte que morreo de dôr, e os deoses, compadecidos, mudaram-n-o em cysne.

70. Contai o motivo da fugida de Latona para a ilha de Delos.

A fabula conta que Jupiter, tendo-se deixado captivar pela formosura de Latona, Juno, ciumenta, a perseguio com um furor de que não ha exemplo. Confiou a sua vingança á serpente Python, e como se o universo tivesse compartilhado o seu odio, a desgraçada Latona não achou um asylo para retirar-se. Condoendo-se Neptuno d'ella, fez sahir do fundo do mar a ilha de Delos, e Latona, metamorphoseada em cardoniz, foi occultar-se n'ella, e alí deo á luz a Apollo e Diana.

71. Qual é a descripção que fazem os poetas da serpente Python?

Dizem que tinha cem cabeças, e que das suas cem boccas sahiam chammass e huivos tão horriveis que assustavam os homens e os deoses. Seu corpo, cuja parte superior estava coberta de pennas, rematava como o de uma serpente; o monstro era de uma altura tal que quando se erguia, a cabeça roçava com o céo. Teve por filhos a Gorgone, o Geron, Cerbero, a Hydra de Lerna, o Sphynx, e a aguia que devorava as entranhas de Prometheo. Apollo, para vingar a sua mãe, matou Python com settas, e da pelle do monstro, cobrio a tripeça na qual se assentava a Pythonissa para pronunciar os seus oraculos.

Para memoria d'esta acção, instituiram-se os jogos Pythicos que se celebravam de quatro em quatro annos.

72. Não foi depois d'esta victoria que Apollo teve um filho ?

Sim, e este filho foi Esculapio que elle tirou do ventre de Coronis, depois de a matar. O deos que amava esta nympha, filha de Phlégyas, foi avisado pelo corvo que ella amava um mancebo chamado Ischys, o que tanto irritou Apollo que os matou ambos. Arrependeo-se logo de sua vingança, e, para castigar o corvo que o tinha informado d'esta infidelidade, o mudou de branco para preto.

73. Qual foi a vingança que tirou Apollo da morte de Esculapio ?

Não podendo vingar-se de Jupiter, matou os Cyclopes que haviam forjado o raio com que Esculapio fôra fulminado (Vede *Esculapio*).

74. Não foi Apollo castigado por causa d'esta acção ?

Sim; Jupiter o expulsou do céo, e o privou da divindade por algum tempo.

75. Para onde se retirou Apollo depois de sua desgraça ?

Para a Thessalia, onde, para ganhar a sua vida, foi constringido a guardar os rebanhos de Admeto que reinava n'este paiz. Porém tendo-lh'os roubado Mercurio, assim como o seu arco e as suas frechas, foi com Neptuno fabricar tijolos para ajudar Laomedonte a reedificar as muralhas de Troia. Acabada

a obra, tendo-lhes Laomedonte negado o salario prometido, Apollo affligio o paiz com uma peste, e depois d'uma terrivel inundação, Neptuno mandou assolar o paiz por um monstro. O oraculo consultado pelos Troianos, respondeo que para se verem livres d'estas calamidades, era preciso repararem a injuria feita aos deoses, expondo ao monstro, Hesione filha de Laomedonte; porém Hercules libertou esta princeza, com a condição que a desposaria; o desleal Laomedonte recusou dar-lhe sua filha, e então Hercules o matou, e deo Hesione a Telamon que a levou para a Thracia.

76. O que aconteceu a Apollo no seu desterro?

Namorou-se da joven Daphne, filha do rio Peneo. Esta nymphá, que não gostava d'elle, querendo fugir ás suas instancias, implorou o soccorro de seu pai que instantaneamente a mudou em louro. Apollo quiz que este arbusto lhe fosse consagrado.

77. Não teve este deos outros amores?

Amou ainda outras nymphas, entr' ellas Leucothoe, filha de Orchamo e de Eurynome, que seu pai enterrou viva. O deos a metamorphoseo na arvore do incenso, a qual deo o nome de Leucothoe. Clycia, filha do Oceano e de Tethys, rival de Leucothoe, deixou-se morrer á mingoa pelo ciume que d'isso concebeo. Apollo a mudou em uma flor chamada gyrasol.

78. O que diz a fabula a respeito de Hyacintho, favorito d'Apollo?

Diz que este mancebo, filho de Piéro et de Clio, foi amado apaixonadamente por Apollo, e tambem por Zephyro. Este ultimo, encolerizado por vê-lo jogar a barra com Apollo, atirou-lhe com ella na cabeça, e matou-o. Apollo converteo o joven em uma flor que depois foi chamada hyacintho.

79. Não amou Apollo tambem a Cyparisso?

Este mancebo, que a uma rara belleza unia muito talento para a poesia e as bellas-artes, foi extremamente amado por Apollo. Tendo, por acaso, matado um veado que criára, ficou tão sentido d'isso que suicidou-se, e Apollo o metamorphoseo em cypreste, querendo que para o futuro, esta arvore fosse o symbolo da tristeza.

80. Qual foi o singular presente feito por Apollo a Midas?

Midas, filho de Gordio e rei de Phrygia, tinha recebido de Baccho a faculdade de mudar em ouro tudo o que elle tocava. Porém arrependeo-se logo de ter feito tal supplica, e então rogou a Baccho que lhe tirasse este dom, o que obteve, lavando-se no Pactolo. Depois, tendo dado a supremacia ao canto do deos Pan sobre Apollo, este, para vingar-se, fez que lhe crescessem orelhas de burro, para indicar a grosseria e estupidez d'este principe. Midas

cuidou muito em desfarçar esta deformidade com um barrete phrygio, porém o seu barbeiro que não podia ignoral-a e a não ousava divulgar, alliviou-se d'este segredo, confiando-o á terra d'onde brotaram cannas, as quaes, quando agitadas pelo vento, faziam ouvir estas palavras : O rei Midas tem orelhas de burro.

81. Não foi o satyro Marsyas ainda mais maltratado do que Midas?

Sim; este satyro que foi o primeiro que compoz a musica dos hymnos consagrados aos deoses, e que acompanhou Cybele em todas as suas peregrinações, atrevo-se, um dia, a desafiar Apollo a quem melhor cantaria. O deos aceitou, com a condição que o vencedor poderia infligir ao vencido o tratamento que quizesse, e tendo alcançado a victoria, o mandou esfolar vivo.

82. Porque matou Apollo os filhos de Niobe?

Niobe, filha de Tantalo, e mulher de Amphion, teve quatorze filhos; encolerizada por ver que se dava um culto religioso a Latona e que a ella nem um altar se lhe erigia, corria pelas ruas de Thebas, para fazer cessar os sacrificios que se offereciam a Latona. A deosa recorreo a Apollo e a Diana para que a vingassem, e estes tendo apanhado fóra da cidade os filhos de Niobe que se divertiam á caça, mataram-n-os ás frechadas. A mãe, consternada de

dôr, desfez-se em lagrimas, e foi convertida em pedra.

83. Por que se tornou Apollo tão celebre no paganismo?



Apollo.

Pelos oráculos que proferia em muitos lugares,

mas, sobretudo, em Delphos, onde tinha um magnifico templo.

84. Como era representado Apollo?

Sob a figura d'um mancebo, com a cabeça rodeada de raios, com a cornucopia n'uma mão, e na outra a bola do mundo. A seus pés estão a sua lyra, e uma aljava cheia de frechas; outras vezes, elle tem a sua lyra na mão, e junto a si os instrumentos proprios ás artes.

Vêdes a grande terra, que continua
 Vai de Callisto ao seu contrario Polo,
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal, que a côr tem do louro Apóllo :
 (*Os Lusíadas*, canto X°.)

AS MUSAS

85. O que se diz das Musas?

As Musas, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, eram as deusas das sciencias e das artes.

86. Quantas eram?

Eram nove : Clio, Euterpe, Thalia, Melpomene, Terpsichore, Erato, Polymnia, Urania e Calliope.

87. Como é que as representavam?

Clio, que preside á historia, é sempre representada na figura d'uma donzella coroada de louro,

tendo na mão direita uma trombeta, e na esquerda, um livro.

Euterpe preside á musica, e é representada sob a figura d'uma donzella corôada de flores, tendo junto a si papeis de solfa, uma flauta, boés, e outros instrumentos de musica.

Thalia, a brilhante, que preside á comedia, era representada na figura d'uma donzella corôada de hera, com uma mascara na mão, e calçada com cothurnos.

Melpomene, a fagueira, deosa da tragedia, se apresenta sob a figura d'uma donzella, com ar serio, vestida sumptuosamente, calçada com cothurnos, tendo sceptros e corôas n'uma mão, e um punhal na outra.

Terspsichore, a divertida, deosa da dança, pinta-se sob a figura d'uma donzella que dança, corôada de grinaldas, com uma harpa na mão, e varios instrumentos de musica á roda de si.

Erato, a amavel, musa da poesia lyrica, é representada debaixo da figura d'uma joven prazenteira, tendo ao pé de si um pequeno Cupido com azas, seu arco, e aljava.

Polymnia, que presidia á rhetorica, representa-se com uma corôa de perolas, vestida de branco, sempre com a mão direita estendida em acção de orar, e tendo um sceptro na mão esquerda.

Urania, ou a celebre, presidia á astronomia; é representada sob a figura d'uma donzella com roupas azues, corôada d'estrellas, sustentando um globo com ambas as mãos, e rodeada de muitos instrumentos de mathematica.

Calliope, a maviosa, era a musa da eloquencia e da poesia heroica. Os poetas a representam como uma donzella corôada de louro e grinaldas, com um ar magestoso; uma trombeta na mão direita, e na esquerda, um livro; junto d'ella estão os tres melhores poemas epicos: a Iliada, a Odyssea, e a Eneida.

Agora tu, Calliope, me ensina
 O que contou ao Rei o illustre Gama;
 Inspira immortal canto, e voz divina
 N'este peito mortal, que tanto te ama:

(*Os Lusíadas*, canto IIIº.)

88. Não as representam algumas vezes com azas?

Sim, por isso que tendo-se recolhido em casa de Pyreneo, e este tyrano querendo estupral-as, ellas pediram azas aos deoses para fugirem. Esta allegoria foi imaginada para indicar que Pyreneo que reinava na Phocida, não gostava das bellas-lettras.

89. Qual era a morada habitual das Musas?

Sobre o monte Parnaso, e por vezes no Helicon, Piero e Pindo. Muitas fontes, como a Hippocrene, e

a Castalia eram-lhes consagradas assim como o rio Parnasso.

90. Que era o cavallo Pegaso que pastava n'estas montanhas?

Era um cavallo com azas que nasceu do sangue de Medusa, quando Perseo cortou a cabeça a esta Gorgone. Logo em nascendo, deo com o pé no chão, e fez rebentar uma fonte que por isso foi chamada Hippocrene. Perseo estava montado n'elle quando livrou Andromeda.

DIANA

91. O que dizem os poetas a respeito de Diana?
Diana, deosa da caça, e da castidade, era filha de Jupiter e de Latona, e nasceu com Apollo na ilha de Delos.

92. Não tinha outros nomes?

Só se chamava assim sobre a terra; porém era Ilcate ou Proserpina no inferno, e Phebe ou Lua no céu; por isso, a pintavam também os antigos com tres rostos.

93. Qual foi a virtude que a distinguio particularmente?

Foi a sua excessiva castidade que fez com que metamorphoseasse em veado, Acteon, que olhára

para ella quando se estava banhando. A sua comitiva compunha-se de uma tropa de nymphas, cada



Diana.

qual mais formosa, e não lhes consentia serem menos castas do que ella, e por isso, expulsou da sua companhia Calisto que se deixára seduzir por Jupiter.

94. Em que attitude se representa Diana?

As mais das vezes, segurando um corço pelos cornos, tirando da outra mão uma frecha da aljava; tambem a representam assentada n'um carro puxado por corças, armada d'um arco e com aljava cheia de frechas, com uma meia-lua na testa.

Tinha em Epheso um templo que era considerado como uma das sete maravilhas do mundo.

MINERVA OU PALLAS

95. Quem era Pallas?

Pallas, aliás Minerva, era considerada no paganismo como a deosa da sabedoria, da guerra, e das artes. Era filha de Jupiter, que a fez sahir de seu cerebro armada da cabeça aos pés, ajudado por Vulcano que lhe abriu a cabeça com um machado.

96. Não será esta deosa que deo o nome á cidade de Athenas?

Sim; Cecrops estando a edificar uma cidade na Grecia, Neptuno quiz dar a esta seu nome, e disputou com Minerva que então se chamava Athena, e que queria tambem ter esta honra. Os doze grandes deoses foram escolhidos para servirem d'arbitros n'esta contenda, e então decidiram que ca-

beria a referida honra áquelle que produzisse a cousa mais proveitosa para a cidade.

Neptuno, dando um golpe com o seu tridente, fez sahir da terra um cavallo, e Minerva, com a sua lança, uma oliveira, symbolo da paz; a decisão dos deoses foi a favor de Minerva, que deo seu nome á cidade de Cecrops.

Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
D'elle o cavallo houeram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

(*Os Lusíadas*, canto VI°.)

97. Não teve Minerva mais outra desavença com Arachne?

A filha de Idmon, Arachne, da cidade de Colophon, quiz, um dia, desafiar Minerva a quem melhor bordaria certa tapeçaria. A deosa aceitou o desafio, porém, vendo que a obra da sua competidora era mais perfeita, atirou-lhe a sua lançadeira á cabeça; Arachne desesperou-se a tal ponto que se enforcou. Os deoses, compadecidos, a metamorphosaram em aranha.

98. Como é que se representa Minerva?

Com um capacete na cabeça, a lança n'uma das mãos, e um escudo na outra, tendo a égide sobre o peito.

99. O que é a égide?

A égide, segundo a etymologia d'esta palavra, é



Minerva.

uma pelle de cabra que servia de couraça a esta deosa, e sobre a qual estava gravada a cabeça de Medusa. Todavía, ha alguns autores que pretendem

ser a égide a pelle d'um monstro chamado Egide, o qual lançava fogo pela bocca, e assolava a Europa e a Lybia. Dizem que Minerva o matou, e com sua pelle, cobrio o seu escudo. Tambem, n'elle mandára gravar a cabeça da mais velha das Gorgones, rodeada de cobras, e este terrivel escudo mettia medo a todos os que olhavam para elle. Antes d'isso, todos os escudos dos deoses chamavam-se égides; porém, depois da victoria alcançada por Minerva, este nome ficou unicamente attribuido ao seu escudo.

100. Não confundiram ás vezes Minerva com Bellona?

É verdade; porém os autores mais remotos as distinguem e dizem que Bellona era filha de Phorco e de Ceto, irmã de Marte. Os poetas a pintam como uma divindade guerreira que tinha a seu cargo preparar o carro e os cavallos de Marte, quando este deos ia á guerra. Representa-se, com um azorrague ou um archote enflammado na mão, animando os guerreiros no meio dos combates.

MERCURIO

101. Quem era Mercurio?

Era filho de Jupiter e de Maia, uma das Pleiades e filho de Atlas e de Pleione.

102. Quaes eram as funcções de Mercurio?

Entre todos os deoses do paganismo, nenhum houve que tivesse tantas occupações como Mercurio. Os Gregos o chamavam *Hermes* que significa mensageiro e interprete. O seu nome latino deriva de *merces*, mercadorias. Interprete, ministro fiel dos outros deoses, e particularmente de Jupiter, seu pai, servia-os com zelo incansavel, até em missões pouco delicadas. Era elle encarregado de conduzir as almas dos defunctos para os infernos, e tambem de as tirar d'alí. Além d'isso, era o deos da eloquencia, dos viajantes, mercadores, e até dos ladrões. Embaixador e plenipotenciario dos deoses, tomava parte em todos os tratados de paz e d'alliança.

103. Como é que representavam Mercurio?

Como deos dos mercadores e dos ladrões, pintavam-n-o ordinariamente com uma bolsa na mão; porém, como grande negociador entre os deoses e os homens, levava o caduceo, symbolo da paz. Tem azas no galero, nos calcanhares, e em cima do seu caduceo, para indicar a sua presteza em cumprir as ordens dos deoses. A vigilancia que requerem tantos deveres fez com que lhe dessem um gallo por symbolo. Era pintado sob a figura d'um bello manco de estatura esbelta, ora nú, ora com um manto que não lhe cobria senão meio corpo.

104. O que era o caduceo que trazia na mão?

Era uma vara na qual duas serpentes estavam de tal modo enroscadas que as partes superiores dos seus corpos formavam dois arcos, enquanto que suas cabeças excediam o caduceo.



Mercurio.

105. Em que occasião foram estas duas serpentes collocadas na vara de Mercurio?

A este respeito ha muitas versões differentes. Diz Athenagoras que Jupiter tendo-se namorado de Maia, ella mudou-se em cobra, que Jupiter tomára a figura d'uma serpente, e que são estes mesmos reptis que Mercurio traz no seu caduceo. Segundo outros antigos, Mercurio, tendo achado sobre o monte Cytheron duas serpentes que brigavam, tinha apaziguado o seu furor, separando-as com a sua vara, na qual se enrolaram; é por isso, acrescentam estes autores, que depois o caduceo foi sempre considerado como o symbolo da paz.

106. Não incorreo Mercurio o desfavor de Jupiter?

Sim; não obstante os serviços que fizera a Jupiter, cahio no desagrado d'este deos, que o expulsou do céo. Dizem que durante o seu desterro, roubára os bois d'Apollo e que o pastor Batto, unica testemunha d'este roubo, e que promettêra não revelal-o, tendo faltado á sua palavra, foi por elle mudado em pedra de toque.

MARTE

107. O que dizem a respeito de Marte?

Marte, filho de Juno, era o deos da guerra e presidia a todos os combates. Os seus cavallos chama-

vam-se o terror e o medo; o furor e a colera figuravam no seu capacete; a fama o precedia por toda a parte onde ia, e a raiva andava adiante d'elle.



Marte.

108. Como é que se representa este deos?

Representam-n-o sempre armado da cabeça aos pés, com um gallo junto a si, por ter transformado n'este ave o seu privado Alectryon, o qual, estando de sentinella ao tempo que elle estava com Venus, o deixou ser surprehendido por Vulcano, marido d'esta deosa :

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia,
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 O porque a gente forte o merecia ;
 (*Os Lusíadas*, canto I°.)

VENUS

109. Quem era Venus?

Ao dizer dos poetas, Venus foi formada da espuma do mar, misturada com o sangue derramado da ferida que Saturno fizera a Urano seu pai, posto que pretendam alguns que seja filha de Jupiter e de Dione. Porém, como o seu nome vem de *vener* que na lingua celtica significa *bella*, foi elle dado á maior parte das mulheres que se tinham tornado celebres por sua belleza.

110. Quem é que cuidou da sua educação?

Jupiter encarregou d'ella as Horas, suas filhas,

que, depois do seu nascimento, a transportaram aos céos, onde os deoses a acharam tão linda que quizeram desposal-a.

111. Quem foi o esposo de Venus?

Foi Vulcano, em recompensa dos raios que forjára a Jupiter contra os Gigantes. Esta deosa, não podendo aturar o marido, por causa de sua fealdade, teve um semnumero de aventuras galantes, sendo a mais conhecida aquella em que figurou o deos Marte. Tendo-a Vulcano sorprendido com este deos, cercou o lugar de uma rede delgada e quasi imperceptivel, e convocou os deoses que então zombaram d'elle. Diz-se que Cupido era filho de Marte. Esta deosa tambem amou a Adonis, filho de Cyniras e de Myrrha, rei de Chypre, e a Anchises, principe troiano, que ella desposou e de quem teve Enéas.

112. Quaes foram os filhos de Venus?

Teve entr'outros o deos Hymeneo, Cupido e Priapo.

113. Como é que representavam Venus?

De muitas maneiras: ou tendo na mão um globo celeste para indicar a Venus Urania ou celeste, ou sentada sobre um golfinho, com uma pomba á ilharga; outras vezes com Adonis acompanhado de seus cães. Tambem é pintada com o Amor e as tres Graças; já sahindo do mar, sentada n'uma concha puxada por tritões, e rodeada de nymphas, já n'um

carro tirado por dois cavallos marinhos ; porém, ás



Venus.

mais das vezes, seu carro é puxado por cysnes ou por pombas. Algumas vezes, apparece ella apoiada

n'um tritão, tendo na mão um escudo sobre o qual se vê uma cabeça.

Sustentava contra elle Venus bella,
 Afeiçãoada á gente Lusitana
 Por quantas qualidades via nella
 Da antigua tão amada sua Romana :

(*Os Lusíadas*, canto I°.)

114. Não possuía Venus um cinto particular?

Sim, e este cinto inspirava tão infallivelmente o amor que Juno lh'o pedio emprestado para conseguir ser amada de Jupiter.

115. Porque representavam Venus acompanhada de Adonis ?

É porque a deosa amou apaixonadamente este mancebo, que era dotado d'uma rara belleza. Era grande caçador, e Venus, que o acompanhava nas suas excursões, teve a magoa de o ver morto por um javali; foi por ella metamorphoseado em anemona. Proserpina condoida do pranto de Venus, prometteo restituil-o com a condição de que o conservaria durante seis mezes do anno. Porém Venus, depois de tê-lo em seu poder, faltou á convenção, e d'ahi resultou entre as duas deosas grande debate, o qual Jupiter terminou, ordenando que Adonis fosse livre quatro mezes do anno, passasse quatro outros com Venus, e o resto com Proserpina.

116. Quaes são os lugares em que esta deosa era adorada?

Edificaram-lhe templos por toda a parte. Os mais somptuosos eram os de Cythera, Paphos, Lesbos, Amathonta, Gnido e Chypre.

O HYMENEIO

117. O que se diz do Hymeneio?

Era filho de Venus, e invocado nos casamentos.

118. Como é que se representava o deos Hymeneio?

Sob a figura d'um mancebo corôado de rosas, tendo na mão direita um archote, e na esquerda, um véo cõr de fogo, e algumas vezes amarellado.

CUPIDO

119. O que nos ensina a fabula a respeito de Cupido?

Cupido, ou Amor, filho de Marte e de Venus, presidia aos prazeres.

Para exprimir que elle distribue cegamente os seus favores, pintavam-n-o como um menino sempre nú, algumas vezes com uma venda nos olhos, arco e aljava cheia de settas ardentes. Outras vezes, ve-se

como uma criança que brinca com Venus, sua mãe. Esta tem a aljava levantada, e seu filho procura alcançá-la, pulando e segurando já uma setta. Ora Venus o tem ao seu collo, ora elle traz um capacete na cabeça, uma lança e um escudo, n'uma attitude triumphante.

AS GRAÇAS

120. O que dizem das Graças?

As Graças aliás Charites, filhas de Jupiter e de Venus, conforme a opinião mais accreditada, eram tres : Thalia, Aglaia e Euphrosyna. Sempre acompanhavam a Venus, e estavam vestidas de gaze para mostrar que se, ás vezes, se chama a arte para ajudar a natureza, não se devem empregar os ornamentos artificiaes, senão com muita reserva. Também se representavam n'úas para indicar que nada é tão amavel como a natureza singela. Eram representadas moças porque sempre se consideraram as prendas como dadas da juventude. Emfim, appareciam na attitude de pessoas que estão dançando, com ar risonho, e dando-se a mão. Algumas vezes, uma d'ellas segurava uma rosa ; outra, um ramo de myrto, porque estas duas flores são particularmente consagradas a Venus e ás Graças; a terceira tem na mão

um dado para marcar a inclinação que a mocidade tem para os jogos.

COMO

121. Quem era Como?

Sendo os festins e as lutas mesas sempre do gosto de muita gente, era preciso que a elles presidisse uma divindade qualquer; por isso, criaram os antigos o deos Como para os banquetes e a alegria.

MOMO

122. Quem era Momo?

Momo, filho do Somno e da Noite, era o deos da zombaria e dos bons ditos. Sobremodo satirico, nada deixava escapar; os deoses, e até o proprio Jupiter, eram os alvos das suas mais mordazes zombarias.

DIVINDADES DA TERRA

123. Não tinha a terra as suas divindades particulares?

O paganismo, não obstante ter enchido o céu e o mar com deoses e deosas, ainda com elles povôou a terra inteira que tambem era uma divindade, e todas as suas partes tinham cada uma o seu deos proprio; assim, os bosques tinham as suas Dryadas, suas Hamadryadas, seus Satyros, etc.; as montanhas, suas Oreades; as colheitas, os jardins e os campos, uma infinidade de deoses que a elles presidiam e cuidavam em preservarem os fructos; as casas tinham os seus Lares ou Penates, e cada um d'aquelles deoses tinha as suas honras e o seu culto.

124. Eram animados todos estes deoses?

Ainda que a maior parte d'estes deoses não fossem senão seres physicos, inventados pelo temor ou pela necessidade, todavia não se pôde negar que houvesse alguns considerados como deoses animados; eram homens illustres que se distinguiram quer na cultura dos campos e dos jardins, quer por

qualquer invenção util á lavoura, e que, por isso, receberam as honras da apotheose.

DÆMOGORGON

125. Quem collocais vós á testa das divindades da terra?

Collocâmos justamente Dæmogorgon á testa das divindades da terra, por ser elle o seu genio, assim como indica o seu nome.

Era um velho pallido, coberto de terra ou musgo, e que morava nas entranhas da terra. Accrescentam que n'um dia, aborrecido de viver assim n'esta triste solidão, formou uma bola sobre a qual sentou-se, e tendo-se elevado aos ares, rodeou toda a terra, e assim formou o céu. Além d'isso, passando por acaso por cima dos montes Acroceraunios, d'elles tirou um pouco de limo enflammado que lançou ao céu para alumiar o mundo; d'ahi nasceo o Sol que elle casou com a Terra e de quem nasceram o Tartaro e a Noite.

126. Quaes foram os filhos de Dæmogorgon?

O primeiro dos seus filhos foi a Discordia litigiosa. Dæmogorgon, perturbado na sua gruta pelas dôres de que padecia, chamou o Chãos; este abriu-lhe a barriga e tirou a Discordia, que então deixou o fundo

da terra para habitar na sua superficie. Nasceram da mesma maneira Pan, as tres Parcas, depois o Céu, Python, a Terra, e enfim o Erebo.

A TERRA

127. A Terra não foi tambem adorada debaixo de diferentes nomes?

Como os antigos não conheciam depois do Chãos, cousa mais antiga do que o Céu e a Terra, foi esta uma das suas principaes divindades. Deram-lhe diversos nomes; o primeiro foi o de Titea que quer dizer *lodo*; tambem a chamaram Rhea, e muitas vezes a confundiram com Diana, Ceres e Proserpina; enfim Ops, Vesta, Bona, Dea, Cybele eram outros tantos nomes que tambem davam á Terra. Porém como explicaremos todos estes nomes no artigo seguinte que trata de Cybele, d'elles não fallaremos aqui; só diremos que a Terra era representada algumas vezes sob a fórma d'uma esphera.

RHEA OU CYBELE

128. O que era Rhea ou Cybele?

Era, dizem os poetas, filha do Céu e da Terra,

irmã e mulher de Saturno. Chamam-a também Idea, a boa Deosa, Deosa da terra, Ops, que significa *riqueza*, e Vesta.

129. Porém, não era Vesta considerada como a deosa do fogo?

Havia duas deosas Vestas; uma era o symbolo da terra, e outra a deosa do fogo. O seu culto era mui differente. Esta ultima tinha um templo em Roma, cujo culto consistia em não deixar-se nunca apagar o fogo que lhe era consagrado.

130. A quem era confiado o cuidado d'este fogo?

A jovens virgens que se chamavam Vestaes. Eram escolhidas de idade de seis a dez annos. Era preciso que o seu nascimento fosse sem mancha, e o seu corpo sem defeito algum. Primeiro, eram só quatro e depois se ajuntaram mais duas. Os primeiros dez annos eram consagrados ao seu noviciado, durante os dez outros, exerciam funcções de sacerdotizas, e nos dez ultimos, instruiam, por sua vez, as noviças. Depois de trinta annos de idade, podiam retirar-se e até casarem. Porém, durante todo o tempo que estavam consagradas á deosa, exigia-se d'ellas tão severa castidade, que quando quebravam o seu voto, eram enterradas vivas. Soffriam o mesmo castigo quando, por sua culpa, vinha a apagar-se o fogo. Não se apa-

gava este senão no ultimo dia do anno, para tornar a acendel-o no primeiro dia do anno seguinte.



Vesta.

131. Debaixo de que figura se representava Cybele?

Sob a figura d'uma mulher robusta e gorda, com

uma corôa ou de torres e eidades, ou de folhas de carvalho, posta sobre a cabeça, uma chave na mão, o vestido semeado de flores, e sentada n'um carro puxado por quatro leões; algumas vezes, representam-na em pé, tendo um leão á sua ilharga.

CERES

132. Não era uma das principaes divindades da terra aquella que presidia ás messes?

Sim; chamava-se Ceres; era filha de Saturno e de Cybele, e deosa da agricultura. Viagou por muito tempo com Baccho e ensinou a agricultura aos homens. Era mãe de Proserpina que ella teve de Jupiter e que foi raptada por Plutão, como adiante veremos. Foi á côrte de Triptolemo rei d'Eleusis, na Attica, a quem ensinou a arte de semear e recolher o trigo, e cujo filho Deiphon, criou secretamente, dando-lhe de mamar com seu proprio leite e fazendo-o passar pelas chammas, para tornal-o immortal. Porém, Meganira, sua mãe, perturbou com seus gritos os mysterios da deosa, e Deiphon morreo nas chammas.

133. Qual era o culto que se dava a Ceres?

Esta deosa tinha magnificos templos em diversos lugares. Offereciam-lhe as primicias de cada fructo,

e os que perturbavam os seus mysterios, que se chamavam Eleusinas ou grandes mysterios, paga-



Ceres.

vam-n-o com a vida. Immolavam-se-lhe o porco, porque este animal foçando a terra, damnifica as searas.

134. Como é que representavam Ceres?

Sob a figura d'uma mulher, tendo n'uma mão uma fouce, na outra, um feixe de trigo ou um ramo de dormideiras; outras vezes, está coróada com espigas, e tem um archote n'uma mão, e na outra uma fouce.

Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores,
(*Os Lusíadas*, canto. IVº.)

BACCHO

135. De quem era filho Baccho?

De Jupiter e de Semele, filha de Cadmo.

136. O que ha de maravilhoso no seu nascimento?

Semele, sua mãe, instigada por Juno que se queria vingar d'ella, pediu ao soberano senhor dos deoses que a viesse visitar, armado de seus raios, e em todo o esplendor da sua magestade. Ao principio, Jupiter recusou conceder-lhe esta graça, porém vencido pelas suas instancias, appareceo-lhe em toda a sua gloria e então os seus raios incendiaram o palacio, e Semele foi reduzida a cinzas. Todavia, para que não percesse com ella Baccho, de quem estava

gravida, Jupiter o poz na sua perna, onde o conservou até o momento do seu nascimento.

137. O que foi feito de Baccho depois de nascer?

Jupiter o confiou secretamente a Ino, sua tia, que o criou com a ajuda das Hyadas, das Horas e das Nymphas. Feito homem, conquistou as Indias, e foi depois ao Egypto onde ensinou a agricultura aos homens. Foi elle o primeiro que plantou a vinha, e era adorado como o Deos do vinho.

Entra em Astréa o Sol no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

(*Os Lusíadas*, canto IVº.)

138. Qual foi o tratamento que elle infligio ás Mineides?

Estas, filhas de Minéo, eram tres, a saber : Alcithoe, Clymene e Iris. Por terem desprezado o deos Baccho, e trabalhado no dia das orgias, foram por elle metamorphoseadas em morcegos.

139. O que eram estas Orgias?

Assim se chamam as festas que se celebravam em honra de Baccho. No dia marcado para a sua celebração, os homens coroados de hera, com os cabellos desgrenhados, e quasi nus, corriam pelas ruas, gritando como enfurecidos : *Evohe Bacche* etc. Entre elles, via-se gente embriagada, vestida de Satyros, Faunos e Silenos; estes faziam carantonhas, e con-

torsões impudicas. Vinha depois uma tropa montada em burros, seguida de Faunos, Bacchantes, Naiades, e Tityros que faziam resoar a cidade com seus huiuos horrorosos. Esta tumultuosa tropa era seguida das estatuas da Victoria, e de altares em fôrma de cepas de vinha, adornados com folha de hera, e sobre os quaes fumegava o incenso. Seguiam muitos carros carregados de thyrsos, armas, corôas, toneis, bilhas e outros vasos, tripodes e crivos. Estes carros eram seguidos por donzellas que levavam cestos mysteriosos rodeados de duas serpentes, e que por isso se chamavam Cistophoras. Os Phallophoros que vinham em seguida estavam vestidos como Faunos, fazendo de embriagados, e cantando em honra de Baccho cantigas proprias ás suas funcções. Esta procissão terminava por uma tropa de Bacchantes corôadas de hera entrelaçada com ramos de teixo e com serpentes.

140. Quaes são os diversos nomes que se davam a Baccho?

Os mais communs são : *Dimeter*, para, de algum modo, indicar que teve duas mãis; *Dionisio*, com este se alludia ao deos seu pai e ao monte Nisa onde fôra criado; *Liber*, porque o vinho livra de cuidados aos que se embriagam; *Lycæo*, porque afasta os pezares, e *Biformis* porque este deos era representado debaixo de duas fôrmas.

141. Como era representado Baccho?
Ordinariamente sob a figura d'um mancebo im-



Baccho.

berbe nú, tendo n'uma mão um cacho d'uvas, na
outra, um cyatho; se bem o representem ás vezes

com barba, e com os hombros cobertos d'uma pelle de panthera; algumas vezes sobre os hombros de Pan, ou entre os braços de Sileno; elle tem chifres na cabeça, porque em suas viagens estava sempre coberto com a pelle d'um bode; está sentado ora sobre um tonel, ora n'um carro puxado por tigres, ou então sobre um globo celeste matizado d'estrelas; sob esta ultima figura, elle representa o Sol ou Osiris, e tambem quando está armado de frechas, que indicam os raios d'este astro. Punha-se-lhe na mão um thyrsos, especie de lança ou páo, coberto de folhas de vinha e hera entrelaçadas, rematando na ponta em fórma de pinha.

As suas festas eram chamadas Bacchanaes ou Orgias, e suas sacerdotizas Bacchantes.

VULCANO

142. O que ha de notavel. ácerca de Vulcano?

Vulcano era filho de Jupiter e de Juno; é reputado como o deos do fogo e dos ferreiros. Logo depois de nascido, como era muito feio, Jupiter lhe deu um pontapé e o deitou do céo abaixo; Vulcano quebrou uma perna na queda, e ficou coxo. Desposou Venus, que pelos seus amores com Marte,

Anchises, e muitos outros, lhe deo muito de que se arrepender.

143. Em que se occupava Vulcano sobre a terra?



Vulcano.

Forjava os raios para Jupiter. As suas officinas estavam nas ilhas de Lyparo, de Lemnos e no interior do monte Etna. Tinha por companheiros os

Cyclopes, seus officiaes; estas especies de semi-deoses tinham uma cara monstruosa, e só um olho no meio da testa.

Mostra-se dos Cyclopas o exercicio

Nas bombas, que de fogo estão queimando :

(*Os Lusíadas*, canto II^o.)

144. Como é que os antigos representavam Vulcano?

D'um modo bastante uniforme; com a barba basta, os cabellos desalinhados, meio coberto com um vestido que lhe chega até aos joelhos; tem na mão direita um martello, e com a outra, segura um raio sobre a bigorna; outras vezes, representam-n-o com um barrete redondo, e rematando em ponta; com um martello n'uma mão, e um capacete na outra.

FLORA

145. O que diz a fabula ácerca de Flora?

Diz que Flora era uma nymphá chamada Chloris que, desposando a Zephyro, recebera d'este o imperio sobre todas as flores. Representavam-n-a adornada com grinaldas, tendo á sua ilharga cestos cheios de flores.

VERTUMNO E POMONA

146. O que ha de particular a respeito de Pomona?

Era uma formosa nympha cujo amor era cobijado pelos deoses, por causa de sua belleza e suas prendas, assim como pela sua habilidade em cultivar os jardins, e sobretudo as arvores fructiferas.

147. O que fez Vertumno para que ella o amasse?

Vertumno tomou diversas figuras, ora a d'um lavrador, ora d'um cefeiro, ou d'um vinhateiro, e enfim a d'uma velha. Depois de louval-a excessivamente sobre os seus encantos e talentos nos trabalhos campestres, narrou-lhe tantos acontecimentos funestos para aquellas que ostentavam desprezo para com os homens, que conseguiu obtel-a por esposa.

148. O que significam todas estas metamorphosas de Vertumno?

Vertumno é o symbolo do anno e das suas mudanças regulares. Por isso, estas diversas fórmas representam as quatro estações do anno.

149. Como é que pintavam Vertumno?

Sob a figura d'um mancebo corôado de hervas de differentes especies, e vestido só até meio corpo,

tendo a cornucopia, ou corno de abundância, na mão direita, e, na esquerda, alguns fructos.

150. Debaixo de que figura pintavam Pomona?

Como uma donzella, ora sentada sobre um cesto de fructos, tendo sobre os joelhos maçãs ou ramos de maceira, ora com um podão n'uma mão, e um ramo na outra.

PRIAPO

151. O que se diz de Priapo?

Priapo filho de Baccho e de Venus, era o deos dos jardins. A fabula accrescenta que Juno que odiava mortalmente a Venus, o tornou tão monstruoso e contrafeito que Venus, ao dar-lhe á luz, mandou-o a Lampsaco d'onde lhe veio o nome de *Lampsceno*, porém foi expulso d'esta cidade pelos habitantes. Alguns tempos depois, sendo castigados por uma epidemia, edificaram templos em sua honra e votaram-lhe um culto. O burro era-lhe consagrado. Era representado com uma barba longa e basta, com os cabellos desgrenhados, e uma fouce na mão.

PAN

152. Quem era Pan?



Pan.

Era filho de Demogorgon, e deos dos campos,

dos rebanhos, e particularmente dos pastores. Perseguiu Syrinx, até ao rio Ladon, onde esta nympha foi metamorphoseada em canna que o deos cortou, e de que fez a primeira flauta. Os poetas o representam com o rosto abrazeado, chifres na cabeça, o estomago coberto de estrellas, e a parte inferior do corpo semelhante á de um bode. Os Arcades o honravam particularmente. O seu nome vem de uma palavra grega que significa *tudo*, de sorte que de baixo d'este nome, adoravam toda a natureza. Os Latinos chamavam-n-o ás vezes Incubo. A palavra *terror panico* vem de seu nome, porque dizem que este deos causou grande medo aos Gaulezes, quando, conduzidos por Brenno, iam saquear o templo de Delphos; outros pretendem que sendo as florestas a residencia de Pan, as folhas agitadas pelo vento causavam, ás vezes, terrores vãos.

ECHO E NARCISO

153. Quem era Echo?

Foi uma nympha, filha do Ar e da Terra. Tendo favorecido os amores de Jupiter, Juno, para castigal-a, não lhe deixou senão a voz precisa para repetir as ultimas palavras do que ouvia. Quiz em vão

fazer-se amar de Narciso e não podendo conseguil o, retirou-se para o fundô das cavernas e dos rochedos.

154. O que diz a fabula a respeito de Narciso?

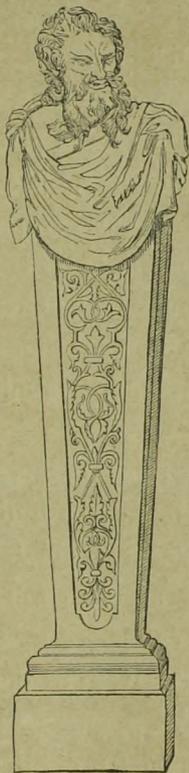
Era um mancebo de rara belleza, nascido em Thespia, na Beocia, e que era tido por filho de Cephisso. Era tão namorado da sua pessoa que não fazia senão admirar as suas feições n'uma fonte, e por fim morreo de amor por si mesmo. Os deoses o mudaram na flor do mesmo nome.

O DEOS TERMO

155. O que se diz do deos Termo?

O deos Termo, divindade que presidia aos limites dos campos, era pintado como uma pedra ou tronco; entretanto, foi depois representado com uma cabeça humana, rematada em pyramide. Offereciam-lhe sacrificios que consistiam em libações de vinho, leite, offertas de fructos, e alguns bolos feitos com farinha nova. No dia de sua festa chamada Terminalia, os dois individuos, cujos terrenos eram limittrophes, vinham cada um do seu lado, adornar a pedra com uma grinalda, offereciam-lhe os seus presentes, e a ungiam depois com um oleo preparado n'este mesmo lugar. Mais tarde, immolaram-lhe cordeiros ou leitões, dos quaes as duas familias faziam

um festim ao pé da pedra, e ali cantavam os louvores das divindades que os reuniam.



O deos Termo.

DEOSES LARES E PENATES

156. O que se entende por deoses Lares e Penates?

Assim como os pagãos accreditavam que cada homem, ou mulher, tinha o seu genio particular, tambem haviam inventado outros para cada casa, cidade, e, em geral, para todos os campos; e ao passo que os dos homens e das mulheres conservavam o nome de Genios, os das casas chamavam-se Lares, e os das cidades ou lugares particulares, Penates; todavia, deve-se advertir que, a miudo, confundiam uns com os outros.

157. Como eram representados os deoses Lares?

Sob a fôrma de homens e mulheres que estavam collocados sobre estacas, e até debaixo da fôrma de cães, porque estes animaes são os guardiães das casas e mesmo dos campos.

158. Onde se collocavam os deoses Lares?

Atraz da porta, na persuasão que afastavam das casas tudo quanto podia prejudicar-lhes, sobretudo os Lemures ou Larvas, genios malfazejos. Offereciam-lhes sacrificios, enfeitavam-n-os com grinaldas, e havia sempre nas casas nobres um escravo occupado no seu serviço.

159. Como eram representados os deoses Penates?

A figura dos deoses Penates era, ás vezes, a simples representação d'um deos qualquer, d'um genio, d'um heroe ou semi-deos, ou enfim de qualquer antepassado celebre; muitas vezes eram figuras *Pantheas*, isto é d'aquellas que eram simultaneamente symbolos de muitas divindades.

SATYROS E FAUNOS

160. Quem eram os Satyros e os Faunos?

Eram tantos quantos deoses, ou antes semi-deoses que os pagãos imaginavam habitarem nas florestas ou nas montanhas, e que representavam como homenzinhos cabelludos com cornos na cabeça, narizes chatos, orelhas pontudas, pés de cabra, e com uma cauda. Eram tambem chamados Pans, Egipans, Satyros; tinham o nome de Silenos quando se faziam velhos.

161. O que se diz particularmente de Fauno?

Fauno era filho de Pico, rei da Italia; applicou-se durante o seu reinado á cultura da terra, e foi por isso collocado, depois da sua morte, no numero das divindades campestres; era então representado da mesma fórma que os Satyros, com a excepção de ser menos cabelludo na parte superior do corpo.

162. O que diz a fabula de Sileno?

Se bem chamassem assim aos Satyros velhos, havia, porém, um que tinha especialmente este nome. Era filho d'uma nympa, e foi o aio de Baccho, de quem era companheiro, seguindo-o por toda parte, montado n'um burro, na attitude d'um homem embriagado.

DEOSES DO MAR, DOS RIOS E DAS FONTES

163. Não tinham as aguas suas divindades particulares?

Assim como as necessidades da vida tinham feito com que se inventasse uma infinidade de deoses, e incitado os primeiros pagãos a divinizar quasi todos os objectos, tambem veio a ser a agua una das suas principaes divindades. Consideravam-n-a como o principio de todas as cousas, porque fecundava a natureza, nutria as plantas e as arvores; sem ella seria a terra arida, adusta, esteril, e não apresentaria á vista senão um vasto deserto. Tambem tinham votado ao Oceano e aos outros mares um culto religioso. Consideravam Neptuno como um deos animado que a elles presidia. Outro tanto acontecia acerca de cada rio em particular, assim como de cada fonte, a qual tinha o seu deos, ou pelo menos uma nympa, uma naiade, etc.

164. Não foram os poetas que, pelas suas ficções, contribuíram para que a agua fosse um objecto de idolatria?

Sim; como não fallavam dos rios, das ribeiras, e das fontes senão como de outros tantos deoses, e que elles representavam nas suas obras como se, verdadeiramente, os tivessem visto, imaginaram que sabiam das suas humidas grutas para apparecer aos seus heroes, e prognosticar-lhes o seu destino. Os poetas narravam então os amores e combates d'estes suppostos deoses; e tomando as suas ficções ao pé da letra, não consideraram mais os rios e as fontes senão como divindades animadas. D'ahi vem o numero prodigioso de deoses e deosas das aguas; numero que excede o das divindades do céo e das outras partes do universo. Não mencionaremos aqui senão os mais conhecidos.

OCEANO E TETHYS

165. Quem era tido pela principal divindade das aguas?

Era o Oceano, porque, com effeito, as contém todas no seu seio, e distribue aos outros mares, rios e fontes. Era filho do Céo e da Terra.

166. Quem foi a esposa do Oceano?

Os poetas lhe dão por esposa Tethys, sua irmã. A fabula diz que Jupiter tendo sido preso e amarrado

pelos outros deoses, Tethys, ajudada por Egeon, o soltou.

167. Como representavam o Oceano?

Sob a figura d'um velho sentado sobre as ondas do mar, com uma lança na mão, e junto a si um monstro marinho.

168. Quem foram os filhos do Oceano e de Tethys?

Houve, primeiro, Nereo e Doris que tiveram cincoenta filhas chamadas Nereides, ou nymphas do mar; depois, Proteo, e muitas nymphas que foram collocadas no céo, sobre a terra e no mar. Reinavam sobre os prados, as collinas e as arvores, debaixo dos nomes de Napeas, Dryadas e Hamadryadas.

169. O que sabeis a respeito de Nereo?

Superava a todos na arte de conhecer o futuro. Residia no mar Egeo, onde vivia rodeado de Nereides que o divertiam com os seus cantos e danças. Era representado debaixo da figura d'um velho veneravel, com barba comprida.

170. Como eram representadas as Nereides?

Eram donzellas sentadas sobre golfinhos ou cavallos marinhos, tendo n'uma mão o tridente de Neptuno, e na outra um golfinho, e, algumas vezes uma Victoria ou uma corôa. Todavia, representavam-n-as, ás vezes, como meio mulheres, meio peixes.

171. O que se diz de Proteo?

Proteo recebêra, quando nasceo, o conhecimento do futuro que não revelava, senão quando o constrangiam. Tambem, tinha a faculdade de mudar de corpo, e tomar quantas fórmulas quizesse. Apareceo em espectro a seus fillos, Tmolo e Telegono, gigantes d'uma crueldade incrível, e os espantou de tal modo que cessaram de praticar os seus actos de barbaria.

NEPTUNO E AMPHITRITE

172. Quem era Neptuno?

Neptuno, filho de Saturno e de Rhea, recebeu de Jupiter, seu irmão, o imperio soberano das aguas, e era tido por deos do mar. Rhea o preservou do furor de seu pai, assim como já salvara Jupiter, e o confiou a uns pastores para que o criassem.

Foi expulso do céu com Apollo por ter conspirado contra Jupiter, e ambos foram ajudar a Laomedonte a edificar as muralhas de Troia; este rei tendo-lhe negado o seu salario, Neptuno suscitou contra elle um monstro marinho que andou assolando o paiz.

173. Quem era a mulher de Neptuno?

Era Amphitrite, representada n'um carro em
fôrma de concha e puxado por dois gollinhos.

Desta arte, despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,

(*Os Lusíadas*, canto I.)



Neptuno.

174. Como é que se pintava Neptuno?

Debaixo da fôrma d'um homem idoso, coberto de hervas marinhas, e tendo na mão um tridente em vez d'um sceptro. Muitas vezes, é representado n'uma concha tirada por dois cavallos marinhos. Os Tritões lhe servem de comitiva, e annunciam a sua vinda com trombetas feitas de buzios.

175. Quem eram estes Tritões, e como é que se representavam ?

Eram os deoses marinhos da prole de Neptuno e Amphitrite, sempre representados meio homens, meio peixes, com barbatanas debaixo das orelhas, bocca enorme, dentes como os das feras, com as mãos e os dedos cobertos d'escamas.

**PHORCO OU PHORCYS, SARON, PORTUMNO, MATUTA,
GLAUCO E EGEON**

176. Quem era Phorco ou Phorcys ?

Era um deos marinho, filho do Ponto e da Terra ; teve de sua mulher Ceto, as Greas que eram tres : Pephredo, Enys e Dinon. Diz-se que não tinham senão um olho e um dente para ellas tres, de que se serviam cada uma a seu turno. Phorco teve tambem as Gorgones e o dragão que guardava o jardim das Hesperides.

177. Quem eram as Gorgones?

Eram as tres filhas de Phorco : Medusa, Euryale e Sthenyo, que moravam perto do jardim das Hesperides, e tinham o poder de converter em pedras todos os que as viam. Só tinham um olho do qual se serviam alternativamente. Diz-se que eram toucadas com cobras, e tinham azas muito grandes; por dentes, presas de javali, e garras de leão nos pés e nas mãos. Como andavam assolando as terras e sa-ciavam a sua crueldade sobre todos os viajantes, Perseo, protegido pelos deoses, matou-as e cortou a cabeça a Medusa.

178. Quem era Saron?

Saron era considerado como o deos particular dos marujos.

179. Quaes eram as funcções de Portumno e de Matuta?

Portumno, deos marinho, presidia aos portos do mar. O seu primeiro nome era Melicerta. Athamas, seu pai, rei de Thebas na Beocia, tendo-se tornado furioso, matou a um de seus filhos chamado Learco; pois Ino, mãe d'este joven principe, para evitar a mesma desventura, precipitou-se no mar com o seu outro filho Melicerta; ambos foram mudados em deoses marinhos, Melicerta debaixo do nome de Portumno ou Palemon, e Ino, do de Matuta.

180. O que diz a fabula a respeito de Glauco?

Glauco era um celebre pescador da cidade de Anteon, na Beocia. N'um dia, quando atirava sobre a relva os peixes que apanhára, reparou que estes recobravam forças e se tornavam a lançar na agua; vio então que esta herva tinha uma virtude particular, provou-a, e foi transformado em deos marinho. Era representado com uma barba branca, os cabellos soltos sobre os hombros, as sobranceiras tão espessas e aproximadas que pareciam serem uma só. Seus braços eram dispostos para nadar, e o seu peito estava coberto deervas marinhas. O resto do corpo rematava como o d'um peixe com a cauda virada para cima.

181. O que dizem de Egeon?

Ainda que Homero o considere só como um gigante, todavia os poetas fazem d'elle um deos do mar, filho do Ponto e da Terra. Habitava no mar, soccorreo os Titanos, e vencido por Neptuno, foi por este precipitado no fundo.

**NYMPHAS, DRYADAS, HAMADRYADAS, NAPEAS,
OREADES**

182. Porque collocais vós entre as divindades do mar as Dryadas, Hamadryadas, Napeas e Oreades?

Porque, como nasceram nas aguas, julgámos que

era melhor não as separar, collocando-as todas entre os deoses do mar.

183. Quem eram as Nymphas de quem tanto fallam os poetas?

Em geral, eram entre os pagãos, as divindades dos bosques, dos montes, dos rios, e das fontes, o que fez com que lhes desse muitos nomes. Aquellas que habitavam sobre a terra conservavam o nome de Nymphas; as que guardavam os rios e as fontes eram chamadas Naiades; chamavam Limniades as que habitavam os tanques e os pantanos, e Napeas as que viviam nos bosques; tomavam o nome de Dryadas ou Hamadryadas quando protegiam particularmente uma arvore qualquer, e então nasciam e morriam n'esta arvore; aquellas que moravam sobre os montes eram chamadas Oreades, e emfim as que habitavam no mar chamavam-se Nereides.

Offerecia-se-lhes em sacrificio leite, azeite e mel, e algumas vezes, immolavam-lhes cabras.

AS SEREIAS

184. O que narra a fabula á respeito das Sereias?

Diz que eram tres, filhas do rio Acheloo e da Musa Calliope, e que eram monstros que os pintores

e esculptores representam como formosas mulheres na parte superior do corpo até á cinta, rematando o resto em fórma de passaro, ou em cauda de peixe ; outras vezes apparecem como moças, com cabeça, azas e pés de passaros. Habitavam rochedos alcantilados á beira do mar; alí pelos encantos de suas vozes attrahiam os passageiros aos seus escolhos, e os matavam.

EOLO E OS VENTOS

185. Não se colloca tambem Eolo no numero dos deos do mar.

Sim, porque era considerado como o deos dos ventos e das tempestades. Este principe, filho de Hepoto, e que pelo seu merecimento foi tido por filho de Jupiter, vivia no tempo da guerra de Troia, e reinava sobre as ilhas Eolias, que dizem estarem situadas entre a Sicilia e a Italia, do lado do promontorio de Pelusa. Mandava aos ventos que elle guardava presos em odres, e dirigia á sua vontade. Atribuem-lhe seis filhos e seis filhas que se casaram entre si; o que indica os doze ventos principaes que nos furacões muitas vezes se encontram.

Em ti dos ventos horridos de Eolo

Refugio achamos bom, fido, e jocundo :

(*Os Lusíadas*, canto II°.)

186. Quaes eram os Ventos, e como se representavam?

Os principaes eram Euro, Austro, Zephyro e Boreas.

Euro, o vento do este, é representado como um moço com os cabellos desgrenhados, fugindo com rapidez.

Austro, o vento do sul, tem a figura d'um velho triste, com a testa coberta de nuvens, a agua gotteja de seus vestidos.

Zephyro, o vento do occidente, tem o semblante d'um moço com ar amavel e sereno. Dão-lhe azas de borboleta, assim como uma corôa composta de flores, para designar a sua bemfazeja influencia sobre a natureza.

Boreas, vento do septentrião, tem azas para indicar a sua velocidade, e cabellos brancos para mostrar que traz consigo a neve; segura na mão um escudo do qual cahe granizo.

DIVINDADES INFERNAES

DOS INFERNOS

187. Que juizo faziam os pagãos acerca dos infernos?

Accreditavam que eram lugares subterraneos onde se reuniam as sombras, isto é, as almas dos defunctos.

188. Em quantas partes estavam divididos os infernos?

Em duas principaes : o Tartaro, onde eram atormentados os malvados, e os Campos-Elyseos que eram a mansão dos bons.

189. Fazei-nos a descripção do Tartaro?

Segundo Virgilio, o Tartaro é uma horrenda prisão de immensa profundidade, rodeada de pantanos cheios de lodo do Cocyto, e do rio Phlegethonte, cujas torrentes de chammas sempre o circumdam; tres recintos de muralhas com portas de bronze tornam este lugar inacessivel. Tisiphone, a mais inexoravel das tres Furias, espreita á porta,

e impede a passagem. Rhadamanto, juiz d'estes lobregos lugares obriga os desgraçados, que ali estão, a confessar os seus crimes os mais secretos, e entrega-os depois ás tres Furias para serem castigados segundo as suas culpas. É ali que se acham os Titanes; Ixion que concebêra uma paixão criminosa por Juno está amarrado a uma roda que gira de continuo; Theseo que foi aos infernos para roubar Proserpina, está sentado sobre uma pedra, sem poder levantar-se d'ali; Tantalo, por ter dado a comer aos deoses os membros de seu filho Pelops, morre á mingoa com agua até á barba, e fructos que lhe tocam quasi a cabeça, porém que se retiram quando quer comer ou beber; as Danaides, que degolaram seus maridos, são condemnadas a encher d'agua um tonnel sem fundo; Sisypho, por ter revelado o segredo dos deoses, vive rolando uma pedra enorme que apenas chega ao cume d'um monte, logo se precipita de novo. Emfim, ali todos os malvados soffrem tormentos proporcionados aos seus crimes.

190. Qual é a descripção dos Campos-Elyseos?

Eram campinas apraziveis onde as almas d'aquelles, que tinham vivido honestamente, gozavam d'uma paz e tranquillidade completa, e dos prazeres mais innocentes. Ali, os antigos imaginavam lugares encantadores onde se achava com fartura tudo

quanto se podia desejar : bosques sempre verdejantes, vistosos prados, por onde se deslisavam limpidas fontes e ribeiros que corriam com brando murmurio ; um ar puro e saudavel, passaros que gorgeavam em copados bosques, uma primavera eterna, emfim outros astros do que os que illuminam o mundo. Tal é a ideia que dão os poetas da morada dos bemaventurados, ou dos Campos-Elyseos. Porém, como a descripção que fizeram não era senão imaginaria, cada um d'elles inventou occupações ou prazeres que correspondiam a suas inclinações.

Tibullo, sensivel aos encantos do amor, ali faz reinar a alegria e os prazeres dos sentidos ; Virgilio, mais casto, não admitte senão jogos innocentes, e occupações dignas dos heroes que ali habitam. Alguns poetas accrescentaram os prazeres da mesa, e fallam de festins continuos, se bem digam que não havia nada tão pobre e mesquinho como as comidas que dava Hecate, nos infernos. É uma prova de que os habitantes d'aquelles lugares precisavam de alimentos para poderem conservar-se.

191. Não havia cinco rios nos infernos?

Sim, chamavam-se o Cocyto, o Acheronte, o Styx, o Phlegetonte e o Lethes.

192. Dai-nos uma noção de cada um d'elles em particular.

O Cocyto que significa *pranto*, *gemidos*, rodeava

o Tartaro. Era um pantano, cheio de lodo, que se engrossava com as lagrimas dos malvados.

O Acheronte, que quer dizer *angustia* ou *huivo*, era o rio que transpunhava as sombras sem esperança de voltarem. As suas aguas eram d'uma amargura excessiva; dizem que Jupiter precipitára Acheronte nos infernos por terem suas aguas servido a matar a sede dos Titanes.

O Styx, *a agua do silencio*, dava nove voltas ao redor dos infernos; era tal o respeito que os deoses lhe tinham que, quando juravam por suas aguas, não podiam violar o seu juramento, sem serem privados da divindade durante nove annos.

O Phlegetonte, *o rio ardente*, em lugar de agua rolava chammas com que rodeava o Tartaro.

O rio Lethes, ou *rio do esquecimento*, era aquelle de cujas aguas as sombras bebiam para se esquecerem inteiramente do passado.

193. Não havia nos infernos um barqueiro mui celebre?

Era Charonte, filho do Erebo e da Noite. Dizem que era d'uma indole triste e severa e que não tinha contemplação alguma com as dignidades, nem com as riquezas. As suas funcções eram passar as sombras para os infernos; porém recusava aquellas que tinham sido privadas das honras da sepultura, e as obrigava a andar errantes pela praia durante cem

annos antes de admittil-as no seu esquiife. Eis-aqui o retrato que d'elle faz Virgilio : « Todo o seu ser « inspira o horror ; traz uma barba branca, arri- « piada e basta ; os seus olhos são cheios de fogo, o « seu corpo está coberto de alguns andrajos pen- « dentes sobre os hombros ; é velho, porém a sua « velhice é robusta e vigorosa ; elle, só, faz a mano- « bra de sua barca, larga as velas, maneja o harpeo « e os remos, e conduz a sua barca d'uma margem « para outra. » Cada sombra devia pagar a sua pas- sagem a Charonte. Os pagãos estavam tão persua- didos que elle não consentia passar sombra alguma de graça, que, para não exporem os defunctos a ser recusados, punham-lhes debaixo da lingua uma moe- dazinha para pagarem a sua passagem.

194. Quem era o guardião dos infernos ?

Era Cerbero, cão monstruoso de tres cabeças que, em vez de pello, estava coberto de cobras. Nasceo do gigante Typhon e de Echidna ; Orptheo, tendo ali descido a buscar Euridice, o applacou com o som de sua lyra ; Hercules descendo aos infernos para tirar d'elles a Alceste, prendeo-o, e o obrigou a accom- panhal-o.

195. Não accreditavam os pagãos em um juizo de- pois da morte ?

No reinado de Saturno e nos primeiros annos do de Jupiter, o juizo pronunciava-se no instante mes-

mo que precedia a morte. Os reis, ainda rodeados de todas as galas de sua dignidade, influíam sobre os juizes que pronunciavam em seu favor, declarando-os innocentes; os pobres, pelo contrario, que a calumnia perseguia até a este ultimo tribunal, eram condemnados. Estes queixaram-se a Jupiter que, d'então em diante, decidio que teria lugar o juizo, logo depois da morte.

196. Quaes foram os juizes estabelecidos?

Rhadamanto e Eaco, ambos filhos do Soberano Senhor dos deoses, foram nomeados juizes, e Minos, acima d'elles decidia quando havia qualquer d'úvida ou incerteza. Minos, como signal da sua superioridade, traz n'uma mão um sceptro, e na outra, a urna fatal em que está encerrada a sorte de todos os mortaes.

O tribunal d'estes juizes era collocado n'um lugar chamado o lugar da verdade, porque nem a mentira, nem a calumnia podiam d'elle aproximar-se.

Todos os homens, sem excepção, deviam ser julgados; e conforme o seu bom, ou máo procedimento, eram punidos ou recompensados.

PLUTÃO E PROSERPINA

197. Quem occupava o primeiro lugar entre as divindades infernaes?

Plutão, filho de Saturno e de Rhea, e irmão de Jupiter e de Neptuno.



Plutão.

198. Como o representavam?

Ora, com um archote nas mãos, tendo Cerbero á sua illhargá, ora com o seu sceptro, ou páo bifur-

cado por duas pontas; outras vezes, está sentado n'um throno, tendo um sceptro n'uma mão, e dando com a outra de comer a Cerbero. Emfim é representado, ás vezes, com o diadema, o seu forcado e chaves nas mãos, para significar que dava entrada á morte.

199. Quem foi a esposa de Plutão ?

Este deos, admirado dos terremotos produzidos na Sicilia pelos esforços que fazia Typhon para livrar-se do peso do monte Etna que o opprimia, resolveo ir visitar este paiz para ver se ali não se fazia alguma abertura que penetrasse até ao seu reino. Depois de examinar, parou no monte Eryx, e avistou Proserpina, filha de Ceres, que passeava nos prados d'Enna, colhendo flores na companhia de algumas donzellas e Sereias. Plutão namorou-se d'ella, e a levou comsigo para os infernos, no seu carro puxado por quatro cavallos, não obstante as censuras de Minerva que de balde quiz dissuadil-o d'aquelle designio.

200. O que fez Ceres, mãi de Proserpina?

Esta deosa, quando soube da desgraça acontecida á sua filha, tratou logo de procural-a por mar e por terra, e então corria dia e noite, com um archote na mão. Emfim, informada pela nympha Arethusa que Plutão fôra quem raptara a sua filha, logo entrou no seu carro e foi prostrar-se aos pés de Jupiter, pe-

dindo-lhe que lhe fosse restituída a sua filha, que tinha tido com este deos.

201. Qual foi a sentença de Jupiter?

O rei do Olympo, depois de lhe representar quanto vantajoso era para Proserpina ter Plutão por esposo, prometteo-lhe que sua filha lhe seria entregue, se, durante a sua estada nos infernos, se tivesse conservado sem comer; porém, que se tivesse comido a menor cousa, o Destino se oppunha á sua volta. Aconteceo, porém, que ella havia comido alguns grãos d'uma romã quando estava passeando no jardim dos Campos-Elyseos; então tudo o que Jupiter pôde fazer em seu favor foi ordenar que Proserpina ficasse cada anno seis mezes com seu marido, e seis mezes com sua mãe.

PLUTO

202. Quem era Pluto?

Não se deve confundir Pluto, deos das Riquezas com Plutão, rei dos Infernos, e de quem aquelle era ministro.

Pluto era filho de Ceres e de Jasion, isto é, da agricultura e do trabalho. Dizia-se que era coxo quando chegava á casa dos mortaes, e que tomava azas quando se ia embora; o que indica quanto

custa o ajunctar riquezas, e a facilidade com que se desperdiçam.

Os antigos representavam Pluto sob a figura d'um velho, cego, com uma bolsa na mão, porque, a miudo, enchia de bens os menos dignos, e deixava na indigencia os que tinham maior merito.

AS FURIAS E AS PARCAS

203. Quantas eram as Furias?

As Furias que se diz terem nascido do sangue de Urano, segundo outros, de Saturno, eram filhas da Discordia; aqui notaremos que tão pouca concordancia havia entre os diversos autores que alguns poetas, entr'outros Eschylo, as fazem nascer da Noite e do Acheronte. Eram tres: Tisiphone, Megera e Alecto, nomes que significam *raiva*, *carnificina* e *inveja*.

204. Quaes eram as suas funcções?

Eram os ministros da vingança dos deoses; como deosas severas e inexoraveis, a sua unica occupação era castigarem o crime, não sómente nos infernos, porém ainda durante a vida dos perversos que ellas perseguiam com remorsos, os quaes não lhes deixavam descanso algum, e com visões horrorosas que lhes faziam, ás vezes, perderem o sentido.

205. Como eram representadas as Fúrias?

Com um semblante triste e medonho, roupas pretas e ensanguentadas, com a cabeça guarneçada de serpentes, em lugar de cabellos, um archote inflammado n'uma mão, e na outra un latego feito de serpentes.

206. O que direis das Parcas?

As Parcas, que dizem serem filhas do Erebo e da Noite eram tres : Clotho, Lachesis e Atropos. Sua occupação era regular o destino dos homens, e fiar a trama de seus dias; Clotho, a mais moça, pegava na roca, e presidia á hora do nascimento; Lachesis fiava todos os acontecimentos da vida, e Atropos, a mais velha, cortava com tesoura, o fio da vida no tempo marcado em que ella devia terminar.

Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excellente.

(*Os Lusíadas*, canto III^o.)

207. Como eram representadas as Parcas?

Ordinariamente sob a figura de tres mulheres curvadas sob o peso dos annos. Clotho, com vestido de differentes côres, tinha na cabeça uma corôa de sete estrellas, e levava na mão uma roca que ia do céo até á terra. O vestido de Lachesis estava espar-

gido de innumeraveis estrellas, e ella tinha á sua illhargua uma infinidade de fusos. Atropos estava vestida de preto, tinha entre as mãos uma tesoura, com grande numero de maçarocas de fio, mais ou menos guarnecidas, conforme o comprimento ou brevidade da vida d'aquelles de quem continham o destino.

208. Quem era Nemesis?

Era uma divindade que cuidava do castigo dos malvados, não sómente n'este mundo que ella percorria com grande diligencia para os descobrir e punil-os, mas, tambem no outro, onde os castigava com o ultimo rigor; é por isso que era representada com azas, e algumas vezes com um leme e uma roda, para indicar que perseguia os culpados por terra e mar. Como filha da Justiça, era encarregada de castigar tambem a impiedade, e galardoar as bellas acções.

209. Que juizo faziam os pagãos dos deoses Manes?

Não tinham ideia mui exacta a respeito d'estes deoses, pois que os confundiam com as sombras dos defunctos, e ás vezes, com as dos deoses Lares. O mais certo que se pôde colher na mythologia ácerca d'elles, é que estes deoses eram genios instituidos para cuidar das sepulturas e das sombras que os antigos suppunham andarem errantes á roda dos

seus tumulos. É por isso que foram collocados na classe dos deoses infernaes.

210. Não havia tambem outras divindades infernaes?

Collocam-se no numero d'ellas : a Noite, o Somno e a Morte.

211. O que se diz da Noite?

A Noite, deosa das Trevas, era filha do Cháos; representavam-n-a, coberta com um grande véo preto, espargido d'estrellas, percorrendo, no seu carro, a vasta extensão do firmamento, ou sem o carro, porém com o véo que tremula á mercê dos ventos, emquanto que se aproxima da terra para apagar o archote que traz na mão.

212. Como representavam o Somno?

O Somno filho da Noite e irmão da Morte, era representado sob a figura d'um menino dormindo profundamente, tendo na mão algumas dormideiras, e a cabeça inclinada sobre outras; junto a si, ha um grande vaso cheio d'um licor soporifero.

213. O que dizem os antigos a respeito da Morte?

Dizem que era filha da Noite e irmã do Somno, sendo, ella mesma o grande somno, ou o somno eterno. Era a mais implacavel de todas as deosas. Pintavam-n-a como um esqueleto coberto d'um vestido preto espargido d'estrellas, e, algumas vezes, com uma fouce na mão.

DIVINDADES ALLEGORICAS

214. Além dos deoses de quem acabâmos de fallar, não havia algumas outras divindades allegoricas?

Os antigos reconheciam um numero consideravel, porque erigiam em divindades as virtudes, os vicios, as paixões, os bens e os males; em uma palavra, divinizavam tudo quanto lhe vinha á mente, o que torna, por assim dizer, impossivel a enumeração dos seus deoses. Só nos occuparemos aqui das divindades mais conhecidas.

A VICTORIA

215. Não consideravam os poetas a Victoria como uma divindade?

Sim; diziam que era filha do Styx e do gigante Pallas. Por toda a parte, erigiam-lhe templos; representavam-n-a com azas e tendo na mão una corôa ou um ramo de palmeira.

Os Egypcios davam-lhe a figura d'uma aguia, ave sempre victoriosa nos combates que trava com as outras. Algumas vezes, estava sobre uma esphera para significar que domina toda a terra. Quando queriam designar um combate naval, pintavam-n-a sobre a proa d'um navio, e quando segura um touro pelo focinho, era para lembrar os sacrificios que se lhe offerecia quando por ella alcançavam alguma vantagem.

A FELICIDADE

216. Como é que representavam a Felicidade?

A Felicidade, que os Gregos chamavam Eudemonia, era uma divindade allegorica a quem edificaram um templo em Roma. Era representada debaixo da figura d'uma rainha, sentada n'um throno, com um caduceo n'uma mão, e na outra a cornucopia. Outras vezes, era tambem representada em pé, porém com uma lança. Nas medalhas, sempre ha o legendario : *Felicitas publica*, ou *Felicitas Augusti*, *Felicitas temporum*, ou outros similhantes.

A ETERNIDADE

217. Não tinham os Romanos feito uma deosa da Eternidade?

Sim; porém não se achou templos, nem altares d'esta deosa. É sómente representada em algumas medalhas sob a figura d'uma mulher com esta inscripção *Æternitas*, ou *Æternitas Augusti*, tendo n'uma mão o sol com os seus raios, ou a lua; porque acreditavam que o seu curso nunca pararia; outras vezes tem, ora um phenix, ave fabulosa que renascia das suas cinzas, ora um elephante por causa da longevidade d'este animal, ou então uma esphera, por ser um corpo que não tem limites.

A FÉ

218. O que pensavam os pagãos da Fé?

A Fé, isto é, a Fidelidade, era uma divindade que presidia á boa fé nos negocios, e á segurança nas promessas. Era representada sob a fórma de duas mulheres que se dão a mão.

A PAZ

219. Como era representada a Paz?

Sob a figura d'uma mulher corôada de louro e oliveira, com o caduceo ou um ramo d'oliveira n'uma mão, e na outra, espigas, symbolo da abundancia, que ella espalha sobre a terra.

A PUDICIA

220. Não era tambem a Pudicia uma divindade?

Sim, e tinha igualmente os seus templos e altares; era representada sob a fórma d'uma mulher com a cara escondida debaixo d'um véo, ou que levanta o dedo index para o seu rosto, para indicar que não ha cousa que a possa fazer corar.

A PROVIDENCIA

221. Como representavam a Providencia?

Mais ordinariamente sob a figura d'uma mulher

encostada n'uma columna, e tendo n'uma mão o corno d'abundancia, e na outra um páo com que mostra uma esphera, para fazer ver que d'ella vem todos os bens, e que a sua protecção se estende sobre todo o universo.

A JUSTIÇA

222. Qual era a fórma que davam á Justiça?

A Justiça, aliás Themis, filha do Céu e da Terra, recolheo-se nos céos com sua mãe quando começou a idade de ferro. Representam-n-a sob a figura d'uma donzella, tendo n'uma mão uma balança cujos pratos se equilibram; com a outra mão, ella segura uma espada nua, e tem os olhos vendados; tambem a representam sentada n'uma pedra, e prompta a infligir penas aos vícios e a recompensar a virtude.

A FORTUNA

223. O que pensavam os pagãos a respeito da Fortuna?

Consideravam-n-a como uma deosa que presidia

ao bem e ao mal, e a representavam sob a figura d'uma mulher cega e calva, com azas nos pés e nas mãos; um dos seus pés está collocado sobre uma roda que gira com velocidade, o outro está levantado.

SEGUNDA PARTE

DOS SEMI-DEOSES OU HEROES

A duração dos tempos fabulosos ou heroicos data de Ogyges até ao restabelecimento das Olympiadas, época em que principiam os tempos historicos.

224. O que se deve entender por semi-deoses ou heroes da antiguidade?

São as personagens illustres que viveram n'aquelles tempos fabulosos, e que por suas bellas acções, mais se aproximaram da divindade. Tambem se deo esse nome áquelles que pretendiam ser descendentes dos deoses.

225. Por que heroe se deve principiær a historia dos semi-deoses?

Por Esculapio, por haver sido um bemfeitor da humanidade.

ESCULAPIO

226. Quem era Esculapio?

Esculapio ou Asclepio, era filho de Apollo e de Coronis, filha de Phlegyas. Apollo, tendo sabido da infidelidade de Coronis, matou-a ás frechadas, assim como o seu amante Ischys, e confiou o menino de quem ella estava pejada, ao Centauro Chiron que lhe ensinou todos os segredos da medicina. Esculapio fez tantos progressos n'esta sciencia que foi considerado como deos da Medicina.

227. Como incorreo Esculapio o desfavor de Jupiter?

Tendo Esculapio, pela efficacia dos seus remedios, restituído a vida a Hippolyto, filho de Theseo, foi fulminado por Jupiter, irritado este de ver usurpado o seu direito de resuscitar os mortos.

228. Como era representado Esculapio?

Sob a figura d'um homem serio, coberto d'um manto, tendo na mão um páo em roda do qual se vê ordinariamente uma serpente enroscada; algumas vezes tem n'uma mão uma taça, e na outra, uma serpente; outras vezes, está apoiado n'um cepo no qual se enroscava uma serpente. O gallo, ave consagrada a este deos, e cuja vigilancia indica a que

devem ter os medicos, se achia, ás vezes, aos pés das suas estatuas, ou na mão do proprio deos.

PERSEO

229. De quem era filho Perseo?

Era filho de Jupiter e de Danae, e vivia cento e cincoenta annos antes da tomada de Troia. Acrisio rei d'Argos e pai de Danae, sabendo por um oraculo que pereceria por mão de seu neto, mandou recolher a sua filha n'uma torre de bronze com a resolução de nunca deixal-a casar; mas Jupiter, metamorphoseado em chuva de ouro, conseguiu frustrar a vigilancia paterna, e da sua união com Danae nasceo Perseo.

230. Que perigo correo Perseo logo depois do seu nascimento?

Quando Acrisio soube que Danae tinha um filho, mandou-os expor a ambos no meio do mar dentro d'uma pequena barca, abandonados á mercê dos ventos e das vagas.

231. Como escaparam elles a semelhante perigo?

Em lugar de ir á pique como o esperava Acrisio, foi a barca ter á costa de Seriphos, uma das Cycladas, no mar Egco, onde reinava Polydectes, o qual casou com Danae cujo filho mandou criar.

232. O que foi feito depois de Perseo ?

Crescendo em annos, Perseo excitou os zelos de Polydectes que, por isso, procurou um meio de o afastar. Fingio então querer casar-se com uma princeza grega, e para tornar mais solemne a celebração do seu casamento, ordenou que se reunissem para o festim as cousas mais raras do mundo. Convidou, com effeito, os principes das ilhas vizinhas, rogando-lhes trouxessem o que havia de mais exquisito no seu paiz, e para que a viagem de Perseo fosse mais longa, mandou-o conquistar a cabeça de Medusa, uma das tres Gorgones. Perseo, protegido pelos deoses, venceu as Gorgones e cortou a cabeça a Medusa, sua rainha. Do sangue que d'ella correu, nasceu o cavallo Pegaso que, batendo com o pé na terra, fez rebentar a fonte Hippocrene.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante ;

(*Os Lusíadas*, canto X°.)

233. Que armas deram os deoses a Perseo ?

Minerva emprestou-lhe o seu escudo, Mercurio uma espada forjada por Vulcano, as Nymphas deram-lhe os talaes de Mercurio e o capacete de Plutão, que tornava invisivel a quem o trazia.

234. Não fez Perseo outras façanhas ?

Tendo ido a Mauritania, mudou, com o soccorro

da cabeça de Medusa, Atlas em pedra, por ter-lhe negado a hospitalidade. Colheo também os pomos de ouro do jardim das Hesperides, que eram guardados por um dragão monstruoso. Indo d'alí a Ethiopia, livrou Andromeda do furor d'um monstro marinho, ao qual ella tinha sido exposta por causa da vaidade de sua mãe, que se ufanava de ser a mais bella das Nereides.

235. Casou-se Perseo com esta princeza?

Como devia ser a recompensa concedida a quem a libertasse, Perseo desposou-a. Mas enquanto se celebravam as bodas, Phinco a quem ella fôra promettida, entrou na sala do festim com gente armada e travou com Perseo um combate que teria sido funesto a este, se não tivesse recorrido á cabeça de Medusa, cuja vista petrificou a Phineo e seus companheiros. Perseo retirou-se com Andromeda a Argos onde involuntariamente matou a Acrisio, seu avô, durante os jogos que alí se celebravam. Deixou então Argos, e foi erigir a cidade de Mycenae onde reinou pacificamente.

Depois da sua morte, foi honrado como semi-deos.

BELLEROPHONTE

236. Quem era Bellerophonte?

Era filho de Glauco, rei do Epiro ou de Corintho. Tendo morto por engano seu irmão, refugiou-se á côrte de Preto rei d'Argos, que lhe deo bom agasalho. Antéa, mulher d'este principe, achando Bellerophonte insensivel á paixão que concebêra por elle, o accusou de a ter querido seduzir. O rei, por não violar a hospitalidade, contentou-se com o enviar a Iobates, rei de Lycia, seu sogro, pedindo-lhe que o mandasse matar. Iobates para comprazer a seu genro, ordenou a Bellerophonte que fosse combater a Chimera.

237. O que era a Chimera?

Era um monstro com cabeça de leão, corpo de cabra, e cauda de dragão. Pela guela escancarada vomitava torrentes de chammas. Bellerophonte, com ajuda dos deoses, e montado no Pegaso, a conseguiu exterminal-o. Iobates para recompensal-o por ter livrado a Lycia d'este monstro, e conhecendo que era da raça dos deoses por ter escapado ás ciladas que lhe tinham armado, deo-lhe em casamento a sua filha, Philonoe, de quem teve muitos filhos.

238. Não fez Bellerophonte mais proezas?

Desbaratou os Solymos, e as Amazonas.

239. O que foi feito depois de Bellerophonte?

Tendo morrido o seu sogro Iobates sem deixar filhos, elle lhe succedeo. Depois, vendo-se opprimido pelo odio dos deoses, cahio em tão profunda melancholia que poz-se a errar pelos desertos, para evitar a sociedade dos homens.

THESEO

240. De quem era filho Theseo?

Era filho d'Egeo, rei d'Athenas e d'Ethra sua esposa.

241. Como se assignalou este heroe?

Distinguio-se por seu valor, domando muitos gigantes famosos, entre os quaes se contam Seyrão e Proeusto, ladrões afamados; além d'isso, destruiu muitas feras que assolavam aquellas terras.

242. Qual é a mais memoravel das suas façanhas?

Foi a sua victoria sobre o Minotauro, meio homem, meio touro, que Minos, rei de Creta, tinha encerrado n'um labyrintho construido por Dedalo.

243. O que era este labyrintho?

Era um recinto, cheio de bosques e de edificios

dispostos de tal modo que, quando ali se entrava, não se podia jamais encontrar a sahida.

244. Em que occasião foi Theseo combater o Minotauro?

Tendo o rei Minos vencido aos Athenienses, obrigou-os a mandar-lhe cada anno um tributo de sete mancebos e sete donzellas, para serem devorados pelo Minotauro. Theseo quiz ser do numero d'estas victimas, com o fim d'exterminar o monstro, o que conseguiu.

245. Como é que sahio Theseo d'este labyrintho?

Tendo agradado a Ariadne, filha de Minos, deo-lhe esta um novello de fiado cuja extremidade Theseo atou á entrada do labyrintho, e por meio do qual sahio depois de ter morto o Minotauro. Levou esta princeza comsigo, porém apezar do serviço que lhe fizera, abandonou-a na ilha de Naxos, onde Baccho, tendo-a encontrado, desposou-a.

246. O que aconteceu á volta de Theseo a Athenas?

Indo para ilha de Creta, Theseo tinha arvorado uma bandeira preta, promettendo a Egeo seu pai pôr uma branca, se voltasse vencedor do Minotauro. Porém, esqueceo-se da sua promessa, e seu pai, avistando ao longe um navio com signal de luto, cuidou que seu filho era morto, e de desespero atircu-se no mar que depois foi chamado mar Egeo.

247. Com quem Theseo travou amizade?

Tendo tomado posse do reino d'Athenas, fez alliança com Perithoo rei dos Lapithas, que viera para declarar-lhe guerra. Conceberam tanta estima um para o outro que resolveram nunca mais se separarem.

248. Qual foi o primeiro resultado d'esta alliança?

Perithoo, ajudado por Theseo, desbaratou os Centauros, semi-deoses, meio homens e meio cavallos que queriam raptar Hippodamia sua esposa.

249. Que outra empreza formaram estes dois heroes?

Não querendo terem outras mulheres que não fossem filhas de Jupiter, Theseo, ajudado por Perithoo, raptou Helena que passava por ser filha d'este soberano senhor dos deoses; Perithoo que não conhecia outra, quiz levar Proserpina, mulher de Plutão, rei dos infernos, e pediu a Theseo que o acompanhasse n'esta expedição.

Tentou Pirithoo, e Theseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:

(*Os Lusíadas*, canto II°.)

250. Qual foi o exito d'esta empreza?

Perithoo foi morto pelo cão Cerbero, e Theseo, preso por Plutão, foi amarrado a uma pedra e con-

demnado a ficar eternamente sentado; porém Hercules o livrou e o conduzio para a terra.



O Centauro.

251. Quem era a esposa de Theseo?
Hercules, depois de desbaratar as Amazonas, lle-
deu Antiope, sua rainha, que depois foi mãi d'Hip-

polyto; tambem casou-se com a irmã de Ariadne, chamada Phedra.

252. O que dizem de Hippolyto, filho de Theseo?

Este principe, não querendo ceder ás detestaveis sollicitações de Phedra sua madraستا, esta enforçou-se de desespero, e temendo ser diffamada, escreveu antes uma carta a Theseo na qual accusava a Hippolyto de ter attentado á sua honra. Theseo, enganado por este funesto escripto, proferio mil imprecações contra seu filho, e o abandonou á vingança de Neptuno.

253. Qual foi o exito d'este acontecimento?

Hippolyto ia n'um carro, fugindo a ira de seu pai; encontrou sobre a praia do mar um monstro hediondo que assustou os seus cavalloS, os quaes, desparando, atiraram o seu conductor sobre os rochedos, onde o seu corpo ficou despedaçado.

254. O que foi feito depois de Theseo?

Depois da morte de seu filho, a sua vida não foi senão uma serie de desgraças. Tendo-se seus subditos revoltado contra elle, vio-se obrigado a retirar-se para a ilha de Chio, onde morreo miseravelmente. Os Athenienses, alguns seculos depois, esforçaram-se em reparar a sua ingratição para com este principe, e houraram suas cinzas.

HERCULES

255. Narrai-nos as particularidades do nascimento de Hercules.

Hercules, chamado tambem Alcides do nome de Alceo seu avô, era filho de Jupiter e d'Alemena, esposa de Amphitryão. Para enganar esta princeza, Jupiter tomou as feições do seu marido, que estava ausente e se achava na guerra de Thebas.

256. Qual foi o maior inimigo de Hercules?

Foi Juno, que, para se vingar de Jupiter, fez nascer Hercules depois de seu irmão Eurystheo, para que d'este modo fosse desherdado; para acabar com elle, mandou duas serpentes, porém Hercules, deo logo provas da sua força, e abafou-as.

257. Conservou-se sempre Juno hostil a este heroe?

A pedido de Jupiter, Pallas abrandou a ira d'esta deosa, e obteve que desse de mamar a Hercules. Algumas gotas de leite, que caíram de seu seio, formaram no céu o que se chama a via lactea. Todavia o odio de Juno para com Hercules despertou-se de novo, e logo ella lhe suscitou mais um inimigo.

258. Quem foi este inimigo.

Foi Eurystheo, seu irmão e rei de Mycenas, que temendo ser desthronizado por elle, o expunha de continuo ao perigo de perder a vida, encarregando-o de emprezas fóra do alcance das forças humanas, e que foram chamadas os doze trabalhos d'Hercules.

259. Qual foi o primeiro d'estes trabalhos?

Hercules venceu um leão furioso que assolava os arrebaldes da floresta de Nemea, e da sua pelle fez um manto. Este leão, segundo dizem, foi collocado no numero dos astros.

260. O que eram os passaros do lago Stymphalo que motivaram a segunda façanha de Hercules?

Estes passaros, que dizem terem sido criados por Marte, tinham azas e pés aduncos, com a cabeça e o bico de ferro; tinham dardos do mesmo metal, que lançavam contra os seus inimigos. Isso é o symbolo da victoria que Hercules alcançou sobre uns ladrões que, armados com lanças, assolavam os campos, e roubavam os viajantes nos arredores do lago Stymphalo na Arcadia. Diz-se que Hercules com atabales de bronze que lhe dera Minerva, de tal modo os espantou com o estrondo que fazia, que os obrigou a sahirem da floresta onde estavam escondidos, e então os exterminou.

261. Qual foi o mais difficil e o mais glorioso dos trabalhos d'Hercules?

Foi a victoria que elle alcançou sobre a hydra de

Lerna perto d'Argos; era uma serpente que tinha sete cabeças, as quaes renasciam á medida que lh'as cortavam. Hercules, com uma souce d'ouro, a matou, ajudado por Ioláo filho d'Iphiclo que, á medida que cahia uma cabeça, atirava-a ao fogo, para que o sangue que d'ella corria não formasse outras.

262. Qual é a explicação d'esta fabula?

Os pantanos de Lerna, perto d'Argos, estavam infestados de um semnumero de serpentes que pareciam multiplicarem-se á medida que as destruiam. Hercules com ajuda dos seus amigos, deo cabo d'ellas, e depois, queimou os cannaviaes, tornando, assim, estes lugares habitaveis e ferteis.

263. Não exterminou tambem o javali d'Eurymantho?

A floresta d'Eurymantho estava cheia de javalis que causavam grandes estragos nos campos. Hercules matou o maior d'elles, e apresentou-o a Eurystheo. Os poetas, para embellezar este acontecimento, accrescentam que este heroe o levou sobre seus hombros, e que a esta vista, concebeo o rei de Mycenastal susto, que foi esconder-se n'uma pipa de bronze.

264. Não apoderou-se tambem Hercules d'uma corça extraordinaria?

Eurystheo lhe ordenára que lhe trouxesse uma certa corça viva, e Hercules apanhou-a depois a ter perseguido durante um anno inteiro. Diziam que

ella tinha pés de bronze, para indicar a velocidade com que corria, e que seus cornos eram d'ouro.

265. Qual foi a sexta façanha de Hercules?

Desviou o curso d'um rio para limpar as estrebarias do rei Augias, que pelo seu mão cheiro, infectavam o paiz.

266. Não domou tambem Hercules a um famoso touro na ilha de Creta?

A ilha de Creta nutria magnificos touros, e Eurystheo querendo criar alguns d'esta raça, ordenou ao heroe que lhe trouxesse o mais bello; o que este fez. Disseram depois que era o mesmo que o de Pasiphae.

267. De que modo Hercules roubou as eguas de Diomedes?

Diomedes possuia formosas eguas, e Eurystheo ordenou a Hercules que fosse apoderar-se de algumas: Diomedes, querendo resistir-lhe, foi morto no combate. Dizem que este principe nutria as suas eguas com carne humana.

Não tens aqui senão aparelhado
O hospicio, que o crú Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava.

(*Os Lusíadas*, canto II°.)

268. Narrai-nos em poucas palavras os ultimos trabalhos de Hercules?

Desbaratou o famoso Geryon, que tinha tres corpos e tirou-lhe os seus bois que devoravam os estrangeiros. Tomou tambem os pomos d'ouro que um dragão monstruoso guardava com toda a vigilancia, nos jardins das Hesperides. Desceo aos infernos, soltou Theseo e trouxe para terra o cão Cerbero que era o guardião dos infernos. Emfim, venceu as Amazonas e fez prisioneira a sua rainha Menalippe, que, para se resgatar, teve que dar o seu cinto. Eis-ahi os doze trabalhos de Hercules.

269. Por que outras façanhas se distinguio este heroe?

Attribuem-se-lhe tantas que não nos sería possível narral-as todas. Basta acrescentar ao que já dissemos, que elle unio o Oceano ao Mediterraneo, abrindo, dizem os poetas, duas montanhas que os separavam. Como elle julgava que ali acabava o mundo, erigio duas columnas chamadas depois columnas d'Hercules, e sobre as quaes poz esta inscripção : *Nec plus ultra.*

Imaginaí tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava ;
O leão Cleonæo, Harpias duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava ;
Descer emfim ás sombras vãs, e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava :

(*Os Lusíadas*, canto IVº.)

270. Não obscureceo tantas e tão bellas acções com algumas fraquezas?

Vencido pelas prendas d'Omphale, rainha da Lybia, abaixou-se ao ponto de vestir-se de mulher, e fiar com ella para agradar-lhe. Ainda que não se lhe dê senão duas esposas, Megara e Dejanira, teve muitos filhos, e as mais illustres familias da Grecia gabavam-se de descenderem d'este heroe.

E pois, se os peitos fortes enfraquece

Um inconcesso amor desatinado,

Beim no filho de Alcmena se parece,

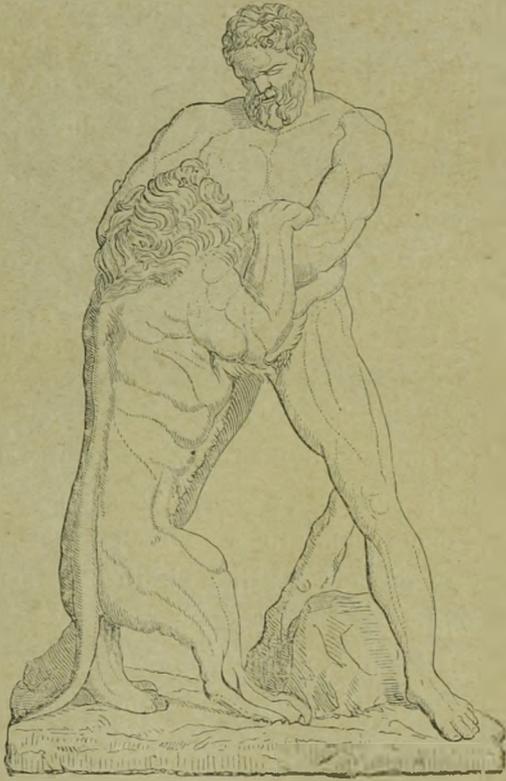
Quando em Omphale andava transformado :

(*Os Lusíadas*, canto III^o.)

271. Qual foi o fim d'Hercules?

Tendo ferido mortalmente a Nesso que queria roubar-lhe Dejanira sua esposa, este Centauro, ao morrer, tomou a sua tunica ensanguentada e deo-a a Dejanira como um remedio infallivel para reanimar o amor de seu marido, se algum dia viesse a ser necessario. Hercules, querendo offerecer um sacrificio no monte Ceta, pediu um vestido proprio para esta cerimonia, e Dejanira deo-lhe a fatal tunica. Mal a tinha vestido quando o veneno de que estava impregnada o fez entrar em furor. Vendo então que se aproximava a sua ultima hora, fez uma fogueira, sobre a qual se deitou, e que mandou acender por

Philoctetes, ordenando-lhe que encerrasse as suas frechas no seu tumulo, e jurasse que nunca revelaria este lugar a ninguem.



Hercules.

272. O que foi feito de Hercules depois da sua morte?

Foi habitar entre os deoses, e desposou no céo a Hebe, deosa da Juventude.

273. Como é que representavam Hercules?

De muitas maneiras; porém mais ordinariamente sob a figura d'um homem forte e robusto, nu, lutando contra o leão de Nemea, outras vezes com uma maça na mão; ou, então, traz no braço a pelle do leão de Nemea, que tambem ás vezes lhe cobre a cabeça e os hombros; o seu rosto é varonil, tem olhos grandes, a barba basta e os cabellos crespos e desgrenhados.

OS PYGMEOS E PYGAS, SUA RAINHA

274 Quem eram os Pygmeos?

Eram uns povos da Libya que não tinham senão um pé de altura. Montados em cabras e carneiros tambem proporcionados a seu tamanho, faziam puxar os seus carros por perdizes; estavam sempre em guerra contra os groux que todos os annos os vinham atacar. As suas mulheres eram mãis á idade de cinco annos, e estavam velhas aos oito annos. As suas cidades e casas não eram feitas senão com cascas de ovos, e os que moravam no campo viviam em buracos que praticavam no chão, d'onde só sahiam no tempo da ceifa para irem cor-

tar os trigos com machados, como se fosse preciso derribar uma floresta. Um exercito d'estes homenszinhos atreveo-se a atacar Hercules adormecido na estrada, depois de ter vencido a Anteo. Os Pygmeos empregaram a mesma tactica como se houvessem de formar um cerco. As duas alas acommetteram a mão direita do heroe, e o corpo de batalha, a mão esquerda; enquanto que os archeiros tiravam as suas frechas sobre os seus pés, o rei com os seus mais esforçados guerreiros assaltava o lado da cabeça. Hercules, ao acordar, rio-se da ousadia d'estes homenszinhos, recolheo-os dentro da sua pelle do leão de Nemea, e os levou a Eurystheo.

275. O que foi feito da sua rainha Pygas?

Soberba por causa da sua belleza, ousou desprezar a Juno, que a metamorphoseo em grou.

276. O que se deve pensar d'esta historia?

Não será senão uma ficção dos poetas, os quaes sabendo que havia na Ethiopia um povo excessivamente baixinho em relação aos outros homens, tiveram a ideia de os pôr em contraste com os gigantes. Assim, os Pechinienses são os verdadeiros Pygmeos d'Illomero, e os groues que se retiravam para o seu paiz durante o inverno, deram lugar a que se fingisse que era para declarar-lhes guerra.

JASON E OS ARGONAUTAS

277. De quem era filho Jason?

Era filho d'Eson, rei da Thessalia. Pelias irmão d'este rei, depois da morte d'Eson, apoderou-se do throno, promettendo restituil-o a Jason logo que este fosse capaz de reinar; chegado o tempo, Pelias querendo afastar o seu sobrinho da côrte, persuadio-lhe que para grangear alguma gloria, devia ir conquistar o vellocino de ouro.

278. O que era o vellocino de ouro?

Era a pelle do carneiro no qual Phryxo, filho d'Athamas rei de Thebas, fugio para evitar a persecução d'Ino, sua madrasta. Chegado a Colchos, sacrificou o carneiro ao deos Marte, suspendeo o vello a uma arvore, n'um campo consagrado a este deos, e o mandou guardar por um dragão que devorava todos os temerarios que queriam conquistal-o. Marte ficou tão satisfeito com este sacrificio, que ordenou que todo aquelle em poder de quem se achasse este vello, viveria na abundancia emquanto o conservasse, e que fosse permittido a todos tentar a sua conquista.

279. Quaes foram os companheiros de Jason?

Não concordam os antigos no seu numero; mas

eram todos heroes, e entre elles se achavam Hercules, Theseo, Castor e Pellux etc... Chamavam-se Argonautas do nome da sua não Argo. Depois de soffrer muitas tempestades e fadigas, chegaram a Colchos.

280. O que aconteceu a Jason n'este paiz?

Cativou o amor de Medea, celebre magica, filha do rei d'este paiz, a qual lhe deo por meio dos seus encantamentos a facilidade de roubar o vello d'ouro.

281. O que havia de difficil n'esta conquista?

Era mister, antes de tudo, domar dous touros que tinham pés e cornos de bronze e vomitavam chammas; e depois de apparelhal-os a um arado de diamantes, lavrar com elles quatro geiras d'um campo consagrado a Marte, e que nunca tinha sido arroteado; semear n'elles os dentes d'um dragão, e exterminar, até ao ultimo, os homens que d'elles deviam nascer; enfim, matar o monstro que guardava o deposito sagrado; todos estes trabalhos não deviam durar mais de um dia.

282. Como desempenhou Jason semelhante empreza?

Certo de ser ajudado por Medea, marcou o dia, e então reunio-se o povo fóra da cidade no Campo de Marte; tambem o rei, acompanhado de sua comitiva ali foi para presenciar este espectaculo; do outro lado estava Jason com todos os seus companheiros

consternados á vista do perigo a que elle ia expor-se; logo saltaram os touros, cujo aspecto bastava para fazer tremer de medo os espectadores. Jason amansou os touros, poz-lhes a canga, lavrou o campo, e n'elle semeou os dentes do dragão; e quando brotaram os combatentes, atirou uma pedra no meio d'elles, a qual os enfureceo de tal modo que todos mataram-se mutuamente; emfim foi ter com o monstro que guardava o vello de ouro, adormeceu-o com aservas encantadas que lhe dera Medea, matou-o, e apoderou-se do precioso deposito. Victorioso, voltou a sua náó onde o esperava a sua amante, desfraldou as velas e partio com ella. Esta mulher perversa, fez o seu irmão Absyrto em pedaços, dispersou os seus membros ao longo do caminho, afim que Etas, seu pai, que a perseguia, parando para recolhê-los, lhe deixasse o tempo de fugir.

283. Para onde se retiraram Jason e Medea sua esposa?

Para a Thessalia onde foram bem agasalhados. Medea remoçou pela sua arte o velho Eson, pai de Jason, e para vingar o seu marido da injusta usurpação de Pelias seu tio, aconselhou ás filhas d'este príncipe que o matassem, promettendo-lhes que depois de resuscital-o, o remoçaria.

284. Continuaram Jason e Medea a viverem em boa intelligencia?

Não; Jason abandonou esta magica para se casar com Glauca, ou Creusa, filha de Creon, rei de Corintho.

285. Como se vingou Medea d'este ultraje?

Fez perecer a sua rival, mandando-lhe uma caixinha encantada, feita de pedras preciosas, e da qual sahio um fogo que consumio a princeza e o palacio que ella habitava. Depois d'esta acção, vendo que Jason ia castigal-a, Medea matou em sua presença os dois filhos que tinha tido d'elle.

286. O que fez Medea para evitar a justa colera do seu esposo?

Fugio n'um carro puxado por dragões alados que a levaram a Athenas, onde se casou com Egeo de quem teve um filho chamado Medo.

287. Sobreviveo muito tempo Jason a todas estas desgraças?

Uns dizem que morreo de pezar em Corintho; outros pretendem que pereceo debaixo dos destroços da náó Argo. Depois da sua morte, foi este heroe honrado como semi-deos.

CASTOR E POLLUX

288. De quem nasceram Castor e Pollux?

De Leda, mulher de Tyndaro, rei de Laconia.

Diz-se que Jupiter, encontrando esta princeza nas margens do rio Eurotas, tomou a figura d'um cysne, e fazendo-se perseguir por Vennus que se havia mudado em aguia, foi-se refugiar nos braços de Leda; esta rainha deo á luz Pollux e Helena, Castor e Clytemnestra; os dois primeiros foram tidos por filhos de Jupiter, e os outros attribuidos a Tyndaro, d'onde lhes vem o nome de Tyndarides.

289. Por que acções se illustraram Castor e Pollux?

• Ainda que filhos de pais differentes, ambos se assignalaram pelo seu valor, e viveram n'uma união tão estreita que mereceram serem propostos como modelos da amizade que deve reinar entre irmãos. Castor distinguio-se na picaria de cavallos, e Pollux nos combates do pugilato. Acompanharam Jason a Colchos na conquista do vello de ouro; ao voltarem d'esta expedição livraram sua irmã Helena raptada por Theseo, e desbarataram os Athenienses que haviam tomado o partido d'este heroe.

290. O que é que os tornou tão celebres?

Foi a sua expedição contra os piratas que elles expulsaram do Archipelago, pelo que receberam de Neptuno o poder de protegerem os marinheiros. Outros dizem que eram tidos por divindades favoraveis aos navegantes por causa do acontecimento seguinte: pretendem que durante a sua viagem com

os Argonautas houve uma tempestade tal que o navio que os levava estava quasi para perder-se, e que apparecendo uns fogos que volteavam á roda da sua cabeça, logo o temporal se acalmou. Depois chamaram-se fogos de Castor e Pollux os clarões phosphorescentes que apparecem no mar quando o tempo está tormentoso; quando se produziam dois d'estes fogos, era sinal de bom tempo; porém se só havia um, consideravam-n-o como symptoma de imminente tempestade, e então invocavam o soccorro dos dois heroes.

291. O que aconteceu mais a estes dois principes?

Lynceo e Idas, devendo desposarem Phœbe e Ilaire, filhas de Leucippo, convidaram ás suas bodas Castor e Pollux, por serem proximos parentes das princezas. Porém, estes namoraram-se d'ellas e roubaram-as aos seus esposos, e no combate que se seguiu, matou Lynceo a Castor.

292. O que diz a fabula a este respeito?

Pollux, sendo immortal por ser filho de Jupiter, e cheio de ternura para com o seu irmão, pedio ao soberano senhor dos deoses que lhe fosse permittido compartilhar sua immortalidade com Castor, no que consentio Jupiter, ordenando que ambos viveriam e morreriam alternativamente de seis em seis mezes.

293. Como eram representados Castor e Pollux?

Sob a figura de dois mancebos, com uma estrella por cima do seu capacete, e montados em cavallos brancos.

ORPHEO

294. Quem era Orptheo?

Era filho de Apollo e da musa Clio, e segundo outros de Œagrio e da musa Calliope. Sendo pontífice, e tambem rei da Thracia, deram-lhe o titulo de ministro e interprete dos deoses. Foi poeta e musico tão excellente que, segundo dizem, attrahia após si os animaes, as arvores e as pedras, e que fazia parar as correntes dos rios.

Tendo perdido Eurydice, sua esposa, que foi mordida n'um pé por uma serpente, desceo aos infernos, aonde pela doçura do seu canto, aplacou o cão Cerbero, suspendeo os tormentos dos criminosos, e abrandou Plutão, que lhe entregou a sua esposa com a condição, porém, que se não voltasse para a ver, enquanto não tivesse chegado á terra. A curiosidade e o seu amor lhe fizeram esquecer esta condição, e Eurydice foi reconduzida aos infernos. Orptheo passou o resto da vida nos desertos e montanhas, chorando a perda da esposa. Emfim, como

as Bacchantes o achassem insensível ao amor que lhes inspirára, mataram-n-o, e o despedaçaram. Dizem que foi mudado em cysne, e a sua lyra collocada no céo.

ŒDIPO

295. Quaes foram os pais d'Œdipo?

Foram Laio, rei de Thebas, e Jocasta.

296. O que lhe aconteceu logo depois de nascer?

O oraculo d'Apollo tendo prognosticado a Laio que seria morto pela mão do seu filho, o qual casaria com sua propria mãe, ordenou a Jocasta, sua mulher, que matasse a criança, abafando-a logo que a desse á luz. Porém, Jocasta não quiz matar por si mesma seu filho, e encarregou d'isto um de seus soldados.

297. Como escapou Œdipo a esta morte prematura?

O soldado, commovido de compaixão para com a criança, em lugar de matal-a, furou-lhe os pés, e por meio d'uma varinha de salgueiro a suspendeo a uma arvore d'onde foi tirada por um pastor que a levou á mulher de Polybo, rei de Corintho. Esta princeza, não tendo filhos, criou-o como se fosse o seu

proprio, e lhe poz o nome de Œdipo, *pés inchados*, por causa da inchação que lhe ficára no pés.

298. O que fez Œdipo logo que teve a idade de razão?

Sabendo que não era filho do rei de Corintho, e que seu pai estava na Phocida, foi ali ter com elle, porém tendo-o encontrado sem conhecê-lo, matou-o n'uma contenda que teve com elle.

299. O que lhe aconteceu depois?

Imaginando que o oraculo tinha querido engatal-o, foi a Thebas, assolada então pelo famoso Sphinx que deo lugar a tão maravilhosas historias.

300. O que era este Sphinx?

Era um monstro horrivel, nascido de Typhon e de Echidna, e que Juno, irritada contra os Thebanos, lhes tinha mandado. Tinha o rosto, as mãos e a voz d'uma mulher, o resto do corpo semelhante ao d'um cão, as garras d'um leão, e azas como os passaros. Vivia sempre no monte Cytheron, e ali propunha um enigma aos viajantes que elle devorava quando não podiam decifral-o. O Destino tinha annuciado que esse monstro pereceria quando apparecesse alguem que adivinhasse o enigma.

301. Qual era o enigma que propunha d'ordinario?

Consistia este enigma em saber qual é o animal

que tem quatro pés pela manhã, dois ao meio dia, e tres á tarde.

302. Quem explicou este enigma?

Creon, que então era rei de Thebas, mandou publicar em toda a Grecia que daria sua filha Jocasta, viuva de Laio a quem adivinhasse o enigma. Apresentou-se Œdipo e teve esta ventura, respondendo que o animal era o homem; que, em criança, isto é na primavera da vida, andava de galinhas; depois não precisava senão das pernas ao meio dia, isto é na idade viril, e enfim, ajudava-se d'um páo, á tarde, ou na sua velhice. O Sphinx, de despeito, precipitou-se do rochedo, e esmagou a cabeça.

303. Qual foi a recompensa d'Œdipo?

Conforme a promessa de Creon, desposou Jocasta sem saber que era sua mãe.

304. Como castigaram os deoses este incesto?

Indignados os deoses, mandaram contra os Thebanos uma peste, e o oraculo consultado respondeo que esta cessaria quando sabbisse da cidade um monstro assassino de Laio. O proprio Œdipo procurou descobrir o criminoso, e por meio do pastor que o salvára quando era criança, soube enfim o mysterio do seu nascimento. Desesperado, arrancou-se os olhos, desterrou-se da sua patria, e foi

passar o resto dos seus dias em Athenas. Jocasta enforcou-se de desespero.

CADMO

305. Qual foi a origem de Cadmo?

Era filho de Agenor, rei da Phenicia.

306. Porque deixou a cõrte de seu pai?

Por lhe ter este ordenado que fosse procurar sua irmã Europa, roubada por Jupiter, e que não voltasse sem ella. Depois de muitas viagens, não podendo colher noticias de sua irmã, Cadmo foi a Delphos para consultar o oraculo, o qual lhe ordenou que fosse andando até encontrar uma novilha que o conduziria ao lugar em que devia parar. Assim aconteceu, e no dito lugar, elle edificou uma cidade n'um paiz a que deo o nome de Beocia.

307. O que lhe aconteceu então de notavel?

Querendo offerecer um sacrificio aos deoses, mandou os seus companheiros que lhe fossem buscar agua á fonte Dirce onde todos foram devorados por um dragão. Cadmo dirigio-se para allí, vingou a morte d'elles matando o monstro, arrancou-lhe os dentes, e os semeou por ordem de Minerva. D'estes dentes nasceram logo homens armados que se ma-

taram uns aos outros á excepção de cinco, que lhe ajudaram a edificar a sua cidade.

308. Qual foi o nome dado por Cadmo á nova cidade?

Deo-lhe o nome de Thebas. Amphião famoso musico foi quem a rodeiou depois com muralhas; dizem que aos sons da sua lyra, as pedras iam de si mesmas collocar-se no seu lugar.

309. Quem foi a mulher de Cadmo?

Hermione, filha de Marte e de Venus; teve d'ella muitos filhos que soffreram muito do odio que Juno tinha a Europa raptada por Jupiter.

310. Reinou Cadmo em Thebas até á sua morte?

Não; nos seus ultimos dias, os seus subditos sublevaram-se contra elle, e foi constrangido a retirar-se com sua mulher á Illyria, onde os deoses, compadecidos da sua miseria, os converteram ambos em serpentes.

DEDALO E ICARO

311. O que ha de particular a respeito de Dedalo e d'Icaro, seu filho?

Este Dedalo, famoso architecto de Athenas, inventou vários instrumentos de mecanica; fabricou estatuas automaticas, com que tornou o seu nome

mui celebre. Porém, temendo que a habilidade d'um filho de sua irmã, que inventára uma especie de roda para os oleiros, excedesse a sua, atirou-se, encolerizado, d'uma janella a baixo, fugio para a ilha de Creta, e dirigio-se, com o seu filho Icaro, á côrte do rei Minos II. Foi alí que elle construiu o famoso Labyrintho de que se fallou tanto, e onde elle-mesmo foi encerrado por ter favorecido as intrigas de Pasiphae, mulher do rei Minos. Escapou da prisão pelo mar com tanta subtileza que acreditaram que tinha voado por meio de azas artificiaes; a fabula accrescenta que seu filho, não seguindo os seus conselhos, aproximou-se muito perto do sol, e derretendo se a cera que pregava as pennas de suas azas, cahio no mar.

312. Que foi feito depois de Dedalo?

Foi ter com Cocalo, rei da Sicilia que o agasalhou perfeitamente; porém este rei temendo, depois, que Minos lhe fizesse guerra nos seus proprios estados, por ter amparado o fugitivo, mandou-o suffocar em estufas.

PELOPS

313. De quem era filho Pelops?

De Tantaló, rei de Phrygia.

314. Como foi tratado por seu pai?

Seu pai, hospedando n'uma occasião, os deoses em sua casa, lhes apresentou os membros de Pelops, sazoados de diversos modos, para experimentar a sua divindade, e Ceres, sem reparar, comeo-lhe o hombro direito. Porém, os outros deoses reconheceram de que era composto o festim, e Jupiter resuscitou o joven Pelops e lhe poz um hombro de marfim, em lugar do que fôra comido por Ceres.

315. Não vingaram os deoses a Pelops da crueldade de Tantaló?

Ficaram tão horrorizados que precipitaram este nos infernos, onde foi condemnado a padecer eternamente fome e sêde no meio da abundancia; tambem toda a sua familia foi opprimida de miserias, e Niobe, sua filha, mudada em rochedo depois de ter visto perecerem todos os seus filhos.

316. O que foi feito de Pelops depois d'estas calamidades?

Retirou-se á Elida á côrte do rei Oenomáo, onde, depois de ter vencido na carreira dos carros a formosa Hippodamia, filha unica d'este principe, a recebeu em casamento. Por meio d'esta alliança, Pelops herdou o reino da Elida que elle engrandeceo com as suas conquistas, e que do seu proprio nome, chamou Peloponeso.

PROGNE E PHILOMELA

317. De quem eram filhas Progne e Philomela?
De Pandion, rei de Athenas.

318. Com quem casou Progne?
Com Teréo, rei da Thracia de quem teve um filho
chamado Itys.

319. Qual foi a sorte de Philomela?
•Progne, inconsolavel por estar separada da irmã
que amava com muita ternura, pediu a seu marido
que a fosse buscar; Teréo consentio, porém quando
vio Philomela, concebeo por ella uma paixão culpa-
vel, e depois de enganar-a, cortou-lhe a lingua, e a
encerrou n'um castello para lhe tirar todos os meios
de se queixar.

320. Como foi solta esta princeza?
Mandou participar a sua triste situação a sua
irmã; enviou-lhe um lenço no qual tinha bordado
com lã a narração do que Teréo lhe fizera, e então
Progne veio á frente das Bacchantes para a livrar e
levar-a ao palacio do seu marido.

321. Que vingança tiraram ellas d'este ultraje?
Apunhalaram Itys que Progne tinha tido de Te-
réo, e deram a comer a seu pai, e Philomela apare-
cendo na sala do festim, atirou sobre a mesa a ca-

beça do menino. O rei, enfurecido, desembainhou a espada, querendo matar a sua mulher e sua cunhada, porém estas puderam fugir, e n'um navio, preparado de proposito, chegaram a Athenas, antes que Teréo as pudesse alcançar. Os deoses para castigal-as, converteram Progne em andorinha, e Philomela em rouxinol. Enquanto a Teréo, foi mudado em gavião, e Itys em faisão ou em pintasilgo.

LYCAON

322. O que se sabe de Lycaon?

Era um principe da Arcadia ou Lycaonia. Se bem fosse cortez e religioso, por uma inhumanidade, que era commum n'aquelles tempos barbaros, manchava as festas Lupercaes com sacrificios humanos. Os poetas dizem que elle dera um festim a Jupiter em que mandou servir os membros d'um escravo que tinha degollado. A sua crueldade e o seu nome que em grego significa *lobo*, o fizeram metamorphosear n'este animal.

PYRAMO E THISBE

323. O que se diz de Pyramo e Thisbe?

Foram dois amantes, cujos parentes eram inimi-

gos. Um dia, concertaram acharem-se juntos debaixo d'uma amoreira, fóra da cidade; Thisbe, chegou primeiro, ao lugar do esperadouro, e topando com uma leoa que tinha a guela ensanguentada, deitou a fugir e deixou cahir o seu véo, que a fera fez em pedaços, e manchou com sangue. Pyramo, chegando depois, e suppondo á vista do véo que sua amante fóra devorada, matou-se logo de desespero; então Thisbe que não o via chegar, voltou para traz, vio a Pyramo expirando, e conhecendo o engano, traspassou-se tambem com a mesma espada. Os fructos da amoreira, a cuja sombra isto aconteeo, se tornaram negros, de brancos que até ali tinham sido.

HISTORIA DA CIDADE DE TROIA, E DOS PRINCIPES TROIANOS

324. Onde estava situada a cidade de Troia?

Esta cidade, antigamente a mais celebre de toda a Asia Menor, estava situada na parte da Phrygia que avizinha o Hellesponto.

325. Por quem, e em que tempo foi fundada a cidade de Troia?

Por Dardano, filho de Jupiter, obra de sete centos annos antes da fundação de Roma.

326. Quaes foram os primeiros reis que a governaram?

Depois de Dardano, succedeo o seu filho Erichon que teve por successor Tros, o qual deo-seu nome a esta cidade. O seu filho Ilo que reinou depois, redificou-a, estendeo seus limites e deo-lhe o nome d'Ilio. Laomedonte reinou depois d'Ilo, seu pai, e ajudado por Apollo e Neptuno, rodeou-a de muros.

327. O que foi feito d'esta cidade no reinado de Laomedonte?

Foi tomada e assolada por Hercules, a quem Laomedonte negára a recompensa promettida por ter livrado os seus estados d'um monstro, a quem fôra obrigado a entregar Hesione, sua filha. Laomedonte foi morto n'esta occasião, e Priamo, seu filho, feito prisioneiro.

328. Quem succedeo a Laomedonte?

Priamo, resgatado pelos Troianos, e que foi o ultimo dos reis de Troia.

329. Qual foi o grão de esplendor d'esta cidade, durante o reinado de Priamo?

Este principe fel-a a mais poderosa da Asia; reparou as fortificações e mandou edificar uma fortaleza que foi chamada Pergamo. Engrandeceu-se consideravelmente durante o seu reinado, e por meio das suas conquistas, veio a ser o monarcha mais poderoso de toda a Asia.

330. Quantos filhos teve Priamo?

Entre os muitos que lhe deo Hecuba, sua esposa, teve quatro que foram mui conhecidos; são: Heitor, Heleno, Troilo e Paris.

331. O que foi feito dos tres primeiros?

Heitor, filho mais velho de Priamo, foi pelo seu valor, o mais firme amparo do throno de seu pai. Tinha desposado Andromaca, de quem teve Astyanax; depois de ter feito prodigios de valor durante o cerco de Troia, foi morto por Achilles.

Heleno fez-se celebre na arte de adivinhar. Dizem que atraiçôou seu pai, descobrindo aos Gregos um meio infallivel de tomarem a cidade.

Depois da ruina de Troia, sendo feito captivo de Pyrrho, filho de Achilles, soube grangear a sua amizade pelas suas predicções favoraveis a este principe, o qual para o recompensar, lhe deo o reino do Epiro.

Troilo á quem o destino tinha legado a sorte de sua patria, tendo-se atrevido a atacar a Achilles, foi morto por este heroe, e logo a cidade cahio no poder dos Gregos.

332. Narrai-nos a historia de Paris?

Paris, ultimo filho de Priamo, tornou-se o mais celebre de todos, por ter sido a causa da ruina da sua patria. Dizem que Hecuba, sua mãe, estando gravida d'elle, sonhou que dava á luz a um archote

ardente, e os agouros consultados declararam que a criança que d'ella nasceria, viria a causar a ruina da sua patria. Por isso, logo ao nascer, foi exposto no monte Ida, onde alguns pastores o criaram sob o nome de Alexandre.

333. O que deixou presentir a infancia de Paris? — Apesar do seu disfarce, notavam-lhe raras qualidades; distinguia-se sobretudo por um espirito cheio de equidade e de justiça; emfim, certos rasgos de grandeza que praticára, deixaram suppor que elle pertencia a uma familia illustre.

334. Qual foi o testemunho que deo Jupiter da prudencia e rectidão de Paris?

Todos os deoses e deosas sendo convidados ás bodas de Thetis e de Peléo, a excepção da Discórdia, a deosa para vingar-se d'esta affronta, atirou na mesa do festim um pomo de ouro, que levava esta inscripção : *A mais bella.* Logo houve uma grande desordem, pois que não havia uma só deosa que não pretendesse merecê-lo. Entretanto, todas depois o cederam a Minerva, Juno e Venus. Jupiter não querendo arbitrar por si mesmo este caso, encarregou d'este negocio a Paris, o qual deo o pomo a Venus, de preferencia ás duas outras deosas. Ficaram estas tão irritadas que juraram não sómente a perda de Paris, porém ainda a de Priamo, e de toda a sua familia.

335. Ficou Paris por muito tempo na condição obscura em que fôra criado?

Até á idade de trinta annos; eis-aqui a aventura que o deo a conhecer. Um dos filhos de Priamo tendo-lhe roubado um touro para dal-o a quem alcançasse o premio nos jogos funebres que se deviam celebrar em Troia, foi o proprio Paris a estes jogos, combateo contra os seus irmãos, e sahio vencedor. Heitor quiz matal-o, porém Paris tendo mostrado os cueiros com que fôra abandonado, foi reconhecido por Priamo que o recebeu com alegria, e julgando este ser falso o oraculo que prognosticára dever seu filho causar a ruina da sua patria antes da idade de trinta annos, como já tinha passado esta idade, conduzio-o ao palacio, e deo-lhe o nome de Paris.

336. O que fez Paris depois de ser reintegrado na casa paterna?

Priamo mandou-o á Grecia para recolher a herança de sua tia Hesione; aportou a Esparta, onde o rei Meneláo o agasalhou com grandes demonstrações de amizade; depois namorou-se d'Helena, mulher d'este principe, e raptou esta princeza durante uma viagem que Meneláo fez a Creta.

ALLIANÇA DOS GREGOS CONTRA OS TROIANOS

337. O que é que provocou a liga dos Gregos contra os Troianos?

Foi o rapto d'Helena por Paris. Meneláo, irritado d'esta affronta, reclamou o soccorro dos outros principes gregos, os quaes se comprometteram a pegar em armas para vingal-o dos Troianos.

338. Em que lugar se reuniram todos estes principes?

Foi no porto da Aulida na Beocia, onde deviam acharem-se em prazo certo com as suas tropas e náos.

339. Foram todos exactos em se apresentarem no tempo fixado?

Alí se acharam todos, excepto Ulysses rei de Ithaca, e Achilles filho de Thetis e de Peléo.

340. Porque não se achou alí Ulysses, assim como os outros?

Este principe que amava ternamente a Penelope sua esposa, fingio-se louco para não separar-se d'ella; porém Palamedes poz, para experimentar a sua sinceridade, o seu filho Telemaco ainda pequeno, diante da relha d'um arado puxado por bois, e que elle governava. Ulysses, por medo de ferir seu filho,

levantou o arado; este movimento revelou o seu fingimento, e então foi constrangido a partir. Enquanto a Palamedes, Ulysses vingou-se d'elle durante o cerco de Troia, mandando-o apedrejar pelos soldados, sob o pretexto que entretinha intelligencias com Priamo.

341. O que é que demorava a chegada de Achilles ao campo?

Era a ternura que lhe tinha Thetis, sua mãe. Esta deosa, avisada pelo Destino que Achilles pereceria no cerco de Troia, tomára todas as providencias para salvá-lo; para o tornar invulneravel, mergulhou-o nas aguas do Styx, á excepção do calcanhar pelo qual o segurava. Quando foi homem, mandou-o, disfarçado em donzella, á côrte de Lycomedes, rei da ilha de Sciros; ali se descobriu a Deidamia, filha do rei, a qual desposou clandestinamente, e d'ella teve um filho chamado Pyrrho ou Neptolemo. Porém como o Destino dissera que a cidade de Troia não podia ser tomada na ausencia de Achilles, os Gregos o mandaram procurar por todas as partes.

342. Como é que descobriram os Gregos a retirada d' Achilles?

Ulysses que desconfiava d'isto, conseguiu conhecê-la, mas para distinguir o mancebo d'entre as mulheres que o acompanhavam, usou d'um estra-

tagema que teve bom exito; disfarçou-se em mercador, e, entre muitas joias, lhe apresentou umas armas em que Achilles pegou logo com ardor; assim foi descoberto e obrigado a ir a Troia.

343. O que fizeram os principes gregos reunidos no porto da Aulida?

Cuidaram em nomear um d'entre elles como chefe superior, e então escolheram Agamemnon, rei de Mycenae, e irmão de Meneláo; depois disputaram-se para partir. Porém Agamemnon tendo matado por acaso uma corça consagrada á Diana, esta deosa, irritada, mandou uma peste no exercito, e Neptuno sollicitado por ella, suscitou ventos que constringiram as náos a não sahirem do porto.

344. Como é que removeram estas difficuldades?

Consultado o adivinho Calchas, declarou este que Diana não podia ser aplacada senão com o sangue d'Iphigenia, filha mais velha d'Agamemnon, e então prepararam-se a fazer este sacrificio. Já estava o alfange levantado sobre a innocente victima, quando Diana, dando-se por satisfeita, substituiu uma corça a Iphigenia que ella levou e conduziu a um templo, do qual a instituiu sacerdotiza. Logo, acalmado-se os ventos, os Gregos desfraldaram as velas, e chegaram felizmente diante da cidade de Troia.

CÊRCO DE TROIA

345. Em que situação se achava a cidade de Troia á chegada dos Gregos?

Priamo, sabendo do armamento dos Gregos, a tinha provido de tudo quanto era necessario para fazerem longa e vigorosa resistencia. Além de suas proprias forças, era ainda ajudado por varios principes que lhe forneciam quantias avultadas.

346. Não tomaram os deoses parte n'esta guerra?

Tendo-os Jupiter reunido para decidirem da sorte d'esta cidade, nunca puderam concordar entre si; uns tomaram o partido dos Troianos, e outros sustentaram o dos Gregos.

347. O que fizeram os Troianos para opporem-se ao desembarque dos Gregos?

Acamparam um poderoso exercito sobre as margens do mar. Os Gregos, intimidados, não se atreveram a desembarcar, mórmente porque o oraculo tinha annuciado que aquelle que chegasse primeiro á terra perderia a vida. Porém Protesilão, joven principe da Thessalia, tendo-se atirado fóra da náó, animou com seu exemplo todos os outros chefes a affrontarem o perigo. Houve n'esta occasião um combate renhido em que Protesilão e mais outros capi-

tães gregos foram mortos por Heitor; tambem perderam os Troianos muitos dos seus mais esforçados guerreiros.

348. Em que cuidaram os Gregos depois de desembarcarem?

Puzeram em secco as suas náos, e depois entrincheiraram-se para garantir-se das vigorosas sortidas dos inimigos.

349. O que aconteceu ao exercito grego durante o cerco de Troia?

Agamemnon, tendo raptado Chryseis, filha d'um sacerdote de Apollo, o deos para vingar a injuria feita ao seu ministro, fez grassar entre os Gregos uma peste que lhes foi muito pernicioso. Agamemnon constrangido a restituir Chryseis, roubou a formosa Briseis, escrava de Achilles, o que irritou de tal modo este guerreiro que não quiz combater mais a favor dos Gregos, e encerrou-se na sua tenda, durante perto d'um anno, no qual os Troianos tiveram sempre vantagem nos combates. Porém, Patroclo, amigo d'Achilles, sendo morto por Heitor, o filho de Thetis pegou de novo nas armas, e vingou o seu amigo matando a Heitor. D'um genio altivo, brutal e arrebatado, fez muitas indignidades ao cadaver do vencido, e o vendeo a Priamo seu pai, depois de o ter arrastado ao redor dos muros de Troia, preso ao seu carro.

350. Como morreo Achilles?

Este heroe, vendo Polyxena, filha de Priamo, ficou captivado pelas prendas d'esta princeza, e então pedio-a em casamento a seu pai, promettendo que o soccorreria, se lh'a dêsse. Priamo consentio, porém enquanto estavam no templo d'Apollo onde devia celebrar-se o casamento, Paris, para vingar a morte de Heitor, matou Achilles com uma frecha que o ferio no calcanhar, unico lugar pelo qual ficára vulnereavel. Todavia, não gozou Paris por muito tempo do seu triumpho, pois que este perfido raptor d'Helena foi morto alguns dias depois.

351. Quem herdou as armas d'Achilles?

Ajax e Ulysses as disputaram entre si, porém, este ultimo as obteve por meio da sua eloquencia. Ajax ficou tão furioso que durante a noite seguinte, fez uma grande matança nos rebanhos do acampamento, cuidando matar a Ulysses. Tornado a si, trapassou-se com a sua espada, e do seu sangue brotou a flor chamada Jacintho.

352. Quem succedeo a Achilles no mando das tropas?

Foi seu filho Pyrrho, principe corajoso, que muito se distinguio nos diversos combates em que se achou.

353. Luctaram por muito tempo os Troianos contra os esforços de toda a Grecia alliada?

Nos nove primeiros annos dos dez que durou o cêrco de Troia, os Troianos animados pelos oraculos do cumprimento dos quaes dependia o seu destino, combateram com tanto arrojo que quasi constringiram os Gregos a abandonarem a sua empreza.

354. O que diziam estes oraculos?

O primeiro, que Troia não podia ser tomada sem o soccorro das frechas d'Hercules; o segundo, que nunca seriam os Troianos vencidos emquanto conservassem o Palladio, o qual era uma estatua de Minerva que diziam ter descido do céu; o terceiro tinha declarado que para tomar Troia, era preciso que os Gregos impedissem que Rheso, rei da Thracia, se unisse com os Troianos, e a seus cavallos o beberem da agua do rio Xantho, perto de Troia, e pastarem nos prados que bordavam este rio.

355. Como é que conseguiram os Gregos o seu designio?

Rogaram a Philoctetes que era o unico que sabia aonde estavam as frechas d'Hercules, que lh'o indicasse, não obstante o juramento que fizera ao heroe de nunca revelal-o; Philoctetes não julgando ser perjuro, bateo com o pé sobre o lugar do tumulo onde ellas estavam recolhidas, porém em castigo d'isso, foi ferido no assalto da cidade, por uma d'estas mesmas frechas que deixou cahir sobre um dos seus pés; a infecção da ferida tornou-se tal que

os Gregos, não a podendo supportar, o abandonaram na ilha de Lemnos, onde viveo alguns annos, padecendo dôres atrocissimas e proferindo contra os Gregos as mais terriveis imprecações. Entretanto, vendo os Gregos que não podiam tomar Troia sem as frechas que Philoctetes levára comsigo, Ulysses encarregou-se de ir buscal-o, e, com effeito, conseguiu conduzil-o ao arraial. Foi tambem Ulysses que, ajudado por Diomedes, roubou o Palladio, penetrando furtivamente na cidade por um aqueducto. Emfim, estes dois heroes entraram de noite na tenda de Rheso, mataram-o e conduziram os seus cavallos, antes que bebessem da agua do Xantho.

356. Teve lugar a tomada de Troia pouco tempo depois d'este acontecimento?

Não tardou muito; porém deveram-n-a os Gregos mais á astucia do que á força.

357. Que estratagemas empregaram então?

Pelos conselhos d'Ulysses, fabricaram um cavallo de madeira d'um tamanho tal que puderam alojar n'elle trezentos homens armados, e, então, fizeram correr o boato que era uma offerta que consagravam a Minerva, para obterem a sua feliz volta á patria, depois, foi todo o exercito esconder-se na ilha de Tenedos.

358. Não desconfiaram os Troianos d'este estratagemas?

Alguns dos mais avisados, entre os quaes se achava Laocoon, summo sacerdote de Neptuno, tiveram algumas suspeitas, e foram da opinião que se atirasse com este colosso ao mar, ou que o queimasse; porém os mais temerarios propuzeram que o mandassem entrar na cidade, e então prevaleceo este ultimo parecer.

359. Quem fez cahir os Troianos n'esta cilada?

Foi um soldado grego chamado Sinon. Este homem artificioso, ensinado por Ulysses, deixou-se prender pelos Troianos, e depois de grangear a sua confiança pela narração do máo tratamento imaginario que pretendia ter soffrido dos Gregos, fez-lhes crer que este cavallo era destinado a supprir o Palladio, accrescentando que era d'este tamanho afim de não poderem os Troianos introduzê-lo dentro da cidade, ficando assim privados d'esta vantagem depois da derrota dos Gregos. Este discurso fez grande impressão nos espiritos, e foi corroborado sobretudo, por um prodigio que acabou de persuadil-os. Duas enormes serpentes appareceram de repente, e enroscando-se em Laocoon e seus dois filhos, fizeram-os em pedaços, depois do que foram recolher-se no templo de Minerva debaixo dos pés da estatua d'esta deosa. Os Troianos, commovidos por este facto maravilhoso, deram-se pressa em introduzir o fatal cavallo na sua cidade, e por isso, derribaram um

muro para abrir-lhe passagem. Todos puzeram mão à obra com um ardor incrível.

360. Que partido tiraram os Gregos da imprudencia dos Troianos?

Durante a mesma noite, Simon abriu as ancas do cavallo, mandou apeiar os soldados que n'elle estavam escondidos e deo um signal ao exercito grego que, arrojando-se então sobre a cidade, a levou a ferro e a fogo.

361. Que circumstancias notaveis acompanharam o saque de Troia?

• Pyrrho, filho d'Achilles, degollou a Priamo, assim como a Polites, um de seus filhos, e tambem immolou a Polyxena sobre o tumulo de seu pai :

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha ;
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
 • (Os Lusíadas, canto III°.)

A propria Helena entregou Deiphobo filho de Priamo, o qual desposára depois da morte de Paris, e assim obteve o seu perdão de Meneláo que a conduzio em triumpho a Esparta. Só foi poupado Enéas, principe do sangue real. Entre as mulheres que foram levadas captivas, achava-se Hecuba, mulher de Priamo, que coube a Ulysses; Cassandra, sua filha

foi dada a Agamemnon, e Andromaca, viuva d'Heitor a Pyrrho.

AVENTURAS D'AGAMENNON E D'ORESTES

362. O que aconteceu á Agamemnon depois da tomada de Troia?

Voltou para seu reino, porém Egisto, filho de Thyestes, o assassinou, instigado por Clytemnestra, sua esposa. Depois, esta barbara mulher desposou o assassino de seu marido, e collocou-o no throno de Mycenae.

363. O que foi feito d'Orestes depois da morte de seu pai?

Clytemnestra, de concerto com Egisto, queria matar tambem a Orestes; porém Electra, terceira filha d'Agamemnon, o livrou d'este perigo, e o enviou á côrte de Strophio, rei da Phocida, e cunhado d'Agamemnon. Foi alí que travou com Pylades, seu primo, aquella amizade que tornou para sempre os seus nomes inseparaveis.

364. Não vingou Orestes a morte de seu pai?

Alguns annos depois da sua fugida, voltou para a patria, entrou secretamente na cidade de Mycenae, e escondeo-se em casa de sua irmã Electra, que Egisto casára com um homem da infima plebe para a pôr

na impossibilidade de o inquietar. Clytemnestra e Egisto, enganados pela falsa noticia da morte d'Orestes, tendo ido ao templo para agradecer aos deoses, foram accommettidos por Orestes que, acompanhado de seus soldados, matou de sua propria mão sua mãe e o seu complice. Tratou depois de fazer-se reconhecer como filho d'Agamemnon e subio sem contestação ao throno de Mycenae.

365. Ficou este matricidio impune?

Orestes foi longo tempo perseguido pelas Furias que o atormentavam dia e noite sem lhe deixarem um só momento de tregua.

366. O que fez elle para livrar-se d'esta horrivel situação?

Tendo-lhe o oraculo declarado que para ser purificado de seu crime, era-lhe mister ir a Tauride roubar a estatua de Diana, e livrar a sua irmã Iphigenia da tyrannia de Thoante rei do paiz, partio com Pylades, seu intimo amigo; ahi foi preso por ordem do rei para ser immolado a Diana, e então vio-se n'esta occasião aquelle generoso combate da amizade de que falla Cicero, em que cada qual dos dois amigos offerecia a sua vida para salvar o outro.

367. Quem ficou vencedor n'esta lucta?

Foi Orestes; mas no instante em que ia receber o golpe mortal, foi reconhecido por sua irmã Iphigenia, sacerdotiza de Diana. Esta mandou parar o

sacrificio, persuadindo ao rei que estando estes estrangeiros manchados de crimes, não podiam ser immolados antes de os haverem expiado, sendo tambem preciso purificar a estatua da deosa; Thoante submetteo-se á decisão da sacerdotiza que, aproveitando o navio que trouxera Orestes e Pylades, fugio com elles, levando a estatua de Diana. Desde então, cessou Orestes de ser atormentado pelas Furias, e á sua volta tomou, de novo, o governo dos seus Estados.

368. Qual foi o fim das aventuras de Orestes?

Casou a sua irmã Electra com seu amigo Pylades; passou depois ao Epiro, e matou a Pyrrho a quem roubou Hermione, filha de Meneláo e d'Helena, a qual desposou. Depois de longos annos d'um reinado pacífico, foi á Arcadia, e ali morreo da mordedura d'uma vibora. Dizem os poetas que elle e sua mulher foram metamorphoseados em serpentes.

AVENTURAS D'ULYSSES

369. O que foi feito d'Ulysses depois da tomada de Troia?

Este principe foi de todos os heroes gregos o que experimentou maiores desgraças na sua volta. Andou errante por dez annos antes de poder chegar á sua

patria. Mal tinha embarcado quando foi a sua frota lançada ás costas da Thracia. Ali, Hecuba, mulher de Priamo que lhe coube por sorte depois da tomada de Troia, foi apedrejada pelo povo por ter arrancado os olhos a Polymestor, seu rei, que acabava de immolar a sua filha Polyxena sobre o tumulo d'Achilles, e tinha morto por traição o seu filho Polydoro, confiado por ella a este principe, antes do cerco de Troia.

370. Onde aportou Ulysses depois de deixar a Thracia?

O seu navio foi impellido pelos ventos sobre as costas da Africa, que seus companheiros não queriam mais deixar por terem comido d'um fructo que lhes fazia esquecerem-se da sua patria; Ulysses apressou-se a velejar para fugir d'esta ilha funesta, e foi ancorar na ilha dos Cyclopes, onde seis de seus companheiros foram devorados pelo cyclope Polyphemo, filho de Neptuno e de Toosa; Ulysses teria tido a mesma sorte, se não se tivesse lembrado de embriagal-o, e furar-lhe com um tição o unico olho que tinha no meio da testa. Logo depois embarcou com o resto de seus companheiros, e com feliz navegação chegaram a uma ilha fluctuante chamada Eolia, onde reinava Eolo, rei dos ventos.

371. Como é que foi recebido n'esta ilha?

Eolo fez-lhe o melhor agasalho, e além d'isso,

presenteou-o com um odre no qual excepto o Zephyro, estavam incerrados todos os ventos, que o deviam conduzir á patria. Porém, tendo os companheiros d'Ulysses, por curiosidade, furado o odre, escaparam-se todos os ventos, e impelliram o navio para a ilha d'Eolo, e este constrangio o heroe a partir quanto antes.

372. Para onde foi Ulysses quando deixou esta ilha?

Depois de sete dias de navegação, chegou ás costas d'um paiz habitado pelos Lestrigões, anthropophagos cujo rei devorou alguns dos seus companheiros, e mandou metter a pique os seus navios, excepto aquelle em que vinha Ulysses, o que lhe permittio fugir. D'ahi, dirigio-se para a ilha onde reinava a magica Circe, e dizem que esta feiticeira metamorphoseou os companheiros d'Ulysses em porcos, sem duvida para indicar que a molleza e os excessos da mesa os tornaram semelhantes a estes animaes. Porém Ulysses por meio d'uma heiva chamada *moly*, que lhe dera Mercurio, pôde preservar-se dos encantamentos, e obrigou a Circe a restituir seus companheiros á sua primitiva fórma. Depois casou-se com Circe, e tiveram um filho chamado Telegono; Ulysses demorou-se um anno n'esta ilha, e tendo ido aos infernos para consultar o adivinho Tiresias, continuou a sua viagem.

373. Quaes foram os novos perigos a que se achou exposto?

Encontrou, primeiro, as Sereias que pela harmonia do seu canto attrahiam os estrangeiros para fazêl-os perecer; evitou ser victima d'ellas, tapando com cera os ouvidos dos seus companheiros, e mandando que o amarrassem ao mastro do navio. Livrou-se dos escolhos de Scylla e Charybde, seguindo os conselhos que lhe dera Circe. D'ahi aportou a uma ilha onde pastavam os rebanhos do Sol; porém, tendo os seus companheiros roubado algum gado, suscitou-lhe isso novas desgraças, pois naufragaram depois d'uma terrivel tempestade, e o proprio Ulysses não deveo a sua salvação senão a uma taboa sobre a qual chegou á ilha d'Ogygia.

374. O que diz a fabula de Scylla?

Segundo Ovidio, era uma formosa nympha de que Glauco, deos marinho, debalde procurou fazer-se amar. Este foi implorar o soccorro de Circe que, tendo sido ella propria desprezada por este deos, quiz matar a sua rival. Com este fim, preparou um veneno que deitou n'uma fonte onde a nympha, quando se banhava, foi mudada em monstro. Homero diz que tinha doze garras, seis cabeças e seis guelas. Virgilio a representa com cabeça de homem, corpo de mulher até á cintura, e o resto do corpo rematando em fórma de peixe.

375. Como foi tratado Ulysses na ilha d'Ogygia?

A deosa Calypso, que ali morava só com umas nymphas que a serviam, recebeu-o com muita amizade, reteve-o durante sete annos, e até offereceo-lhe a immortalidade, se elle quizesse desposal-a. Porém, Ulysses, não podendo esquecer-se da sua mulher Penelope, recusou estas propostas, despedio-se da deosa, e partio n'um navio que ella mandara armar; depois de muitas fadigas, chegou enfim à Ithaca, sua patria.

Que, se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo :

(*Os Lusíadas*, canto II°.)

376. O que fez elle antes de se dar a conhecer?

Apresentou-se como um mendigo, afim de não despertar as suspeitas dos amantes de Penelope. Depois de inquirir-se a respeito da sua conducta de Telemaco, seu filho e d'um de seus fieis criados, e ficando satisfeito da fidelidade que lhe tinha guardado, apezar das sollicitações dos numeros pretendentes que a rodeavam conseguiu matal-os todos, e tomou de novo posse dos seus Estados.

377. Como morreo Ulysses?

Sabendo pelo adivinho Tiresias que havia de perecer pela mão d'um filho seu, formou o desingnio de ir viver n'uma solidão. Porém Telegono, filho

que tivera de Circe, vindo ao seu palacio para visitá-lo, como lhe impedissem entrar, houve ali grande tumulto, o que ouvindo Ulysses, sobreveio e foi morto d'um golpe de lança por Telegono que não o conhecia. Succedeo-lhe o seu filho Telemaco.

ENÉAS

378. Quem era Enéas?

Era um principe da linhagem dos reis de Troia, filho d'Anchises e de Venus. Alguns dizem que atraçou a sua patria, e se foi celebre, foi, porque Virgilio fez d'elle um heroe, e o immortalizou na sua Eneida.

379. Como é que se distinguio este principe?

Travou alguns combates durante o cerco de Troia; porém o que mais honra lhe faz, é a sua piedade para com os deoses e a ternura que lhe attribue o poeta para com Anchises, seu pai, que elle salvou do incendio de Troia. Este ancião não podendo mais andar, Enéas o poz nos hombros, conduzio os seus deoses penates, e pegando pela mão o seu filho Ascanio, sahio d'esta desgraçada cidade.

380. Para onde se retirou Enéas depois da destruição da sua patria?

Preparou uma armada no monte Ida, em que em-

barcou-se com todos os Troianos que pôde reunir, e depois de muitas fadigas e desgraças, diz Virgilio que elle aportou a Carthago. Por um estranho desprezo da historia, o poeta diz que elle fôra apaixonadamente amado por Dido, rainha d'este paiz, que desesperada ao ver-se abandonada por elle, atirou-se n'uma fogueira. Todavia, fica certo que esta ramha nunca se quiz casar de novo, depois da morte de Sichéo ou Sicharbas, e que, para livrar-se das sollicitações da Jarbas, rei de Mauritania, suicidou-se ás apunhaladas. É isto que lhe fez dar o nome de Dido, isto é *mulher forte*, em lugar do de Elisa que ella antes tinha. Porém, o que ha de mais singular, é que Virgilio faz assim um anachronismo de perto de trezentos annos, periodo que decorreo entre o tempo em que vivia Enéas, e a epoca do reinado de Dido.

381. O que foi feito de Enéas depois da sua partida de Carthago?

Passou-se á Sicilia, e depois foi á Cumas para consultar a Sibylla que lhe proporecionou os meios de ir aos Campos Elyseos, para ali ver seu pai Anchises. Á sua volta, dirigio-se para Italia, alcançou a embocadura do Tibre, e chegou ao paiz em que reinava Latino.

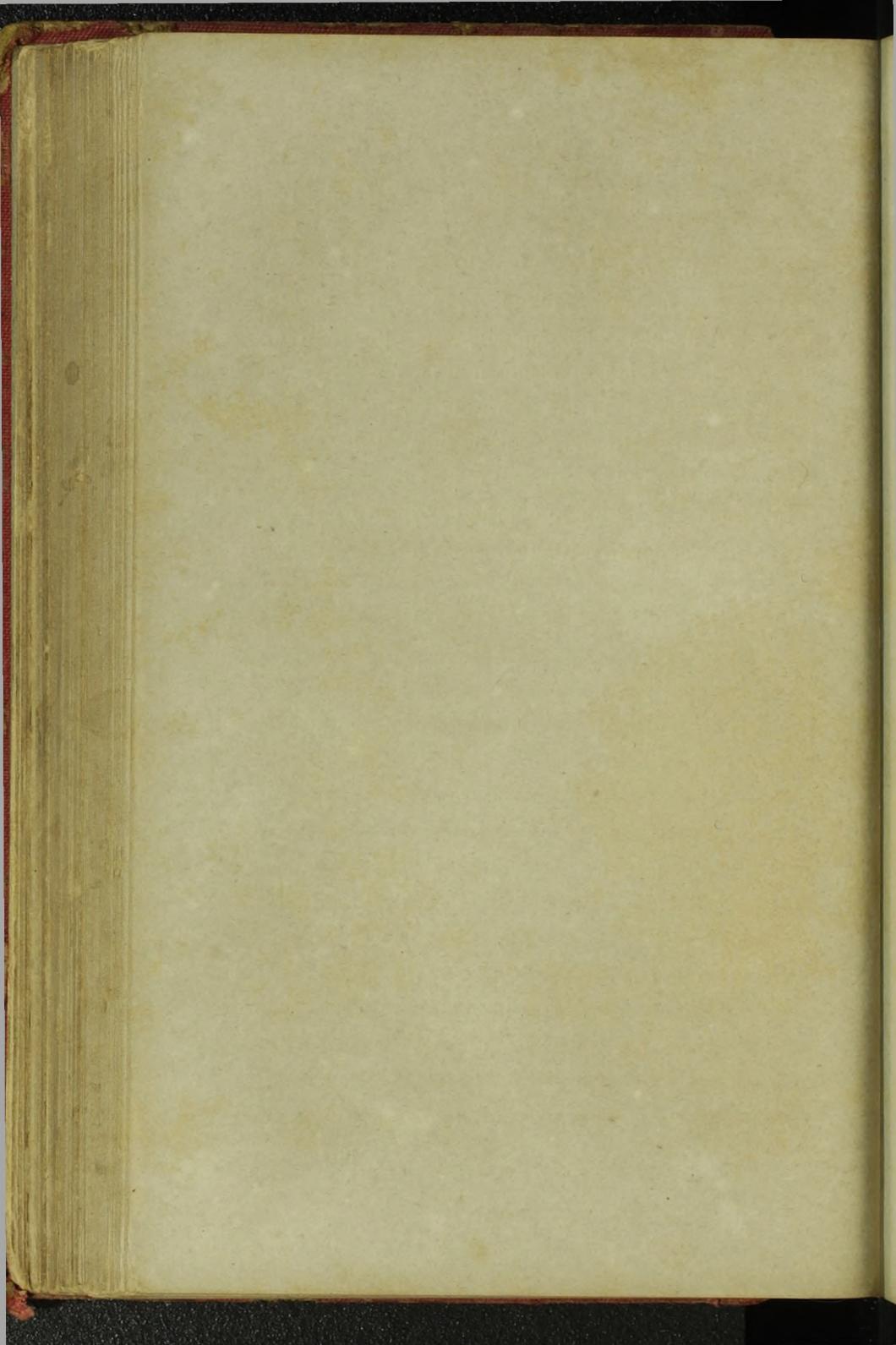
E se o piedoso Eneas navegou

De Scylla e de Charybdis o mar bravo :

(*Os Lusíadas*, canto II°.)

382. Como foi tratado Enéas na côrte do rei Latino?

Fizeram-lhe o melhor agasalho possível; assim obtive a mão de Lavinia filha d'este principe. Porém Turno, rei dos Rutulos a quem ella fôra promettida, declarou-lhe a guerra e foi morto no combate. Enéas succedeo a Latino, e reinou tres annos durante os quaes edificou a cidade de Lavinia. Ascanio, seu filho, subio ao throno depois da sua morte. Diremos para concluir que pretendiam os Romanos serem descendentes d'Enéas.



TERCEIRA PARTE

DO CULTO QUE DAVAM ÁS DIVINDADES

383. Qual era o culto que os antigos davam ás suas divindades?

Este culto consistia em fabricar idolos d'estes falsos deoses, edificar templos em sua honra, e offercer-lhes sacrificios.

384. Qual era a fórma dos antigos idolos?

No principio eram montões quadrados de pedras. Os idolos de Hercules e de Cupido não eram mais do que pedaços de pedras. Marte era representado por uma espada, Pallas por uma lança, Vulcano pelo fogo, e assim os outros mais.

385. Quando foi que principiaram a fazer estatuas?

Estas não começaram a apparecer ao mesmo tempo em todos os paizes. Existiam no Oriente no

tempo de Jacob, pois que Raquel levou consigo as estatuas de Labão, seu pai; porém os Gregos não as fabricaram senão muito tempo depois. Os proprios Romanos estiveram mais de cento e setenta annos sem terem nenhum idolo ou estatua, e não os havia nos templos dos Persas.

386. Para que serviam as estatuas entre os pagãos.

O seu uso variou no paganismo; primeiro, só serviam para lembrarem-se da divindade ou de qualquer de seus attributos; depois, a ignorancia, a depravação, e a cegueira moral chegaram a tal ponto, que tomaram o symbolo pelo proprio objecto representado; isto é, consideraram a estatua como a propria divindade, e então deram-lhe o culto e as honras que não são devidos senão a Deos.

387. Quando principiaram a levantar templos aos seus deoses?

Nos primeiros tempos, os homens, não tendo ideia alguma da architectura, habitavam cavernas ou tendas, e então adoravam os seus deoses por toda a parte em que se achavam; porém, logo que conheceram a arte de edificar, levantaram templos para ali se reunirem e invocarem publicamente a divindade.

Não se pôde dizer com certeza quando foram edificados os primeiros templos; existiram desde a mais remota antiguidade na Babylonia, no Egypto,

e na Grecia; alguns d'estes templos vieram a ter muita celebridade, como o de Diana em Epheso.

388. Em que consistiam os sacrificios do paganismo?

Estes sacrificios eram mui differentes, conforme os paizes e as epochas. Algumas vezes, não se offereciam aos deoses senão fructos e libações de vinho e azeite; depois, e como se os homens se tivessem tornado inimigos de si-mesmos, offereciam outros homens em sacrificio; immolavam até anciãos e crianças. Os Israelitas, no seu desvario, sacrificaram os seus proprios filhos ao Deos das nações.

389. Duraram muito tempo aquelles barbaros sacrificios?

Foram-se tornando mais raros á medida que os povos se civilizavam. As victimas humanas foram depois substituidos os animaes; assim, immolava-se o touro a Jupiter; o bode, destruidor da vinha, a Baccho; a vacca a Ceres e a Juno; a corça a Diana; e a cabra aos deoses Faunos.

390. Quaes eram as ceremonias usadas n'estes sacrificios?

Havia muitas. Examinava-se com o maior cuidado se a victima não tinha alguma mancha; era depois purificada, assim como os assistentes, com uma agua chamada lustral. Nos holocaustos, depois de degollarem a victima, collocavam-n-a no fogo até

ficar inteiramente consumida, e aspergiam-n-a com vinho. Porém, nos outros sacrificios, reservava-se uma parte da victima para os sacerdotes ou sacrificadores, e para as pessoas que a offereciam. Depois d'isso, punham-se á dansar, cantando hymnos em honra da divindade. Todos os vasos e objectos que serviam nos sacrificios eram considerados como sagrados. Guardavam todos um profundo silencio durante estas ceremonias, e os sacrificadores deviam estar muito attentos ao que faziam.

391. Não tinha cada divindade os seus sacerdotes particulares?

Ordinariamente, cada divindade tinha os seus sacerdotes que lhe eram especialmente consagrados. Os Curetes ou Corybantes eram os de Cybele; Vesta tinha as Vestaes; e Jupiter, os seus padres, entre os quaes havia um, que se chamava Flamen, encarregado de mandar aos outros. Eram chamados Auspicios quando prognosticavam o futuro pelo vôo dos passaros, e Aruspices quando examinavam as entranhas das victimas. Os Druidas eram os sacerdotes dos Persas e dos antigos Gaulezes.

Entretanto os haruspicios famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por signaes diabolicos, e indícios;

(*Os Lusíadas*, canto VIII^o.)

392. Quaes eram as festas pagãs?

Cada divindade, e ás vezes, cada acontecimento notavel, tinha festas que lhe eram proprias, e celebradas diversamente. Nas festas de Cybele, praticava-se gestos e acções tão impudicas que era prohibido aos homens presenciar-as. As de Baccho celebravam-se pela embriaguez; mais liberdade havia ainda nas festas de Ceres, e as de Venus eram as mais lascivas. Nas festas de Pallas, as donzellas vestiam-se á militar; nas Saturnaes, os escravos tomavam o lugar dos seus senhores, e estes eram obrigados a servirem os seus criados. Como elevavam a miúdo os seus principes á dignidade de deóses, celebravam, n'estas occasiões, uma festa debaixo do nome de Apotheose, que se compunha de ceremonias particulares. Emfim, todas estas festas eram acompanhadas de jogos e espectaculos publicos.

JOGOS DOS ANTIGOS

393. Quaes eram os jogos que serviam ás festas das divindades pagãs.

Consistiam sobretudo em corridas ou pateo, saltos, disco, lucta ou pancraccio, dardo e pugilato, e todos estes exercicios compunham o que se chama o pentathlo. Nos jogos scenicos, eram o canto, a musica,

e as tragedias, cujos premios eram disputados pelos musicos e poetas.

394. Como é que se faziam as carreiras entre os antigos?

Corriam-se a pé ou a cavallo, ou em carros puxados por dois ou quatro cavallos. Estas carreiras eram simples ou dobradas, e nas que se chamavam diaulos, percorria-se duas vezes o estadio ou a lica.

395. Em que consistiam os saltos?

Em saltar por cima d'um fosso, de qualquer elevação ou espaço marcado. Aquelle que saltava melhor ou mais longe, alcançava o premio.

396. O que era o disco?

Era uma peça redonda, chata, e furada, feita de madeira, de pedra ou de ferro; o que lançava o disco mais longe era proclamado vencedor. Estes discos eram mui volumosos e grandes; aconteciam às vezes funestos accidentes, assim como se vê na historia de Apollo e na de Perseo.

397. Em que consistia a lucta?

Era um combate corpo a corpo entre duas pessoas, e aquella que por força ou destreza, derribava o seu adversario, e impedia-o de se levantar, alcançava a victoria. Os luctadores esfregavam o corpo com oleo para mais facilmente escaparem ao seu adversario, e não havia destreza nem habilidade que não empregassem para obter o premio. Quando um dos

dois campeões era lançado por terra, fazia todos os seus esforços para se levantar, emquanto que o seu antagonista apertava-lhe a garganta, pisava-lhe a barriga, e o tratava do modo mais deshumano.

398. O que era o pugilato?

Este combate travava-se com o cesto. O cesto era uma luva ou manopla de couro, ferro ou chumbo. Os lidadores cobriam com ella as mãos e os braços até aos cotovellos por meio de muitas correas, e então, davam, com as luvas, pancadas tão terriveis que quebravam os dentes uns aos outros, e despedaçavam os queixos.

399. O que era o combate do dardo?

Era o lançar uma pedra, um dardo, ou qualquer outra cousa, com muita destreza, e o mais longe possível. Empregava-se para isso o arco, a balista, ou outro instrumento chamado *amentum* de que se serviam para suspenderem á setta um correão que seguravam com a mão para apontarem melhor.

400. Qual era o modo de combater dos gladiadores?

Era de todos os combates o mais desprezado. Ordinariamente, os gladiadores usavam de duas espadas, atacando e defendendo-se igualmente com ambas as mãos, e então eram chamados *dimachæri*, d'un vocabulo grego que significa *duas espadas*.

Nada pôde-se comparar ao furor com que com-

batia esta gente, senão o arrebatamento do povo grego e romano ao verem estes desgraçados ferirem-se horrivelmente, e matarem-se uns aos outros no meio da arena.

401. Não havia juizes para presidirem a estes jogos e distribuirem os premios?

Sim, e chamavam-se *hellanodices*. Tinham entre os assistentes o melhor lugar, e não se podia apellar da sua decisão. O seu numero não foi sempre o mesmo, pois que variava conforme as circumstancias.

402. Onde se celebravam estes jogos?

Nos primeiros tempos, e quando reinava a singeleza dos costumes, era no campo; porém, depois, construíram com toda a magnificencia possível, sobretudo nas grandes cidades, lugares apropriados a que deram differentes nomes. Em Pisa, o lugar destinado aos jogos olympicos chamava-se o estadio; em Roma, era o circo, e em Constantinopla, o hypodromo.

403. Davam-se todos os combates n'estes lugares?

Havia theatros publicos para os jogos scenicos; porém, os combates dos gladiadores entre si, ou contra as feras, tinham lugar em edificios construidos especialmente para este fim, e que se chamavam arenas ou colyseos. Em ambos, tinham practicado um numero prodigioso de camarotes e outros assen-

tos, aos quaes se chegava por pequenas escadas dispostas na espessura das paredes.

Nos edificios em que havia combates de feras, havia na parte inferior covas em que os brutos estavam encerrados, e que se abriam por meio d'uma levadiça com que os soltavam na arena, onde os esperavam os gladiadores.

Nada poupavam para apresentarem animaes os mais ferozes e raros, e, às vezes, mandavam-n-os vir da Africa com despezas extraordinarias.

• 404. Não se faziam tambem naumachias n'estes lugares?

Sim; para este fim introduziam ali tão grande quantidade de agua, e o espaço que a continha era tão vasto, que muitas galés manobravam com facilidade, e então representava-se, com toda a exactidão possivel, um verdadeiro combate naval.

405. Fazei-nos a descripção do estadio que servia para os jogos olympicos.

Era um espaço de seis centos passos, rodeado de muralhas, situado perto da cidade de Elis e do rio Alpheo, e adornado com tudo quanto julgavam proprio a embellezal-o. Porém, como tiveram que attender ao terreno que era desigual, este estadio era dividido em duas partes.

A primeira tinha a fórma da proa d'uma não;

chamava-se barreira. Ali, estavam as estrebarias e cocheiras, e se faziam os preparativos.

A segunda chamava-se a liça, e no espaço que occupava, faziam-se as corridas, quer a cavallo, quer em carros.

Estes dois lugares estavam separados por um cabo, o qual era abaixado por uma especie de machina quando davam o signal para se entrar na liça.

Na extremidade d'esta liça havia uma linda em roda da qual deviam passar os carros; pois, como aquelle que mais se aproximava d'este marco tinha mais probabilidade para chegar primeiro ao ponto da partida, ali era que se via a maior ou menor destreza dos conductores de carros que, n'este lance, corriam um verdadeiro perigo. Além de que podiam ali se encontrarem com outros carros, se, por infelicidade, vinham a tocar a linda, fazia-se o eixo em pedaços, ou então recebiam um choque que os privava de toda a sua prioridade. As duas extremidades da arena em toda a sua largura eram occupadas pelos espectadores.

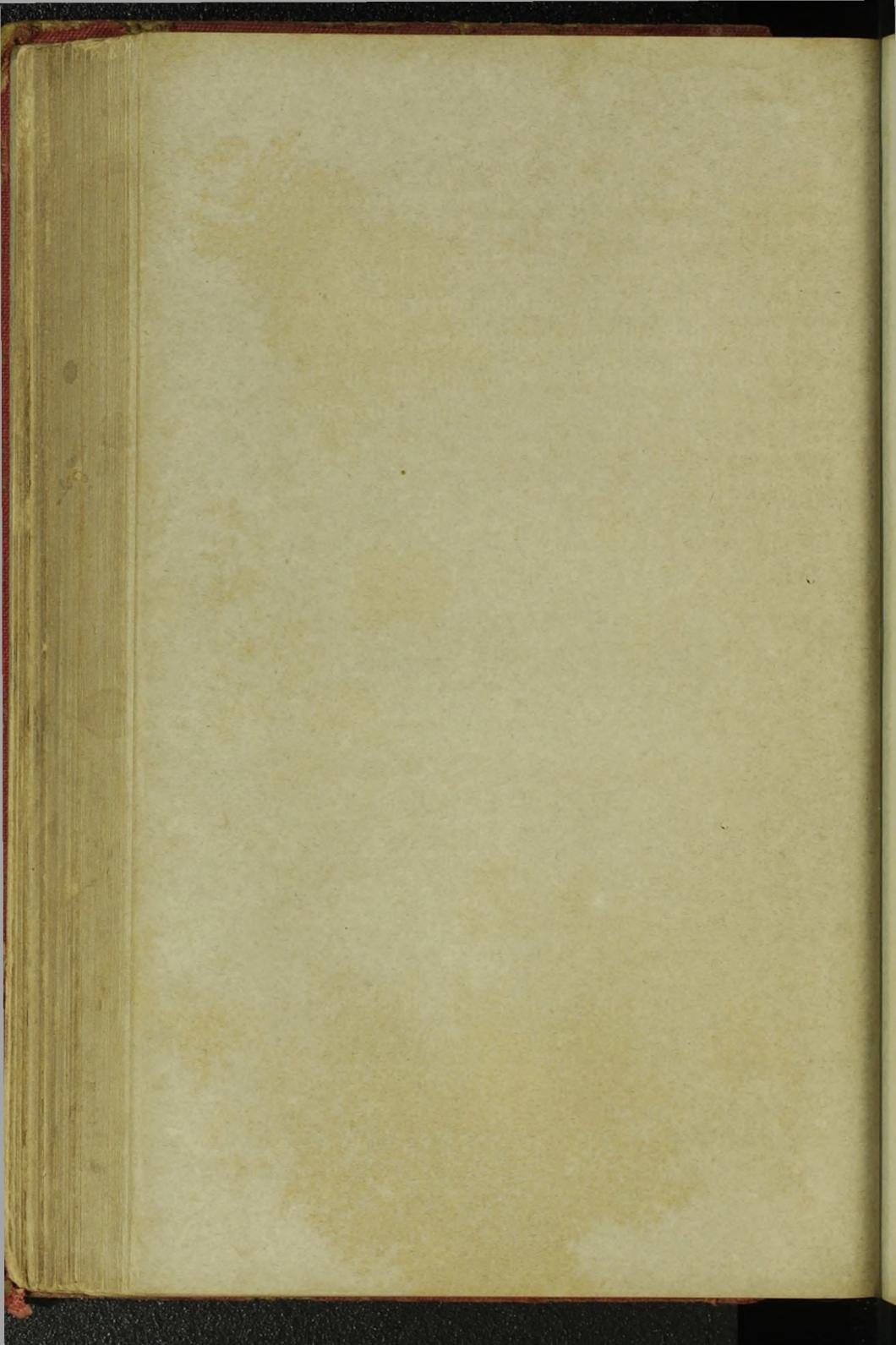
406. Quanto tempo duravam estes jogos?

Cinco dias; o primeiro era destinado para os sacrificios; o segundo para o pentathlo e a carreira a pé; no terceiro, tinha lugar o combate do pancracio e a lucta simples; enfim os dois ultimos dias eram

empregados nas carreiras a pé e nas corridas a cavallo e em carros.

407. Podiam todos assistir a estes jogos?

Como os athletas estavam nús quando combatiam, era prohibido ás mulheres e meninas assistirem a estes jogos, sob pena de serem precipitadas de cima d'um rochedo alcantilado; nem tambem podiam atravessar o rio Alpheo, emquanto durava a celebração d'elles.



QUARTA PARTE

EGYPCIOS

408. Quaes eram as bases da religião dos antigos Egypcios?

Estes povos, obrigados a subordinar os seus trabalhos de irrigação e agricultura ás enchentes do Nilo, ao curso do sol, e ás influencias atmosphericas, deificaram os phenomenos celestes, e deram á sua religião um character astronomico. Adoravam o fogo no Sol, e a agua no rio Nilo.

409. Quaes eram as suas crenças?

Podem estas reduzir-se a tres principaes :

1º Um verdadeiro fetichismo, que era a religião da massa do povo, e consistia em darem um culto ás plantas, aos animaes, e sobretudo ao Nilo.

2º O culto dos astros, do sol, da lua, e das plantas.

3º A persuasão em que estavam que a alma permanecia em sua força e acção, enquanto o corpo conservava a sua fórma.

Accreditavam na metempsychose, e n'um paraíso; as almas, depois de serem purificadas, iam para aquelle dos céos que lhes era destinado, para allí receberem a recompensa das suas boas acções; as almas mais virtuosas iam directamente para o sol. O seu inferno consistia em permutações das almas criminosas para os corpos dos reptis, e estas nunca obtinham a immortalidade.

410. Quaes eram as leis impostas por esta religião?

Os sacerdotes faziam voto de castidade; os iniciados nos mysterios abstinham-se de comer aves, peixes, romãs, favas, e algumas outras especies de legumes e fructos. Os sacerdotes d'Isis flagellavam-se em sua honra, e para expiarem os crimes do povo.

Os Egypcios professavam grande respeito para com os anciãos; o perjurio era castigado de morte. Quem se tinha portado mal durante a vida era privado de sepultura; o cidadão que deixava morrer o seu proximo sem procurar soccorrel-o era considerado como assassino.

411. Quaes eram os deoses dos Egypcios?

Tinham tres ordens de deoses; a primeira ordem comprehendia :

1º Ammon, ou o Sol, que não é outra cousa senão o Jupiter dos Gregos. Foi o oraculo de Jupiter Ammon que consultaram Hercules, Perseo, e Alexandre.

Representavam este deos com cabeça de carneiro, e seu templo estava em Memphis.

2º Buto, principio feminino, gerador de todas as cousas; esta divindade representa a noite ou as trevas; é o symbolo do cháos anterior ao mundo.

3º Knef, que muitas vezes confundem com Ammon, é o primeiro dos tres Khamefis, ou guardiães do Egypto, e o principio fundador e creador. Representam-n-o sob a figura d'um homem de rosto azul, com a cabeça coberta de magnificas pennas; elle traz um sceptro na mão; da sua bocca sabe o ovo primitivo que dá nascimento a todos os seres.

4º Phtha ou Fta, segundo Khamefi, deos do fogo, do calor e da vida. É representado como um homem rechonchudo, de pernas tortas, e com barba inculta; tem na mão um martello. Os Gregos o assimilaram a Vulcano.

5º Neith, filha e mulher de Knef, representa o espirito divino que preside ao universo; os Gregos julgavam reconhecer Minerva n'esta deosa.

6º Mendes ou Mandu, um dos symbolos do principio fundador, identificado pelos Gregos com o deos Pan. Era adorado sob a fórma d'um bode.

7º Phré ou Fré, o Sol. É o terceiro Khamefi. Representam-n-o sob a fórma d'um mancebo com figura de gavião; sobre a sua cabeça ha um disco vermelho, e nas mãos traz o sceptro e uma cruz

rodeada d'um circulo e pendente d'uma argola.

Os deoses da segunda ordem eram os filhos dos deoses da primeira ordem. Eis-aqui os principaes:

1º Thoth ou Hermes. Este deos chamado Mercurio pelos Gregos era o inventor das sciencias. Thoth, em lingua egypcia, significa *columna*, e era sobre columnas que esculpiam os acontecimentos notaveis: tinha o sobrenome de *Trismegiste* que significa *tres vezes grande*, e era representado com cabeça de cão ou de ibis.

2º Athor ou Hathor, que era a Juno, a Venus, e a Ceres dos Gregos; ella solicitava Osiris em favor dos defunctos, para que se lhes desse a vida divina, e presidia ao toucador. Era representada sob a fórma d'uma vacca, ou d'uma mulher com cabeça de vacca. Esta deosa era o emblema da terra cultivada, e fertil.

As divindades de Osiris formavam a terceira ordem. Em primeiro lugar, estava Osiris, filho de Jupiter, que tinha por mulher Isis, sua irmã. Era o deos do bem, que ensinou a agricultura aos Egypcios.

Isis é a personificação do poder gerador; foi ella que dotou os Egypcios do trigo e da cevada.

Depois de civilizar o Egypto, Osiris quiz que os outros povos compartissem os beneficios da civilização; deixou a regencia a Isis, e dirigio-se para o Oriente.

Na sua ausencia, o seu irmão Typhon quiz apo-

derar-se do reino; porém, vencido por Isis, fingio ter abandonado o seu projecto, e na volta de Osiris, convidou-o a um banquete. No meio dos divertimentos, mandou vir um bahú tão rico que excitou a admiração de todos os convidados, e então, elle prometteo que o daria áquelle que pudesse introduzir-se n'elle. Todos os assistentes debalde trataram entrar no bahú, mas Osiris, cujo talhe Typhon conhecia poder prestar-se ao caso, n'elle entrou sem nenhuma difficuldade. Logo depois, Typhon fechou o bahú, e mandou-o atirar no Nilo que o levou ao mar. O corpo d'Osiris chegou ás costas de Byllos, e parando n'uma esteva, logo tomou esta proporções extraordinarias, e tornou-se uma arvore tão gigantesca que o rei d'este paiz a mandou cortar e transformar em uma columna para consolidar o seu palacio. Isis soube da morte de seu marido, porém, como ignorava o lugar da sua sepultura, partio á busca dos seus restos, acompanhada por Anubis. Ao chegar á ilha de Byllos, soube dos pormenores do crescimento d'aquella maravilhosa columna, e obteve do rei licença para levar o bahú que encerrava o corpo d'Osiris, a quem deo as honras da sepultura. Algum tempo depois, descobriu Typhon o tumulo do seu irmão, mandou-o dividir em treze partes que foram depois dispersadas. Emfim, Isis conseguiu de novo achar estes funebres restos, e

mandou erigir tumulos ou templos em todos os lugares onde tinham-se achado os membros d'Osiris.



Osiris.

412. Qual é a explicação d'esta fabula?

Osiris, ou o Sol, vai conquistar o Oriente; é o symbolo do curso do sol que espalha a fecundidade pela sua passagem.

Isis é a lua, o ar, a terra.

Typhon é o ardor excessivo do sol que produz a secca; é o vento do deserto, e tambem o mar que recebe o Nilo.

413. Como é que representam Osiris, Isis, e Typhon?

Osiris apresenta-se sob a figura d'um mancebo sentado n'um throno e corôado com o loto; tem



Isis.

uma chave na mão, symbolo do Nilo, e no hombro um maçoal para malhar o grão.

Representam Isis como uma moça: sobre a sua cabeça está o globo lunar; traz um manto com longas franjas, n'uma mão tem o loto, na outra o sistro.

Typhon vê-se sob a figura d'um homem feio com cabellos ruivos. Era adorado debaixo da fórmula d'um crocodilo ou d'um hippopotamo.

414. Haverá ainda alguns outros deoses notaveis no Egypto?

Sim; acham-se:

Horus, filho d'Osiris e d'Isis, o qual matou a Typhon; é o Apollo dos Gregos.

Nephtys, mulher de Typhon, personificação da terra esteril.

Anubis, filho d'Osiris, preside aos embalsamentos, e conduz as almas para o céo. Representam-n-o com cabeça de cão, e tendo um caduceo na mão.



Anubis.

Bubastis, filha d'Osiris; é a Diana dos Gregos;

presidia aos nascimentos, e era a personificação da lua nova.

Serapis, imagem do sol quando se afasta do nosso hemispherio.

Harpocrates, filho d'Isis e d'Osiris defuncto; é a imagem do sol quando, ainda fraco, começa o seu curso depois do inverno; era representado sob a figura d'um menino doentio e envolto em cueiros; sempre tinha um dedo sobre a bocca, e por isso, era considerado pelos Gregos como o deos do silencio.

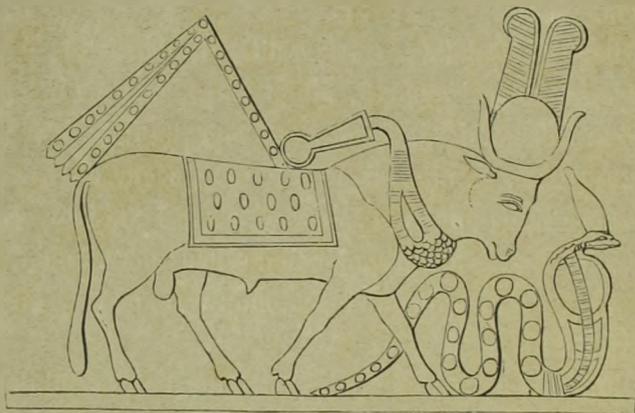
415. Debaixo de que fórma adoravam os Egypcios a Osiris?

Suppunham que a alma d'este deos viera habitar o corpo d'um boi, e que, cada vinte e cinco annos, passava successivamente para outros individuos da mesma especie. O boi que elles julgavam encerrar a alma do deos, chamava-se Apis. Reconheciam-n-o por certos signaes; devia ser totalmente preto, tendo só uma marca branca e quadrada na testa, e na anca direita um crescente.

Tambem o representam com os attributos de Osiris, isto é com o mangoal nas costas, e o globo lunar entre os chifres. O boi Apis era reputado dar oraculos que eram considerados como favoraveis, quando elle comia o que se lhe apresentava.

Os Egypcios adoravam tambem os crocodilos, gatos, cães, carneiros, leões, gaviões, macacos e os

legumes. Já se vê, pois, que a classe baixa do Egypto vivia entregue a um culto completo do fetichismo o mais grosseiro.



Apis.

416. O que é o Sphinx egypcio?

É uma estatua colossal feita de um monolitho, com a cabeça e a parte superior do corpo d'uma mulher, rematando em fôrma de leão. Julga-se que era o symbolo da deosa Neith.



Sphinx.

ASSYRIOS E BABYLONIOS

417. O que adoravam os Babylonios?

Estes povos têm uma origem commum com os Persas; tambem adoravam o fogo que julgavam descer do céu. A sua religião era, a muitos respeito, semelhante á dos primeiros Egypcios, e consistia principalmente no culto da natureza em geral, e dos astros em particular; pelo que tinham personificado, quer a natureza, quer os seus diversos attributos, assim como as suas forças.

418. Quaes eram as suas principaes divindades?

A primeira era o Sol que adoravam sob o nome de Baal ou Bel, como organizador e vivificador da materia. Rendiam um culto a Mylitta (Venus) como poder protector, e as festas consagradas a esta deosa foram muitas vezes o theatro de monstruosos excessos.

Oannès era o deos immaterial, e assim era adorado como o organizador intellectual.

Depois d'estes principaes deoses, vinham na ordem da sua importancia, os planetas aos quaes pretendiam os sacerdotes chaldaicos, tinha um deos supremo confiado o governo do mundo.

419. Quaes eram as attribuições d'estas divindades?

O Sol e os planetas tinham, cada um a seu turno, cinco estrellas subalternas debaixo do seu mando, e estas eram encarregadas de entreter as relações entre o céo e os homens. Para se aproximarem d'estes deoses inferiores, inventaram os sacerdotes talismães sobre que era representada em pequeno a figura das estrellas. Entendiam que por meio de certas ceremonias, estas imagens participavam do poder dos deoses que elles representavam.

420. Quaes foram as consequencias d'estas superstições?

A adoração dos astros originou entre os Babylonios os erros da astrologia judiciaria, e então vieram a acreditar que se podia prognosticar o destino futuro d'um homem pela inspecção dos astros debaixo dos quaes elle nascêra.

421. Quaes foram as personagens assimiladas ás divindades dos Babylonios?

Assim como os Gregos, davam os Assyrios um culto aos herces ou semi-deoses, entre os quaes collocaram muitos de seus reis. Nemrod ou Belus foi o primeiro que obteve esta honra, e o seu nome e sobrenome indicam que era considerado como o filho do Sol, com quem depois foi confundido (Belus, Baal, Bel).

422. D'onde observavam os sacerdotes os astros?
Era o seu observatorio a torre de Babel.

423. Qual era o papel que representavam os peixes e os passaros?

Estes tinham grande importancia na religião, e representavam a agua e o fogo.

PERSAS

424. Qual é a origem d'este povo?

Os Persas, que occuparam um lugar tão importante na historia, e cujos descendentes ainda hoje existem, chamavam-se Iranienses; eram irmãos dos Aryas, porém estabeleceram-se na parte central da Asia, em lugar de acompanharem estes ullimos na sua emigração para o sul.

425. Deve, então, haver grande correlação entre as religiões d'estes povos?

Com effeito, a religião vedica é a mesma que Herodoto encontrou entre os irmãos dos Aryas, isto é, os Persas; povo que aquelle historiador nos representa como não tendo templos nem idolos, e que offerecia sacrificios ao sol, á lua, á terra, ao fogo, á agua, aos ventos, e ao céo, cuja immensa abobada considerava elle como uma divindade.

O deos Mithra acabou por singularizar em si toda

a religião dos Persas. Tem um caracter multiplice e fôrmas oppostas; quando é genio favoravel, conserva o seu nome de Mithra; porém considerado como genio terrivel e vingador, chamam-n-o então Arymanes, que julgam ser o mesmo que Plutão.

Algumas vezes, tambem, estas duas personalidades são distinctas, e acima d'ellas ha o grande deos Ahoura-Mazda, d'onde veio o nome de Mazdeismo que os sabios dão a esta religião.

426. Resumi as principaes ideias dos antigos Persas acerca de Mithra.

Mithra é filho de Adite, *o espaço sem limites*. Ao mesmo tempo, é uma emanação de Ahoura-Mazda ou de Ormuzd.

Chamavam tambem Ormuzd, Ormaze, deos supremo que é o principio do bem, assim como Orgaman é o do mal. A narração da lucta entre estes dois genios é o assumpto d'uma legenda interminavel que acaba pelo triumpho d'Ormuzd.

Mithra é a luz, o sol, a força, a potencia, a justiça. Representam-n-o montado n'um carro de combate, e o seu peito é protegido por uma couraça de prata.

Tambem é representado sob a fôrma d'um formoso e robusto mancebo, cravando um alfange na garganta d'um touro meio deitado, e dobrando os

joelhos. Este touro é o emblema do anno solar que morre para logo renascer.

427. Quem foi o grande legislador dos Persas?

Zoroastres que, todavia, não fez mais do que dar uma forma systematica ás ideias que existiam antes d'elle. Foi elle que formulou a doutrina do bom e do máo genio. É provavel que suas crenças eram muito mais espiritualistas do que as dos seus incul-tos sectarios, entre os quaes a ideia de deos sempre se confundia com o sol e o fogo.

Os sacerdotes encarregados das ceremonias do culto de Mithra eram chamados Magos.

O culto de Mithra celebrava-se mysteriosamente no fundo d'uma gruta, e n'elle não podiam ser iniciados senão depois de longo noviciado.

Na historia da antiguidade, encontram-se a miudo associações mysteriosas cujo verdadeiro segredo, isto é a ultima expressão da verdade, era só conhecido dos iniciados supremos: assim como nos mysterios d'Isis e de Pythagoras. Isto deixa crer que na sua consciencia, reconheciam que esta pretendida verdade para ser respeitada devia ser occulta.

Para os Gregos, Mithra não era senão o Sol.

428. Qual foi a sorte da religião dos Persas?

A crença das divindades gregas e romanas já ia minguando no anno de 68 antes da nossa era; por isso, adoptaram com enthusiasmo o culto de Mithra

que, pelas suas aspirações para o infinito e o invisível, satisfazia á necessidade d'uma consolação para as almas; porém este culto que segundo Plutarco, foi introduzido no occidente pelos Cilicianos, desapareceo com o polytheismo greco-latino no qual foi absorto. Todavia ficou vigente na Persia até o momento em que o Islamismo veio derribar a fé Mazdeana.

ARYAS

429. Qual é a origem dos Aryas?

A sciencia moderna conseguiu achar noções a respeito d'este povo, esquecido nas trevas dos seculos. Pois, sabe-se hoje que eram os irmãos dos Hellenas, e antepassados dos Hindús.

430. Quaes foram as suas migrações?

Os Aryas vinham do este da Asia, das paragens situadas entre o Imaus e o mar Caspio, berço do genero humano. Desceram o grande valle que segue o Cophes ou rio de Caboul, até o Indo; penetraram no paiz que, hoje, se chama o Pendjab, e então, povoaram o Indostão.

431. Não adoraram um só deos?

Sim; chamavam-n-o Indra; porém, crearam pouco a pouco outras divindades secundarias a que chama-

vam Vedas. Indra era particularmente adorado em uma das manifestações da natureza que mais os impressionava, o fogo. Então a poesia attribuiu a cada apparição luminosa, cada phase solar, uma personificação diversa, e esta personificação incessantemente reproduzida e continuada de seculo em seculo, veio a ser para a credulidade dos Indios um ente real. Nomes que no principio, não eram senão epithetos dados a um unico ser, serviram depois para designar divindades especiaes.

• 432. Nomeai-nos alguns d'estes deoses.

Aghni, *o fogo.*

Varouna, *o sol obscuro, a abobada celeste.*

Savitri, *o sol fecundante.*

Suria, *o sol que illumina tudo.*

Nitra, *o sol amigo dos homens.*

Arymanes, *o sol destruidor, o máo genio, a morte.*

Niriti, *a doença, a dôr.*

Vayon, *o deos dos ventos favoraveis.*

Rondra, *o deos dos ventos temiveis.*

433. Quaes eram os cantos sagrados d'este povo?

Eram os Vedas cuja collecção se chamava Rig-Veda. O Sama-Veda é o segundo dos livros sagrados da India, e não passa d'um extracto do Rig-Veda. Ali, o deos Indra se chama Sama, e é qualificado de Pamavama, *o todo poderoso.*

434. Podeis-vós apresentar um resumo geral da doutrina dos Aryas?

Não, porque não existe na religião vedica theologia propriamente dita; cada tribu, e até cada familia, tinha os seus hymnos e o seu modo de adoração particular. Todavia, o fundo da crença era commum a todos; assim os Aryas criam em uma divindade compassiva e misericordiosa. Não é esta lei implacavel do destino á qual nem mesmo o justo póde escapar, nem o deos rancoroso e encolerizado que encontrámos a miudo no polytheismo grego. O Arya accreditava na indulgencia da divindade, e implorava a sua misericordia.

BRAHMANISMO

435. O que é o Brahmanismo?

É a religião dos Hindús, os quaes, primitivamente, adoravam os elementos e os astros, reconhecendo, todavia, um deos supremo, representado por Brahm ou Baghavan; ser absoluto, que abraça todo o universo, e permanece eternamente immovel. É representado emblematicamente por um circulo n'um triangulo e é d'elle que emana a Trimurtia, ou trindade indica, composta de Brahma, Vischnú e Siva.

436. O que representam estas tres divindades?

Brahma é o poder creador; Vischnú, o poder conservador, e Siva, o poder destruidor. Esta trindade personifica tambem tres cousas physicas : a Terra, a Agua e o Fogo.

437. Quem é Brahma?

É o primeiro membro da Trimurtia, a primeira emanação de Brahm, e o gerador dos mundos; o ovo de ouro que o encerrava boiou durante muito tempo nas aguas sobre uma folha de loto; quando sahio d'ella o deos, a casca dividio-se em duas partes, das quaes a primeira formou o céo, e a segunda a terra; entre estas duas partes, Brahma collocou o ethereo. Mandou illuminar os céos pelos Devatas ou genios bemfazejos, deo á terra os seus dois luminares, o sol e a lua, e emfim, formou os sete Patalas ou regiões inferiores illuminadas por carbunculos postos sobre a cabeça das serpentes.

A Trimurtia é representada sob a figura d'um homem com tres cabeças, e quatro braços; tem nas suas quatro mãos a cadeia que sustem o mundo, o livro da lei, o ponção para escrever, e o fogo do sacrificio.

438. Como é que representam Brahma?

Representam-n-o com quatro cabeças; está sentado, e, nas suas quatro mãos, tem os mesmos attributos que a Trimurtia.

439. Qual é o culto d'este deos?

Os seus sectarios o adoravam todos os dias pela



Trimurtia.

manhã e á tarde, deitando tres vezes no chão e para o sol agua contida na palma da mão; ao meio-dia, offerecem-lhe uma flor. É honrado pelo sacrificio do fogo, no qual apresentam-lhe o *havi* ou manteiga clarificada.

440. Quem é Vischnú?

Para uns, é o segundo membro da Trimurtia, e

para outros, é o deos supremo; conforme esta ultima hypothese, nasceram d'elle Brahma e Siva; o primeiro sahio d'uma flor de loto plantada no embigo do creador; o segundo foi formado d'uma gota de suor que cahira da sua testa. Considerado como segundo membro da Trimutria, é o conservador da creação, tirado do nada por Brahm. Teve que metamorphosear-se para acudir a terra cada vez que esta se achou em perigo.

441. Narrai as incarnações de Vischnú.

As suas incarnações são dez: já tiveram lugar nove. As quatro primeiras tiveram lugar nos tempos primitivos. Metamorphoseou-se primeiro em peixe, para combater um genio malfazejo que roubára os Vedas, livros da lei; furto este que privava a terra do livro da verdade. Eis-aqui o que dizem a respeito d'este combate: o ladrão tinha levado a sua presa para o fundo do mar; Vischnú prevendo que na lucta a terra havia de ser submergida, ordenou a um justo que entrasse n'uma não com a sua familia, e embarcasse tambem um par de cada especie de animaes; o deos vencedor poz a terra no monte Merú, e trouxe o livro sagrado aos homens.

A segunda incarnação foi occasionada por uma contenda que teve lugar entre os deoses; na lucta, o monte Merú que sustem o mundo foi abalado, e então Vischnú mudou-se em uma immensa tarta-

ruga e sustentou a terra até que fosse restabelecida a paz.

N'outra vez, estava a terra a ponto de desaparecer; tinha-a um gigante achatado e rolado como uma folha, e estava para leval a para o fundo do abysmo; Vischnú metamorphoseou-se em javali, venceo o gigante, cuja impiedade corrompia o genero humano.

Nos seculos seguintes, Vischnú não apparece mais sobre a terra senão sob a fórma humana.

A sua quinta incarnação teve lugar debaixo da figura do brahmane anão Vamana. Tendo um gigante, chamado Bali, obtido a soberania dos tres mundos, tornára-se, pelo seu orgulho, insupportavel aos deoses, e então Vischnú se encarregou de castigar-o; tomou a figura de Vamana, e apresentando-se a Bali, pediu-lhe que lhe concedesse tres passos de terreno; este consentio, porém, Vamana, desenvolvendo-se prodigiosamente, medio d'um só passo a terra inteira, do outro o céu, e ia, emfim, abraçar os infernos quando o gigante implorou o seu perdão; então, Vischnú deixou-lhe a soberania do sombrio imperio.

A ultima incarnação de Vischnú e a mais celebre foi a de Bouddha (vede *Bouddhismo*).

Os Hindús esperam ainda uma incarnação que não ha de ter lugar senão no fim dos seculos; o deos

tomará a fôrma d'um cavallo com azas, e com um couce pulverizará o mundo.

442. Como representam Vischnú?

Tem o rosto azul e quatro braços; com uma mão segura uma maça; n'outra tem uma roda symbolica; na terceira, uma concha, e na quarta, um loto. Tem uma triplice tiara na cabeça.

443. Qual é o culto que davam, e ainda dão a este deos?

O Vischnava, ou devoto a Vischnú, faz-se uma marca chamada *tilaka* desde a ponta do nariz até a corôa da cabeça; está vestido de amarello, traz um chapéo feito de grãos de *toulasi*, e, quando anda, repete incessantemente a palavra *Hari, Hari*.

444. O que é Siva, Civa, ou Shiva?

Uns o consideram como a terceira pessoa da Trimurtia; para seus sectarios, é o deos supremo. Poder destruidor, está sempre em lucta contra Vischnú, e por isso, está a sua historia contida na d'este deos; o máo genic, sempre combatido por Vischnú debaixo de várias fôrmas, é Siva.

445. Como é que representam Siva?

Como membro da Trimurtia, representam-n-o montado n'um tigre com dentes muito compridos e lançando fogo; serpentes lhe envolvem os braços e a cintura, e elle traz ao pescoço um collar feito de craneos humanos. Quando representam a Trimurtia

pela arvore da vida, Siva é a casca a mais interior.

Como deos supremo, representam-n-o com cinco cabeças, e montando n'um touro; é branco e tem cabellos vermelhos; tem quatro braços e quatro mãos; com uma, brande o machado, e traz na outra o loto; abençoã com a terceira, e com a quarta faz um gesto para apaziguar.

446. Qual é o seu culto?

O seu culto era principalmente observado no sul da India; hoje está espalhado por toda a parte. Os Civaistas ou sectarios de Civa distinguem-se por tres linhas curvas ou pelo crescente impresso na testa, e pela nodoa preta que têm na ponta do nariz.

447. Quaes sam as crenças dos Brahmas?

Crem que de Brahma nasceram os homens destinados a entreterem a religião na terra; dizem que tirou da sua cabeça um homem chamado Brahman a quem deo os Vedas, livros que continham a verdade. De seu braço direito sahio um guerreiro para que defendesse o sacerdote; tirou depois de sua coxa um terceiro homem, lavrador e commerciante para nutrir o sacerdote e o soldado por meio da agricultura, e enriquecêl-os pelo commercio; enfim um quarto homem sahio de seu pé para ser o pai dos artifices encarregados de trabalhar para todos os outros.

D'estes quatro homens de côres diferentes sahi-

ram as castas de que se compõem os povos da India.

Uma ultima casta, a dos parias, sendo formada da escoria de todas as outras, é um objecto de desprezo, e vegeta na miseria.

Os sectarios de Brahma accreditam na immortalidade da alma e na metempsychose; a vida terrestre é uma vida de castigo, e elles esperam a chegada do reino divino.

A lei encerra cinco preceitos: a leitura dos livros sagrados; as offeras aos deoses; a bondade para com os animaes; o culto dos antepassados; a hospitalidade.

O meio mais certo para conseguir a felicidade eterna é a renunciação ao mundo, a contemplação e o martyrio; é por isso que se encontram tantos fanaticos entre os sectarios de Brahma. Para se tornarem agradaveis aos deoses, algumas mãis atiram-se com os seus filhinhos debaixo das rodas do carro sagrado para ali serem esmagadas, e assim merecerem a beatituda eterna; alguns sujeitam se á torturas voluntarias nos pagodes; outros condemnam-se a ficar longos annos em uma immobilidade completa. Monges mendigos fazem votos de ficarem sempre com um braço levantado até que fique este membro completamente dessecado; ou deixam-se morrer á mingoa. Emfim, um costume, quasi abandonado hoje, obrigava as mulheres a queimarem-se

vivas sobre a fogueira que consumia o cadaver de seu marido.

Os sectarios de Brahma abstem-se de comer tudo o que teve vida, porque a sua crença na metempsychose faz-lhes ver em cada animal um corpo em que transmigrou a alma d'algum defuncto; e por isso, sustentam-se unicamente de legumes, arroz e leite.

448. Brotaram algumas seitas do Brahmanismo?

Sim, muitas nasceram d'elle, porém as principaes são as dos que adoram separadamente Brahma, Vischnú e Siva, e que já temos mencionado.

BOUDDHISMO

449. Qual é a origem d'esta religião?

O Bouddhismo tira o seu nome de Siddhârtha ou Sakia, seu fundador; este principe renunciou ao mundo na idade de vinte e nove annos, e retirou-se para um deserto afim de entregar-se ás sciencias; tomou, então, o nome de Bouddha, isto é, *esclarecido* ou *sabio*. Dizem que nascêra no setimo seculo antes de J. C.

Os seus sectarios consideram-n-o como um ser milagroso, e pretendem que n'elle se encarnou Vischnú uma nona vez para ensinar-lhes a verdade: accreditam que ao nascer, foi recebido ao pé d'uma

arvore por Brahma que o mergulhou n'um vaso de ouro, cheio d'uma agua divina.

Logo depois de se retirar para o deserto, viveo como um anachoreta, e a sanctidade da sua vida grangeou-lhe numerosos discipulos que; como elle, se entregaram á rigorosas practicas de devoção. Chegado á idade de oitenta annos, e julgando ter cumprido a sua missão, fez com que se accreditasse que se tinha evaporado pelos ares, porém, antes de deixar a terra, prognosticou que sua doutrina havia de durar cinco mil annos.

450. Como representavam Bouddha?

As mais das vezes, é de côr preta, com os cabellos crespos, ou com um só tufo; está sentado n'uma esteira, ou n'um throno, com as pernas encruzadas; uma lita sagrada cinge-o da esquerda á direita, e elle traz o pentagono na mão.

451. Qual é o juizo que se deve fazer do Bouddhismo?

O Bouddhismo é uma religião heterodoxa, relativamente ao Brahmanismo que, então, reinava na India.

452. Quaes são os seus dogmas?

Os Bouddhistas não reconhecem a autoridade dos Vedas, livros sagrados dos Hindús. O fim supremo que se propoz o seu fundador é o Nirvãna, isto é, o *livramento* ou a *salvação*. O axioma d'esta religião

é este : Tudo o que é composto é perecedor, porém reconstitue-se sem cessar. A crença d'uma unidade divina é o dogma que separa o Bouddhismo do Brahmanismo, tão cheio de idolos.

Para os Bouddhistas, o mundo é o theatro d'uma mudança perpetua; a morte succede á vida, e a vida á morte; o homem, assim como tudo quanto o rodeia, gyra no circulo eterno da transmigração; reveste successivamente todas as fórmulas da vida; o lugar que occupa na escala dos seres vivos depende do merecimento das acções que tem practicado n'este mundo. Assim, o homem virtuoso terá de renascer n'um corpo divino, o criminoso, n'um corpo de damnado; as recompensas no céo, e os castigos no inferno não têm senão uma duração limitada como tudo quanto existe n'este mundo; o tempo esgota o merito das boas acções, assim como apaga a culpa das más. A lei de mudança chama sobre a terra os bons e os máos para submettel-os de novo á prova, e fazer-lhes percorrer uma nova serie de transformações. A esperança que Bouddha introduzio n'esta crença é a de poder escapar á lei de transmigração, e entrar no Nirvâna. Para conseguir este fim, é mister consagrar a vida ao estudo das sciencias, e practicar as seis perfeições transcendentel; a esmola, a moral, a sciencia, a energia, a paciencia, e a caridade.

O Bouddhismo proclama a igualdade de todos, sob o ponto de vista da religião. Os seus sectarios se serviam da prégaação, então desconhecida na India, para propagar as suas crenças.

453. Quaes são os povos que professam esta religião?

No decimo-quarto seculo depois de J.-C., o Bouddhismo, extirpado da India, espalhou-se nos paizes visinhos, e ali modificou-se conforme as ideias religiosas de cada um d'outros paizes; hoje, é elle a religião de cento e cincoenta milhões de almas na ilha de Ceilão, na Indo-China, no Indostão, na China e no Japão.

454. Quaes foram as mudanças feitas na fôrma e nas crenças do Bouddhismo?

Em resumo, o Bouddhismo que, assim como já dissemos, não era senão uma heresia da religião de Brahma, acabou por assimilar, em parte, esta ás suas crenças. Hoje, a religião dos Brahmanes tem revestido quasi inteiramente a fôrma do Bouddhismo, religião menos barbara, e que, mais de perto do que a sua predecessora, seguiu os progressos da civilização.

CHINS E JAPONEZES

455. Qual é a religião dos Chins e dos Japonezes?

Na China, assim como no Japão, ha muitas religiões :

1º A religião de Yu, ensinada por Confucio, philosopho que vivia 551 annos antes de J. C. Esta é a religião do Estado e da classe dos letrados. Este culto reconhece um deos supremo ao qual erigem templos, porém, cujo unico sacerdote é o Imperador que cumpre todos os deveres religiosos em nome de todo o povo. Os preceitos d'esta religião são : o amor filial, o respeito para com a velhice e as honras que dão as defunctos.

2º A religião de Táo-Se, ou a razão primitiva, que foi ensinada por Láo-Tseu, philosopho que vivia 600 annos antes de J. C. e que recebêra o nome de Láo-Tseu, *menino velho*, por ter nascido com cabellos brancos. Os Chinezes representam-n-o com duas protuberancias na testa como Moisés. Esta religião de Táo-Se degenerou em uma especie de polytheismo, e já não é mais seguida, senão na China.

3º Uma religião, particular aos Japonezes, que é o culto de Sinto; tem por objecto a veneração para com os antepassados; adoram o sol, alguns genios,

as divindades creadoras, os animaee sagrados que são o cão e a raposa.

4º O Bouddhismo que é uma religião commum aos dois povos.

Accrescentaremos que no Japão, o Bouddhismo e o culto de Sinto são, ás mais das vezes, confundidos, e que o mesmo templo recebe simultaneamente os dois idolos.

A religião chinesa e a japoneza têm um céu ainda mais povoado que o Olympo pagão. Entre as suas innumeraveis divindades, collocaram seres symbolicos, reis, guerreiros, e philosophos.

456. Qual é a crença d'estes dois povos?

Accreditam em bons e em máos genios; imaginam grande numero de infernos e paraísos. O fundamento da sua crença é um ser supremo ou deos creador; tambem reconhecem a immortalidade da alma.

A religião dos Chins e dos Japonezes não é bem determinada; têm elles uma grande quantidade de idolos para representarem a imagem do creador.

MYTHOLOGIA ESCANDINAVA

457. Não tinham os povos que habitavam a Dinamarca, Suecia, Noruega e Islandia uma religião

especial á sua raça, antes da introdução do Christianismo?

Sim; é a chamada mythologia escandinava. Não podemos deixal-a em silencio por causa da importancia historica d'estes paizes, d'onde sahiram os barbaros Godos que aniquilaram o Imperio romano, e durante muitos annos, assolaram as suas diversas provincias.

Além d'isso, as poesias religiosas e guerreiras d'estes povos são mui notaveis; nunca deixaram de ser estudadas, nem podem ser comprehendidas, sem algumas noções preliminares das crenças religiosas dos que compuzeram aquellas poesias.

458. Impuzeram estes povos as suas crenças aos paizes por elles conquistados?

Pelo contrario, os vencedores converteram-se á religião dos vencidos, e o Evangelho substituiu a fé do christão tão cheia de esperança, ás doutrinas desesperadas dos guerreiros do Norte.

459. O que se deve entender por doutrinas desesperadas?

Queremos dizer que as tradições escandinavas estão cheias de ideias tristes. Toda a sua moral consiste em promessas de gloria, como recompensa da coragem. Em todas as suas fabulas, reina a influencia do rigido clima do Norte; ali não desponta nenhum raio de esperança; pelo contrario, sempre o

desespero acompanha a lugubre coragem dos heroes. A ideia dominante d'esta mythologia é que o mundo deve acabar desgraçadamente pelo triumpho dos máos espiritos sobre os deoses.

O suicidio era preconizado, e os que morriam de morte natural tinham a fama de cobardes, e mereciam os tormentos do inferno. Com estas ideias, olhavam a vida como um peso, e os crentes que escapavam ás tempestades do Oceano, e ao ferro inimigo, apunhalavam-se quando iam envelhecendo.

460. Quaes eram as principaes divindades da mythologia escandinava?

Odin, o maior dos deoses escandinavos, era o pai dos deoses e do mundo, e sendo especialmente o deos dos combates, animava os guerreiros á carnificina. Habitava, no meio das nuvens, o palacio de Valhol ou Valhalla, e recebia as almas dos heroes mortos nas batalhas. Representam-n-o montado n'um cavallo que tem oito pernas, armado d'uma lança, e tendo sobre os hombros dois corvos que o informam sempre de tudo o que acontece no mundo.

A deosa Friga, muller d'Odin, era *Norne*, isto é Parca suprema; conhecia o futuro, porém nunca o revelava aos deoses.

Freyr, irmão de Freya, era o dispensador das chuvas e do bom tempo, o deos da paz e das riquezas,

e algumas vezes, o principio viril e creador, em opposição á sua irmã Freya, que era o principio feminino, a deosa da belleza e do amor.

Balder, filho d'Odin e o deos da eloquencia, e ao mesmo tempo o genio da paz, da piedade e da moderação. Morreo ferido por um dardo atirado n'um torneio por Hoder, deos do acaso.

Thor ou Asa-Thor, um dos principaes deoses da mythologia escandinava; filho primogenito d'Odin e de Friga, era o deos da força e do trovão.

461. Qual era o livro sagrado dos Escandinavos?

Era o Edda, poema composto nos decimo e decimo-primeiro seculos por diversos autores. Aham-se tambem algumas legendas escandinavas nas poesias em lingua gaelica d'Ossian, celebre bardo escossez.

A primeira parte do Edda explica os dogmas do culto, a creação, os combates dos gigantes. A segunda falla só das contenddas dos deoses.

O Valhalla, palacio d'Odin é o seu paraiso : uma ponte formada pelo arco-iris é a sua unica entrada. Alí, no meio das nuvens, os guerreiros assistem aos festins servidos pelas nymphas Walkiries. Sua mais agradavel occupação é figurar no céo os combates que travavam sobre a terra. Os Scaldes que eram os seus bardos celebravam as suas façanhas.

No fim dos seculos, dizem que os máos genios hão de penetrar no Valhalla, e matar os deoses,

excepto Thor que, dando cabo da serpente Jorgur, perecerá suffocado pela exalação do veneno d'este monstro.

GAULEZES

462. O que se sabe sobre a religião dos Gaulezes?

A religião dos Gaulezes é aquella de que menos se occuparam os escriptores da antiguidade; além d'isso, os autores modernos, que trataram este assumpto, não foram por muito tempo guiados senão por algumas passagens de Julio Cesar, e rarissimos monumentos que ficaram espalhados pelo solo da Gallia.

Porém os trabalhos dos sabios philologos modernos esclareceram este ponto. Hoje, sabemos que os dialectos fallados pelos Gaulezes derivavam d'uma lingua antiga, mãe de todas as linguas, e que se fallava na Asia central. Tambem é d'esta lingua que se formou o sanscrito, a lingua sagrada da India.

Podemos, pois, affirmar que os povos que habitaram a Gallia vinham tambem d'estas paragens que foram chamadas o berço do genero humano. Além d'isso, consta d'uma passagem de Plinio que os Romanos acharam grande analogia entre os ritos dos

Persas e os dos Gaulezes, e eis-aqui como se exprime aquelle escriptor : « Não obstante a impossibilidade em que se achavam estes dois povos de communicar um com outro, e a distancia que existia entre os dois paizes, practicavam as mesmas superstições, a tal ponto que se podia accreditar que haviam communicado um no outro a sua religião. » São Clemente d' Alexandria, que vivia no segundo seculo da nossa éra, tambem reparou na similhança d'estas duas religiões quando disse : « Que assim como a dos Persas, a religião dos Gaulezes era uma religião de philosophos. » Deve-se notar que aqui esta palavra é tomada no bom sentido, e que entendia-se uma religião de homens sabios.

Todos os testemunhos são unanimes em estabelecer que os Gaulezes accreditavam firmemente na immortalidade da alma ; a consequencia d'esta ideia, profundamente gravada nos seus dogmas, era que depois de queimarem os seus defunctos, collocavam nos seus tumulos a conta exacta dos seus negocios domesticos, afim que pudessem achal-as na segunda vida.

463. Qual foi o primeiro deos dos Gaulezes?

Não adoravam, ao principio, senão um só deos, Esus, o *deos terrivel*, que era para elles o deos incerto, desconhecido, unico, e em qualquer sorte, o *deus ignotus* dos Romanos.

464. Qual era o seu modo de adoração?

A principal fórma sob a qual o adoravam era a do carvalho; porém, também lhe rendiam um culto sob a fórma de todos os objectos que não eram produzidos pelas mãos dos homens; os lagos, os pantanos, e os rios. Sacrificavam-lhe victimas humanas, seja para remover as calamidades da patria, ou para evitar desgraças particulares. Quando a patria estava em perigo, ou quando queriam celebrar uma victoria, construíam estatuas colossaes de saisso ou salgueiro nas quaes encerravam homens que queimavam como victimas.

465. Era a sua fé ardente?

Tão fervorosa como a dos primeiros christãos, e esta religião também teve os seus martyres voluntarios. Muitas vezes, os principaes da nação, os chefes, tomavam o lugar das victimas consagradas ao fogo, para roubar-lhes a felicidade de que, segundo elles, iam gozar depois da sua morte; outras vezes, obtinham o serem queimados com todas as suas riquezas. Em certas circumstancias, os devotos contentavam-se com atirarem nos lagos ou nos rios o seu ouro, seus cavallos, e tudo quanto possuíam de mais precioso.

466. Onde adoravam a sua divindade?

O deos dos Gaulezes não tinha templos; as ceremonias celebravam-se nas imensas florestas que

então cobriam a Gallia, e sobretudo a Armorica. Todavia, suppõe-se que as pedras informes, e os *dolmens* eram monumentos sagrados erigidos em honra da divindade. Diodoro de quem extrahimos estas particularidades, accrescenta, admirado, que o ouro que offereciam á divindade jazia espalhado sobre o solo, entre grandes montões de pedras.

467. Que nome tinham os sacerdotes d'Esus?

Chamavam-se Druidas. A sua reputação de sabedoria penetrou até na Grecia; Diogenes os chamava *discipulos dos magos da Persia*, e muitos autores antigos alí foram estudar a sua doutrina.

468. Dizei-nos alguma cousa a respeito dos Druidas.

Viviam nas florestas e alí eram consultados sobre o futuro, ou para a cura das doenças. A panacea universal era o agarico que os Druidas recolhiam com grande pompa, no principio de cada anno. Não escreviam a lei, que então se conservava inalterada pelas tradições oraes. Todos os annos, havia uma reunião geral de todos os Druidas, e tinha ella lugar nos arredores de Carnitum, hoje Chartres. Andavam assim como os Magos, vestidos de branco, e precediam os guerreiros nos combates.

469. Não havia, tambem, mulheres encarregadas d'este culto?

Sim; eram chamadas Druidizas. Compartiam com

os Druidas os cuidados do culto, consultavam os astros, formavam horoscopos, prediziam o futuro, e tambem ingeriam-se nos negocios do governo.

470. Como é que foram alteradas as fórmãs d'esta religião?

Cerca de dois seculos antes de J.-C., a antiga fé que tinham a Esus começou a abalar-se, e os Gaulezes introduziram na sua mythologia os deoses astronomicos adorados, então, por quasi todos os povos civilizados. Os Druidas, constrangidos a ceder aos votos dos povos, sacrificaram aos novos deoses; porém, continuaram sempre a celebrar os seus mysterios debaixo dos carvalhos, arvores que elles tinham em grande veneração, e mentalmente davam as suas homenagens a Esus a quem se conservaram fieis.

471. Quaes foram os novos deoses introduzidos na religião dos Gaulezes?

Jupiter, Jovis, e em celtico *Tou* ou *Taronis*, pois que todos estes nomes pertencem ao mesmo deos, que veio supplantar a Esus.

Mercurio, em celtico *Ogmias*, foi o segundo deos d'este novo polytheismo; presidia á eloquencia, como em todas as theogonias. Era representado, como sobre alguns monumentos gregos e romanos, com cadeias nas mãos, e arrastando povoações após si, symbolo do imperio da eloquencia. Alguns au-

tores fallaram d'um Hercules gaulez; porém, julga-se que assim queriam representar Mercurio que tambem apparece em alguns lugares armado d'uma maça, e vestido da pelle do leão; singularidade que se pôde explicar pela consagração que fez Hercules de sua maça e pelle de leão sobre o altar de Mercurio, depois do seu combate contra os Gigantes. Além d'isso, a mythologia grega confundio algumas vezes Hercules com Mercurio; assim em Megalopolis, não tinham os dois senão um só templo, e segundo Aristides, as mesmas estatuas serviram a miudo para representar uma ou outra d'estas divindades.

O Mercurio gaulez era, como o Mercurio grego, o inventor das artes; tambem presidia á segurança dos caminhos, e a maça que trazia indicava a guerra que fazia aos ladrões que infestavam as estradas. Era, tambem, o deos do commercio, e então, o representavam nú, com uma bolsa e o caduceo, sobre a cabeça o galéro, e á sua ilharga, o gallo, symbolo da vigilancia.

Emfim, Mercurio, entre os Gaulezes, assim como entre os Gregos, era encarregado de conduzir as almas ao outro mundo, para ali acharem uma vida melhor, pois não consideravam esta senão como a imagem da outra. Porém, quando desempenhava estas funcções, tomava o nome de Teutathès ou de Plutão com quem então o confundiam.

Cumpre aqui reparar que os Gaulezes pretendiam ser filhos de Teutathès; era o deos predilecto d'estes povos, e a prova d'isto se acha no grande numero de estatuas que Cesar achou, quando fez a conquista das Gallias. A respeito de Cesar, reproduziremos aqui uma phrase sua, tirada dos *Commentarios*: « Os Gaulezes adoram Mercurio, Apollo, « Marte, Jupiter e Minerva, e têm as mesmas ideias « religiosas que os Gregos e os Romanos. »

Abellion, Helemon, Belenus, Peninus ou Penin (de *pen*, cabeça, cume), o qual não é senão o Apollo dos Gregos, o Baal dos Orientaes, ou o Mithra dos povos asiaticos, era representado a miudo por um só olho, porque o sol, n'este systema religioso, era o olho de Jupiter ou do grande deos.

Era adorado, principalmente, no paiz dos Arvernes (Auvergne), onde muitos templos celebres lhe eram consagrados. Havia outro perto de Tolosa, erecto sobre um lago, seu templo primitivo. Os Gaulezes consideravam o sol como Anaxagoras, que, talvez tinha adoptado o systema d'elles; entendiam que era um grande globo de fogo, suspenso no meio dos ares com cadeias de ouro.

Os Gaulezes adoravam o Sol com ceremonias mui semelhantes ás usadas entre os Persas. Assim, como os Persas, no dia 25 de Dezembro, isto é quando renascia o sol, celebravam os seus mysterios, mas-

carando-se com cabeças de animaes, e cobrindo-se com suas pelles; n'estes mysterios, tinham o cuidado de escolher os animaes que deram o seu nome a uma constellação, como o carneiro e o urso. O vestuario que traziam n'estas occasiões é chamado por Tacito *Mastruca*.

Além de todos estes nomes, deram tambem a Apollo o de Dolichenus, e então; confundiam-n-o com Mercurio. Em 1658, achou-se perto do porto de Marselha uma estatua que trazia este nome, e representava um Apollo em pé sobre a anca d'um touro, tendo aos seus pés a aguia, unica ave que póde encarar o sol.

Tambem, como entre os Persas, Belenus, ou o Sol, tinha uma companheira chamada Belisana, Belinuncia, ou a Lua, que era confundida com Venus, ou mesmo com Minerva. Um lago lhe foi consagrado no Gevaudan.

Marte tinha entre os Gaulezes o nome de Camulus, e o cognome de Scyomon, *rico*, porque era a elle que consagravam todos os despojos dos vencidos.

A historia cita um exemplo notavel d'este costume. No anno de 642 de Roma, 112 annos antes de J. C., os Gaulezes tendo derrotado o exercito do proconsul Cepion, atiraram todos os despojos d'este exercito nos rios, nos lagos e nos abysmos; e os soldados que escaparam ás frechas e aos dardos

do vencedor foram, com as suas riquezas, sepultados nas ondas.

O seu ultimo deos era Saturno que diziam elles, lhes ensinára a offerecer victimas humanas a Jupiter, e que, elle proprio, tinha offerecido o seu filho em holocausto; este mytho encontra-se em quasi todas as mythologias, e estabelece mais uma analogia entre este culto e o dos Hebreus, cujo pai offereceo Isaac ao Senhor.

No tempo de Tiberio, o culto dos Gaulezes foi prohibido, porém, tornou a apparecer no reinado de Alexandre Severo, Aureliano e Diocleciano. Este culto tinha brotado profundas raizes entre estes povos; pois que no reinado de Theodebert 1º, os Gaulezes, tendo-se apoderado da ponte de Pavia, atiraram os corpos dos inimigos no Pó, em honra de Marte, e como primicias dá guerra.

Além d'isso, acharam-se vestigios d'aquelle culto nas povoações selvagens da Bretanha, até aos seculos decimo e decimo primeiro.

ISLAMISMO

RELIGIÃO DE MAOMA OU MAHOMET.

472. O que é o Islamismo?

É uma religião prégada por Mahomet, praticada

no Oriente, e que tira o seu nome da palavra arabe *Islam* que significa *submisso a Deos*.

473. Quem era Mahomet?

Mahomet, que nasceo no anno de 571 depois de J. C., foi o propagador do Islamismo. Os primeiros annos de sua vida nada apresentam de muito notavel. Sendo orphão muito moço, foi por muito tempo cameleiro, e mais tarde, desposou uma rica viuva, chamada Kadicha. Foi então que elle começou a prègar uma nova religião, cujos primeiros sectarios foram sua mulher, seu sobrinho Ali, e seu escravo; Mahomet queria, por este meio, reunir todos os povos orientaes divididos pelas suas diversas crenças, e ensinava uma religião fundada sobre a unidade de Deos, de quem elle pretendia ser o apostolo.

Proscripto da Mecca pelo cherife assustado dos progressos do islamismo, refugio-se o propheta para Medina, em 622 depois de J. C. D'esta fugida, chamada *Hegira*, data a éra dos Mahometanos.

Um grande numero dos seus discipulos tendo-o seguido no desterro, poz-se á frente d'elles e com este exercito composto de crentes, alcançou muitas victorias. Depois da guerra, dita das nações, foi reconhecido como soberano espiritual e temporal, e morreo na Mecca em 652.

Os Musulmanos attribuem muitos milagres a Maho-

met; assim, dizem que n'uma noite, a lua dividio-se em duas partes, a seu mando; que n'outra vez, as arvores e os rochedos o saudaram quando passava; accreditam tambem que ao fugir da Mecca para Medina, tendo-se refugiado n'uma caverna, formou-se á entrada d'ella uma teia de aranha que o escondeo aos que o perseguiam. Emfim, Mahomet fez-lhes accreditar que o proprio anjo Gabriel, lhe dera o Alcorão, livro sagrado da sua religião, e que tendo arguido de não saber ler, o anjo o pegára pelos cabellos, atirára tres vezes ao chão, depois do que Mahomet ficou sabendo ler perfeitamente.

Os credulos sectarios de Mahomet eram tão prevenidos, e tiuham tanta fé em sua missão que este podia fazer-lhes crer tudo quanto imaginava; dizem que n'um dia, querendo fazer um prodigio, reunio grande numero de seus discipulos, e deo ordem a uma montanha não longe d'elle de se aproximar; porém como a montanha ficava immovel, disse: « Pois, montanha, já que não queres vir a Mahomet, será Mahomet que irá ter contigo.» Com effeito, foi para a montanha; todos o seguiram e acharam n'esta charlataneria mais um motivo para crer n'elle.

Alguns autores dizem que Mahomet não se attribuia o dom de fazer milagres, ainda que capitulos inteiros do Alcorão sejam consagrados á narração das suas pretendidas revelações, e que foram os

seus primeiros partidarios fanaticos que imaginaram estas fabulas ridiculas, e deixaram-n-as espalharem-se nas povoações ignorantes; todavia, é difficil não tornar a Mahomet responsavel d'estas imposturas, quando vemos um capitulo d'este livro consagrado á viagem milagrosa que fez em uma só noite da Arabia a Jerusalem, e á sua ascenção ao ar montado na sua egua.

474. O que é esse Alcorão?

O Alcorão, formado de duas palavras arabes, *al*, o, e *corão*, livro, de *corá*, ler, compõe-se de duas partes, uma, dogmatica, e a outra, practica. Na primeira, reconhece-se a origem divina do antigo e do novo testamento, e, se bem annuncia que Moisés e Jesus eram prophetas mandados por Deos, declara que elle Mahomet é o maior e o ultimo. Ensina a crença d'um Deos clemente, dos anjos, de seus prophetas, do juizo final, e da predestinação. Nega a trindade dos Christãos, que julga incompativel com a unidade divina. O Alcorão promette aos seus eleitos um paraizo material, em que hão de beber vinhos deliciosos, deitados por huris, e gozar da presença do Eterno. Este lugar de delicias está reservado aos fieis e aos valentes. Um castigo eterno espera os cobardes e transgressores á lei de Mahomet.

A parte practica do Alcorão encerra os deveres d'um bom musulmano que são : as abluções, a ora-

ção, o jejum durante o mez do Ramadan, as esmolas e a peregrinação para a Mecca; prohibe aos seus sectarios a usura, o jogo, o uso do vinho e da carne de porco, e autoriza a polygamiã.

475. O que aconteceu depois da morte de Mahomet?

Depois da sua morte, os cheijks reunidos deram o poder ao seu sogro Abou-Beckre, com prejuizo d'Ali, sobrinho e genro do propheta, e então Abou-Beckre tomou o titulo de califa ou vigario.

Foi só em 656 que Ali pôde fazer-se eleger; este valente guerreiro, que foi cognominado o leão de Deos, morreo assassinado por um fanatico em 661. Mahomet costumava dizer : « Eu sou a cidade da sciencia de qual Ali é a porta. »

476. Quaes são os outros sectarios de Mahomet?

O Islamismo, que principiou na Asia, espalhou-se pela Africa e Hespanha, e não cessou de reinar n'este ultimo paiz senão no fim do decimo-quinto seculo. Ainda hoje conta cem milhões de crentes na Asia e na Africa. É dividido em duas seitas : os Chiytas e os Summitas; os primeiros espalharam-se na Persia e nas Indias; os outros, dominam em numero no Imperio ottomano, no Egypto e na Algeria.

PERUVIANOS E MEXICANOS

PERUVIANOS.

477. Quaes eram as crenças dos indigenas quando foi descoberto o Perú?

Quando teve lugar esta descoberta, isto é no decimo-sexto seculo, os Peruvianos adoravam o Sol.

478. Que juizo faziam da existencia de Deos?

Reconheciam por deos supremo Pachacamac, ou *alma do mundo*. Era a unica causa do universo, no qual mantem tudo quanto sendo, e o Sol o seu representante. Accredittavam que a Lua era a mulher do Sol, e que estes dois esposos tinham procreado Manco-Capac e os Incas.

479. Como explicavam a creação?

Diziam que Pachacamac tirára do nada um homem sem ossos, nem musculos, o qual abaixava as montanhas, enchia os valles, e abria para si um caminho nos lugares mais inaccessiveis; este era o pai de todos os homens.

480. Accredittavam elles na immortalidade da alma?

Sim; porém, tinham imaginado genios, e con-

sideravam as estrellas como criadas da casa dos astros.

481 Qual era o seu paraiso e o seu inferno?

O seu paraiso era o repouso e o esquecimento; o seu inferno, um abysmo em que se soffriam todos os males d'este mundo, sem tregua nem esperanza.

482. Quaes eram as suas practicas religiosas?

Offereciam ao Sol figuras d'homens e de animaes feitas de ouro ou de prata, e tambem apresentavam-lhe grãos. Quando o Inca, sacerdote peruviano estava doente, confessava-se ao Sol, depois mergulhava-se n'um rio para lavar-se de seus peccados. Os seus templos eram d'uma magnificencia incrível, inteiramente de ouro, e habitados pelos Incas que deviam ser de raça real. Os Peruvianos levavam os seus defunctos para a sepultura n'uma maca carregada de mantimentos para as necessidades da outra vida. Estes povos foram convertidos ao catholicismo pelos Hespanhoes.

MEXICANOS.

483. Quaes eram as crenças dos Mexicanos na epoca da descoberta do seu paiz?

Quando os Hespanhoes penetraram no Mexico, isto é, no decimo-setimo seculo, acharam um povo adiantado na civilização emquanto ás artes, ás scien-

cias, e á industria, porém totalmente entregue á idolatria. Os Mexicanos adoravam Vitzliputzli, como senhor soberano de todas as cousas; e depois d'elle, consideravam o Sol como o principal dos seus deoses. As suas crenças ácerca da criação eram as mesmas que as dos Peruvianos.

484. Quaes eram as suas practicas religiosas?

A sua religião prescrevia a penitencia, a confissão, as expiações, e jejuns austeros; as expiações consistiam em sangrarem-se no tornozello; por isso pôde-se inferir que reconheciam implicitamente a existencia d'uma outra vida, e a immortalidade da alma; porém não admittiam paraíso algum. Pelas suas ceremonias expiatorias, vê-se que procuravam aplacar a divindade, e que temiam a sua justiça no outro mundo.

485. Que sacrificios offereciam ás suas divindades?

Immolavam-lhes victimas humanas. Os destroços dos idolos eram considerados como amuletos.

486. Quaes eram as ceremonias da sepultura?

Os sacerdotes cantavam hymnos funebres; levantavam de tempo em tempo o corpo do defuncto, enquanto immolavam victimas humanas em sua honra; no seu tumulo, encerravam ouro e prata para as despesas da ultima viagem.

Os Hespanhoes trouxeram padres comsigo quando

conquistaram o Mexico, e então, a religião catholica estabelecco-se n'este paiz, onde não se acha mais hoje, senão em algumas tribus indiaticas ainda selvagens, vestigios das antigas superstições.

FETICHISMO

487. O que é o Fetichismo?

É o culto dado por alguns povos selvagens a entes insensiveis, como a terra, o mar, etc., aos animacs, peixes, insectos, reptis, ou a objectos de fórmats toscas, pedras, etc.

488. D'onde vem este nome de fetichismo?

Quando os Portuguezes começaram a navegar para estender o seu poder e propagar a fé¹, encontraram, nas costas da Afrĩca, tribus de negros, mergulhadas n'uma idolatria grosseira; não querendo elles darem aos ministros d'estas superstições despreziveis e ridiculas os nomes venerados de pontífices ou de padres, chamaram-n-os feiticeiros; tambem chamaram feitiçarias as ceremonias que presenciaram, e

¹ E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia andarão devastando.

(*Os Lusíadas*, canto 1º.)

feitiços os objectos que serviam de idolos. D'ahi veio o nome de fetichismo dado ás practicas supersticiosas de todos os povos selvagens. As nações estrangeiras adoptaram a nossa expressão, e os Francezes d'ella formaram a sua palavra *Fétichisme*, os Inglezes, *Fetichism*, os Allemãos, *Fetischismus*, etc.

489. Que juizo devemos fazer a respeito dos povos entregues ao fetichismo?

E de crer que nunca estes povos tiveram consciencia d'um Deos Todo Poderoso, ou então, talvez se tenha esta ideia apagado completamente na sua intelligencia. Nem tão pouco criaram divindades com paixões humanas, e em qualquer sorte, participando da nobreza do homem; pelo contrario, dirigem-se á objectos informes, sem movimento, ou d'um aspecto abjecto; emfim adoram seres mui inferiores a elles, que o erro em que vivem os Jeva a venerar ou temer.

490. Estão por ventura os povos civilizados, cujas crenças já expuzemos, assim como os Gregos e os Romanos, isentos do fetichismo?

Não, estas superstições encontram-se não sómente nos povos selvagens, mas até entre os povos os mais instruidos e civilizados, pois que em todos os paizes e tempos houve homens ignorantes que accreditavam nos feiteceiros, e nos talismans; estes devem tambem

ser considerados como verdadeiros sectarios do fetichismo.

491. Será exacto estarem os povos barbaros e ignorantes tão completamente entregues ao fetichismo, como o attestam os viajantes e historia-dores?

Póde haver alguma exaggeração em suas narrações, e talvez estas practicas grosseiras não sejam senão demonstrações de crenças mais espiritualistas?

492. Dai-nos alguns exemplos do culto do fetichismo?

' Este culto encontra-se na religião egypcia em que adoravam os animaes e as plantas.

Nos Romanos mandavam buscar a serpente d'Epidauro, quando grassava alguma peste, para se livra-rem do flagello.

No Illinois (America do Norte) os habitantes invocam os seus feitiços collocando nos altares potes vasio, quando desejam que chova; uma espada ou um punhal, se querem alcançar uma victoria.

Os negros de Juiada adoram certas arvores grandes para obterem a cura dos seus doentes, e nos templos, offerecem ao mar um annel de ouro.

No Japão, accreditam que os jambos afastam os espiritos máos, e os sectarios de Fó veneram um dedo d'este deos que elles expõem cada trinta annos á adoração dos crentes.

Actualmente, o fetichismo ainda existe na Lapônia, na Siberia, no oriente da Asia, na America, na Oceania, e sobretudo na Africa.

DICCIONARIO

DE

TODAS AS PERSONAGENS, DE TODOS OS MARES,
RIOS, CIDADES E LUGARES QUE FIGURAM
NA MYTHOLOGIA

- ABELLION. Nome de Apollo entre os Gaulcezes. 471 ¹.
ABOU-BECKRE. Sogro de Mahomet. 475.
ABSyrTO. Irmão de Medea. 282.
ACHELOO. Rio na Grecia; filho do Oceano e de Tethys. 184.
ACHERONTE. Rio nos Infernos. 191, 192, 205.
ACHILLES. Filho de Pelêo e de Thetis. 51, 551, 559, 541,
542, 549, 550, 551, 552, 561, 569.
ACRISIO. Rei d'Argos. 229, 230, 251, 255.
ACROCERAUNIOS. Montes do Epiro. 125.
ACTEON. Filho d'Aristeo. 95.
ADAMASTOR OU DAMASTOR. Um dos Titanes. 46.
ADITE. Divindade dos Persas. 426.
ADMETO. Rei da Thessalia. 66, 75.

¹ Os algarismos indicam os paragraphos em que figuram os diversos nomes comprehendidos no Dictionario.

- ADONIS. Filho de Cyniras rei de Chypre, e de Myrrha. 111, 115, 115.
- ADRASTE. Nympha que criou a Jupiter. 50.
- AFRICA. Uma das cinco partes do mundo. 370, 405, 476, 488, 492.
- AGAMEMNON. Rei de Mycenae. 345, 544, 549, 561, 562, 563, 564.
- AGENOR. Rei de Phenicia. 56, 305, 306.
- AGNI. Divindade indiatca. 452.
- AGLAIA. Uma das tres Graças. 120.
- AGOUROS Adivinhos dos antigos. 532.
- AGUA (a). Adorada pelos Hindús. 436.
- AHOURA-MAZDA. Deos supremo dos Persas. 425, 426.
- AJAX. Principe grego ; filho de Cilco. 351.
- ALCEO. Avô d Hercules. 255.
- ALCESTE. Filha de Pelias. 194.
- ALCIDES. Vede HERCULES.
- ALCITHOE. Uma das Mineides. 158.
- ALCMEGA. Mulher de Amphytryão, e mãe de Hercules. 56, 255.
- ALCORÃO (o). Livro sagrado dos Mahometanos. 475, 474.
- ALECTO. Uma das tres Furias. 205.
- ALECTRYON. Soldado, confidente de Marte. 108.
- ALEXANDRE. Vede PARIS.
- ALEXANDRE. Rei de Macedonia. 411.
- ALEXANDRIA. Cidade no Egypto. 19, 462.
- ALGERIA. Parte da Africa septentrional. 476.
- ALI. Sobrinho de Mahomet. 475, 475.
- ALLEMÃOS. Habitantes da Allemanha. 488.
- ALPHEO. Rio na Arcadia. 405, 407.
- AMATHONTA. Cidade da ilha de Chypre. 116.
- AMAZONAS (as). Mulheres guerreiras da Cappadocia. 258, 250, 268.

- AMENTUM. Instrumento para atirar as settas. 599.
- AMERICA (a). Uma das cinco partes do mundo. 492.
- AMMON ou o SOL. Deos dos Egepcios. 411.
- AMOR (o). Vede CUPIDO.
- AMPHIÃO. Famoso musico thebano. 308.
- AMPHION. Filho de Jupiter e de Antiope, rainha de Thebas. 82.
- AMPHITRITE. Deosa do mar; filha do Oceano e de Doris. 175, 175.
- AMPHITRYÃO. Rei de Thebas; filho de Alceo. 56, 255.
- ANAXAGORAS. Philosopho grego. 471.
- ANCHISES. Principe troiano, da familia de Priamo. 111, 142, 378, 379, 581.
- ANDROMACA. Filha de Eeton, rei de Thebas. 551, 561.
- ANDROMEDA. Filha de Cephis, rei da Ethiopia e de Calliope. 90, 254, 255.
- ANEMONA. Flor em que foi metamorphoseado Adonis. 115.
- ANTÉA. Rainha d'Argos. 256.
- ANTEO. Gigante; filho de Neptuno e da Terra. 274.
- ANTEON. Cidade de Beocia. 180.
- ANTIOPE. Rainha das Amazonas. 250.
- ANUBIS. Deos dos Egepcios. 411, 414.
- APIS (boi). Adorado pelos Egepcios. 415.
- APOLLO. Deos da poesia, dos oraculos e das artes; filho de Jupiter e de Latona. 65, 70, 71, 72, 75, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 84, 91, 106, 172, 226, 294, 296, 526, 549, 550, 596, 414, 471, 475.
- APOTHEOSE. Festa em honra dos semi-deoses. 592.
- AR (o). Divindade adorada debaixo de diversos nomes. 155.
- ARABIA (a). Vasta região na Asia occidental. 475.
- ARACHNE. Filha de Idmon. 97.
- ARCADES (os). Povo da Arcadia. 152.

- ARCADIA (a). Província no Peloponeso. 260, 322, 368.
- ARCAS. Filho de Jupiter e de Callisto. 56.
- ARCHIPELAGO. Mar formado pelo Mediterraneo. 290.
- ARCO-IRIS. Vede IRIS.
- ARETHUSA. Nympha, companheira de Diana. 200.
- ARGAMAN. Divindade dos Persas. 426.
- ARGO. Filho d'Aristor. 61.
- ARGO. Não em que iam os Argonautas. 279, 287.
- ARGONAUTAS (os). Gregos que conquistaram o Vellocino d'ouro. 279, 290.
- ARGOS. Cidade da Achaia. 229, 255, 256, 261, 262.
- ARIADNE. Filha de Minos. 245, 251.
- ARISTIDES Escriptor grego. 471.
- ARMORICA. Parte da Gallia ; hoje Bretanha. 466.
- ARUSPICIOS (os). Sacerdotes dos falsos deoses. 391.
- ARVERNES (os). Hoje AUVERGNE. Parte da França. 471.
- ARYAS (os). Povo do Indostão. 424, 425, 429, 450, 431, 452, 455, 454.
- ARYAMANES. Vede MITHRA.
- ASA-THOR. Vede THOR.
- ASCANIO. Filho d'Enéas e de Creusa. 379, 382.
- ASCLEPIO. Vede ESCULAPIO.
- ASIA. Uma das cinco partes do mundo. 329, 424, 450, 462, 476, 492.
- ASIA MENOR. Hoje NATOLIA. 324.
- ASSYRIOS (os). Povo da Assyria. Vede BABYLONIOS.
- ASTYANAX. Filho de Heitor e de Andromaca. 551.
- ATHAMAS. Rei de Thebas ; filho de Eolo. 179, 278.
- ATHENA. Sobrenome de Minerva.
- ATHENAGORAS. Philosopho grego. 105.
- ATHENAS. Cidade na Grecia : fundada por Cecrops. 96, 240, 246, 247, 286, 304, 311, 317, 321.

- ATHENIENSES (os). Povo de Athenas, na Attica. 244, 254, 289.
- ATHOR OU HATHOR. Deos dos Egypcios. 411.
- ATLANTE. Vede ATLAS.
- ATLAS OU ATLANTE. Gigante; filho de Jupiter e de Climene. 101, 254.
- ATROPOS. Uma das tres Parcas. 206, 207.
- ATTICA. Provincia da Achaia. 152.
- AUGIAS. Rei da Elida. 265.
- AULIDA. Porto na Beocia. 358, 345.
- AURELIANO. Imperador romano. 471.
- AUSPICIOS (os). Sacerdotes dos falsos deoses. 391.
- AUSTRO. Vento; filho d'Eolo. 186.
- BAAL. Divindade egypcia. 418, 421, 471.
- BABEL. Torre edificada pelos descendentes de Noé, nas margens do Euphrates. 422.
- BABYLONIA. Grande cidade na Asia. 587.
- BABYLONIOS (os). Povo de Babylonia. 417, 420, 421.
- BACCHANAES (as). Festas em honra de Baccho. 141.
- BACCHANTES (as). Sacerdotizas de Baccho. 159, 141, 294, 520.
- BACCHO. Deos do vinho; filho de Jupiter e de Semele. 45, 80, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 140, 141, 151, 162, 245, 589, 592.
- BAGHAVAN. Vede BRAHM.
- BALDER. Deos escandinavo. 460.
- BALL. Gigante entre os Brahmanes. 441.
- BATTO. Famoso pastor. 106.
- BEL. Vede BAAL.
- BELENUS. Nome d'Apollo entre os Gaulezes. 471.
- BELINUNCIA. Vede BELISANA.
- BELISANA. Divindade dos Gaulezes. 471.
- BELLEROPHONTE. Filho de Glauco, rei do Epiro. 256, 257, 258, 259.

- BELLONA. Deo-a da guerra. 100.
- BELUS. Vede NEMROD.
- BEOCIA. Provincia da Grecia. 65, 154, 179, 180, 506, 558.
- BIFORMIS. Nome de BACCHO.
- BONA. Nome da TERRA. 127.
- BOREAS. Vento ; filho d'Eolo. 186.
- BOUDDHA OU SAKIA. Fundador do Bouddhismo. 441, 449, 450, 452.
- BOUDDHISMO (o). Religião na India. 449, 451, 452, 455, 454, 455.
- BOUDDHISTAS (os). Sectarios de Bouddha. 452.
- BRAHM OU BAGHAVAN. Deos supremo dos Hindús. 455, 457, 440.
- BRAHMA. Divindade dos Hindús. 455, 456, 457, 458, 459, 440, 447, 448, 449, 454.
- BRAHMAN. Personagem na religião dos Hindús. 447.
- BRAHMANES (os). Sectarios de Brahma. 454.
- BRAHMANISMO (o). Religião dos Hindús. 455, 448, 451, 452.
- BRAHMAS (os). Sacerdotes de Brahm. 447.
- BRENNO. Chefe gaulez. 152.
- BRETANIA (a). Parte da França. 471.
- BRIAREO OU EGEON. Um dos Titanes. 46, 166.
- BRISEIS. Filha de Brises. 349.
- RUBASTIS. Deosa dos Egypcios. 414.
- BUTO. Deos dos Egypcios. 411.
- BYLLOS Ilha na Phenicia. 411.
- CABOUL (rio). Vede COPHES.
- CADMO. Rei de Thebas. 155, 505, 506, 507, 508, 509, 510.
- CADUCEO (o). Symbolo da paz. 105, 104, 105, 471.
- CALCHAS. Famoso adivinho. 544.
- CALLIOPE. Uma das nove Musas. 87, 184, 294.

- CALLISTO. Nympha de Diana ; filha de Lyacon. 56, 95.
CALYPSO. Deosa ; filha do Oceano e de Tethys. 575.
CAMPOS-ELYSEOS (os). Paraíso dos pagãos. 188, 190, 201, 581.
CAMULUS. Nome de Marte entre os Gaulezes. 471.
CARNITUM. Vede CHARTRES.
CARTHAGO. Grande cidade da Africa. 580, 581.
CASPIO. Mar na Asia. 450.
CASSANDRA. Filha de Priamo. 561.
CASTALIA. Nympha metamorphoseada em fonte. 89.
CASTOR. Semi-deos ; filho de Jupiter e de Leda. 56, 279, 288, 289, 290, 291, 292, 295.
CAUCASO (o). Monte na Asia. 48, 51.
CAVALLO de TROIA (o). Vede TROIA. 557, 558, 559, 560.
CECROPS. Egypcio que edificou Athenas. 96.
CEILÃO. Ilha na India. 455.
CENTAUROS (os). Semi-deoses ; meio-homens, meio-cavallos. 248.
CENTIMANO (o). Vede BRIAREO.
CÉO (o). 25, 69, 126, 127, 128, 165, 222. Vede URANO.
CEPHISO. Rei da Phocida. 154.
CEPION. Proconsul romano. 471.
CERBERO. Cão que guardava os Infernos. 71, 194, 198, 249, 268, 294.
CERES. Deosa da agricultura ; filha de Saturno e de Cybele. 127, 152, 155, 154, 199, 200, 201, 202, 514, 589, 592, 411.
CESAR (Julio). Dictador romano. 462, 471.
CETO. Mulher de Phorco. 100, 176.
CHALDEENSES (os). Povo da Colchida. 418.
CHÁOS (o). Personificação dos elementos confundidos. 41, 126, 127, 211.

- CHARITES (as). Vede as GRAÇAS.
- CHARONTE. Barqueiro dos Infernos; filho do Erebo e da Noite. 193.
- CHARTRES. Cidade da França. 468.
- CHARYBDE. Golfo no estreito de Sicilia. 573.
- CHIMERA (a). Monstro da Lycia. 236, 237.
- CHINA (a). O maior Estado da Asia oriental. 453, 455.
- CHINS (os). Habitantes da China. 455, 456.
- CHIO. Ilha na Grecia. 254.
- CHIRON. Centauro; filho de Saturno e de Philyra. 226.
- CHIVTAS. Sectarios de Mahomet. 476.
- CHLORIS. Vede FLORA.
- CHRYSEIS. Filha de Chryses. 549.
- CHYPRE. Grande ilha no fundo do Mediterraneo. 111, 116.
- CICERO. Celebre orador romano. 366.
- CILICIANOS (os). Povos da antiga Asia Menor. 428.
- CIRCE. Famosa magica. 372, 373, 374, 377.
- CISTOPHORAS. Cestos mysteriosos nas festas de Baccho. 459.
- CIVA. Vede SIVA.
- CIVAISTAS (os). Sectarios de Civa. 446.
- CLIO. Uma das nove Musas. 78, 87, 294.
- CLOTHO. Uma das tres Parcas. 206, 207.
- CLYCIA. Filha do Oceano e de Tethys. 77.
- CLYMENE. Uma das Mineides. 158.
- CLYMENE. Nympha; filha do Oceano e de Tethys. 69.
- CLYTEMNESTRA. Filha de Tyndaro e de Leda. 288, 362, 363, 364.
- COCALO. Rei da Sicilia. 512.
- COCYTO (o). Rio nos Infernos. 189, 191, 192.
- COELO. Vede URANO.
- COLCHOS. Reino da Asia. 278, 279, 289.
- COLOPHON. Cidade de Jonia. 97.

- COLUMNAS D'HERCULES. Erigidas por este heroe. 269.
COMO. Deos que presidia aos festins. 121.
CONFUCIO. Legislador chinez. 455.
CONSTANTINOPLA. Cidade da Turquia. 402.
COPHES OU RIO DE CABOUL. Rio na India. 450.
CORINTHO. Cidade do Peloponeso. 256, 284, 287, 297, 298.
CORONIS. Nympha; mãe de Esculapio. 72, 226.
CORYBANTES OU CURETES (os). Sacerdotes de Cybele. 30, 31, 391.
CREON. Rei de Corintho. 284, 302, 305.
CRETA. Ilha no Mediterraneo. 30, 54, 242, 246, 266, 311, 336.
CREUSA. Vede GLAUCA.
CUMAS. Cidade da Campania. 381.
CUPIDO OU O AMOR. Filho de Marte e de Venus. 111, 112, 115, 119, 384.
CURETES (os). Vede CORYBANTES.
CYBELE OU RHEA. Mãe dos deoses; filha de Urano e de Titea. 17, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 58, 69, 81, 127, 128, 131, 152, 172, 197, 391, 392.
CYCLADAS (as). Illhas no mar Egeo. 231.
CYCLOPES (os). Obreiros de Vulcano. 75, 145, 370.
CYGNO. Irmão de Phaetonte. 69.
CYNIRAS. Rei de Chypre. 111.
CYPARISSO. Filho de Telepho. 79.
CYTHERA. Ilha no Mediterraneo. 116.
CYTHERON. Monte da Beocia. 105, 500.
DAMASTOR. Vede ADAMASTOR.
DANAE. Filha de Acrisio e de Eurydice. 55, 229, 250, 251.
DANAIDES (as). Filhas de Danao. 189.
DAPHNE. Nympha do rio Peneo; filha de Peneo 76.

- DARDANO. Fundador de Troia; filho de Jupiter. 525, 526.
- DEA. Nome da TERRA. 127.
- DEDALO. Celebre artifice d'Athenas. 242, 511, 512.
- DEIDAMIA. Filha de Lycomedes. 541.
- DEIPHOBOS. Filho de Priamo. 361.
- DEIPHON. Filho de Triptolemo. 152.
- DEJANIRA. Filha de Eneo. 270, 271.
- DELOS. Ilha no mar Egeu; uma das Cycladas. 70, 91.
- DELPHOS (templo de). Na Phocida. 85, 152, 506.
- DEOS DO VINHO. Vede BACCHO.
- DEOSA DA TERRA. Nome de CYBELE. 128.
- DEOSA (a boa). Nome de CYBELE. 128.
- DEOSES DO MAR, DOS RIOS E DAS FONTES. Divindades que moravam nas aguas. 165.
- DESTINO (o). Divindade allegorica; filho do Chãos. 35, 41, 42, 201, 500, 541.
- DEUCALION. Rei da Thessalia; filho de Prometheo, 51, 52, 53.
- DEUS IGNOTUS. Deos desconhecido dos antigos. 42, 465.
- DEVATAS (os). Genios bemfazejos entre os Hindús. 457.
- DIANA, PHEBEA, ou a LUA. Deosa da caça; filha de Jupiter e de Latona. 56, 65, 67, 70, 82, 91, 92, 93, 94, 127, 545, 544, 566, 567, 587, 589, 414.
- DICTE. Caverna na ilha de Creta. 50.
- DIDO. Rainha de Carthago; filha de Belo, rei de Tyro. 580.
- DIMACHERI. Gladiador. 400.
- DIMETER. Nome de BACCHO. 140.
- DINAMARCA (a). O menor dos tres Estados Escandinavos. 457.
- DINON. Uma das tres Greas. 176.
- DIOCLECIANO. Imperador romano. 471.
- DIODORO. Historiador grego. 466.

- DIOGENES. Philosopho grego. 467.
 DIOMEDES. Rei da Etolia. 355.
 DIOMEDES. Rei da Thracia. 267.
 DIONE. Nympha; filha do Oceano e de Tethys. 109.
 DIONISIO. Nome de BACCHO. 140.
 DIRCE. Fonte da Beocia. 507.
 DISCORDIA (a). Deosa das desordens. 126, 205, 534.
 DIVINDADES ALLEGORICAS. Divinização das virtudes, dos vícios, etc... 214.
 DIVINDADES DA TERRA. 123, 124, 125. Vede DRYADAS, HAMADRYADAS, SATYROS, OREADES, LARES, PENATES.
 DIVINDADES INFERNAS. Deoses que reinavam nos Infernos. 187, 210.
 DEMOGORGON. Divindade que personificava a natureza. 125, 126, 152.
 DOLICHENIUS. Sobrenome de APOLLO entre os Gaulezes. 471.
 DOLMENS (os). Monumentos druidicos. 466.
 DONA (a). Nome de JUNO.
 DORIS. Deosa marinha; filha do Oceano e de Tethys. 168.
 DOZE TRABALHOS D'HERCULES (os). Façanhas d'este heroe. 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266, 267, 268.
 DRUIDAS (os). Sacerdotes dos Persas e dos Gaulezes. 391, 467, 468, 469, 470.
 DRUIDIZAS (as). Sacerdotizas dos Gaulezes. 469.
 DRYADAS (as). Divindades campestres; filhas do Oceano e de Tethys. 125, 168, 182, 185.
 EACO. Rei dos Myrmidones; depois Juiz nos Infernos. 65, 196.
 ECHIDNA. Montro; meio-mulher, meio-serpente. 194, 500.
 ECHO. Nympha; filha do Ar e da Terra. 155.

- EDDA. Livro sagrado dos Escandinavos. 461.
- ECEO. Mar na Attica. 169, 251, 246.
- ECEO. Rei d'Athenas. 240, 246, 286.
- ECEON. Vede BRIAREO.
- ECEON. Deos do mar ; filho do Ponto e da Terra. 181.
- EGIDE. Monstro ; filho da Terra. 99.
- ÊGIDE. Escudo de Pallas. 98, 99.
- EGIPANS (os). Deoses que habitavam nas florestas, e nas montanhas. 160.
- EGISTO. Filho de Thyestes. 362, 363, 364.
- EGYPCIOS. Povo do Egypto. 45, 215, 408, 409, 410, 411, 415, 417.
- EGYPTO. Vasta região da Africa septentrional. 45, 157, 387, 411, 414, 415, 476.
- ELECTRA. Filha d'Agamemnon. 365, 364, 368.
- ELEUSINAS (as). Mystérios em honra de Ceres. 153.
- ELEUSIS. Paiz na Achaia. 152.
- ELIDA (a) Provincia do Peloponeso. 316.
- ELIS. Cidade na Arcadia. 405.
- ELISA. Vede DIDO.
- ENCELADO. Um dos Titanes. 46.
- ENÉAS. Príncipe troiano ; filho de Anchises e de Venus. 111, 361, 378, 379, 380, 381, 382.
- ENEIDA. Poema epico composto por Virgilio. 87, 378.
- ENNA (prados d'). Na Sicilia. 199.
- ENYS. Uma das tres Greas. 176.
- EOLIAS. Ilhas perto da Sicilia. 185, 370, 371.
- EOLO. Deos dos Ventos. 185, 370, 371.
- Eoo. Um dos cavallos do Sol. 68.
- EPAPHO. Fundador de Memphis ; filho de Jupiter e de Io. 69.
- EPHESO. Cidade d'Ionia na Asia. 94, 387.

- EPIHESO (templo d'). Consagrado a Diana, na Ionia. 94, 587.
 EPIDAURO (serpente d'). Divindade dos Gregos. 492.
 EPIMETHEO. Irmão de Prometheo. 50.
 EPIRO (o). Reino na Grecia. 551, 568.
 ERATO. Uma das nove Musas. 87.
 FREBO (o). Rio nos Infernos; filho do Cháos. 126, 195, 206.
 ERICHTON.' Segundo rei de Troia. 526.
 ERIDANO. Rio da Italia; hoje o Pò. 69.
 ERYX. Monte na Sicilia. 199.
 ESCANDINAVOS. Povos do norte da Europa. 4, 461.
 ESCHYLO. Poeta grego. 205.
 ESCULAPIO. Deos da medicina; filho d'Apollo e de Coronis.
 72, 75, 225, 226, 227, 228.
 ESON. Rei da Thessalia. 277, 285.
 ESPARTA. Capital da antiga Laconia. 536, 561.
 ESTREBARIAS D'AUGIAS (as). Uma das doze facanhas de Hercules. 265.
 ESUS. Primeiro deos dos Gaulcezes. 465, 467, 470, 471.
 ETAS. Rei de Colchos. 280, 282.
 ETERNIDADE (a). Divindade allegorica. 217.
 ETHIOPIA (a). Região da Africa. 254, 276.
 ETHONTE. Um dos cavallos do Sol. 68.
 ETHIRA. Mãe de Theseo. 240.
 ETNA. Monte na Sicilia. 45, 143, 199.
 EUDEMONIA. Vede FELICIDADE.
 EUMENIDES (as). Vede FURIAS.
 EUPHIROSYNA. Uma das tres Graças. 120.
 EURO. Vento; filho d'Eolo. 186.
 EUROPA. Filha de Agenor, rei de Phenicia. 56, 506, 509.
 EUROPA. Uma das 5 partes do mundo. 99.
 EUROTAS. Rio da Laconia. 288.
 EURVALE. Uma das tres Gorgones. 177.

- EURYDICE. Mulher d'Orpheo. 194, 294.
 EURYMANTHO. Floresta na Achaia. 265.
 EURYNOME. Mãe de Leucothoe. 77.
 EURYSTHEO. Rei de Mycenae; irmão de Hercules. 256, 258,
 265, 264, 266, 267, 274.
 EUTERPE. Uma das nove Musas. 87.
 FAUNO. Divindade campestre; filho de Pico. 461.
 FAUNOS (os). Divindades campestres. 159, 160, 589.
 FÉ (a) ou FIDELIDADE. Divindade allegorica. 218.
 FELICIDADE (a) ou EUDEMONIA. Divindade allegorica. 216.
 FETICHISMO (o). Culto dado a entes insensiveis. 409, 487,
 488, 490, 491, 492.
 FIDELIDADE (a). Vede FÉ.
 FILHOS DE NIOBE. Foram mortos por Apollo e Diana. 82.
 FLAMEN. Sommo sacerdote de Jupiter. 591.
 FLORA ou CHLORIS. Deosa das flores. 145.
 FÓ. Fundador d'uma seita religiosa na China. 492.
 FOGO (o). Adorado pelos Hindús. 456.
 FORTUNA (a). Divindade allegorica. 225.
 FRANCEZES (os). Povo da França. 488.
 FRÉ. Vede PHRÉ.
 FREYA. Deosa escandinava. 460.
 FREYR. Deus escandinavo. 460.
 FRIGA. Deosa escandinava. 460.
 FTA. Vede PHTHA.
 FURIAS ou EUMENIDES. Divindades infernaes. 189, 205,
 204, 205, 565, 567.
 GALLIA (a). Região da Europa. 7, 462, 466, 471.
 GANGES (o). Rio na India. 7.
 GANYMEDES. Filho de Tros. 56.
 GAULEZES (os). Povo das Gallias. 152, 591, 462, 463, 464,
 465, 466, 470, 471.

- GENIOS (os). Divindades tutelares ou malfazejas. 156.
- GERON. Filho da serpente Python. 71.
- GERYON. Rei de Erythia. 268.
- GEVAUDAN (o). Parte da França. 471.
- GIGANTES (os). Vede TITANES.
- GLAUCA OU CREUSA. Mulher de Jason. 284, 285.
- GLAUCO. Deos marinho. 180, 374.
- GLAUCO. Rei do Epiro. 236.
- GNIDO. Promontorio da Caria. 116.
- GORDIO. Rei de Phrygia. 80.
- GODOS (os). Grande nação germanica. 457.
- GORGONE (a). Filha da serpente Python. 71.
- GORGONES (as). Filhas de Phorco; guardavam o jardim das Hesperides. 176, 177, 232.
- GRAÇAS (as) OU CHARITES. Filhas de Jupiter e de Venus ou de Eurynome. 113, 120.
- GREAS (as). Monstros marinhos; filhas de Phorco e de Ceto. 176.
- GRECIA (a). Parte da Europa. 1, 96, 270, 302, 336, 353, 387, 467.
- GREGOS (os). Povo da Grecia. 1, 4, 58, 64, 102, 331, 337, 339, 341, 342, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 354, 355, 356, 357, 359, 360, 385, 411, 414, 421, 427, 471, 490.
- HAMADRYADAS. Nymphas dos bosques; filhas de Oceano e de Tethys. 123, 168, 182, 183.
- HARPOCRATES. Divindade egypcia. 414.
- HATHOR. Vede ATHOR.
- HEBE OU JUVENTA. Deosa da juventude. 56, 59, 60, 272.
- HEBREUS (os). Hoje os Judéos. 471.
- HECATE. Filha de Jupiter e de Latona. 92, 190.
- HECUBA. Filha de Dymas. 330, 352, 361, 369.

- HEGIRA. Éra dos Mahometanos. 473.
- HEITOR. Filho de Priamo. 530, 551, 555, 547, 549, 550, 561.
- HELEMON. Nome d'Apollo entre os Gaulezes. 471.
- HELENA. Filha de Jupiter e de Leda. 56, 249, 288, 289, 556, 557, 550, 561, 568.
- HELENO. Filho de Priamo. 550, 551.
- HELIADAS (as). Filhas do Sol e de Clymene. 69.
- HELICON. Monte da Beocia. 89.
- HELLANODICES (os). Juizes nos jogos. 401.
- HELLENAS (os). Antigo nome dos Gregos. 429.
- HELLESPONTO (o). Estreito entre a Propontida e o mar Egeo. 524.
- HEPOTO. Pai d'Eolo. 185.
- HERA. Nome de JUNO.
- HERCULES OU ALCIDES. Semi-deos; filho de Jupiter e d'Alcmena. 45, 56, 60, 75, 194, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 265, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272. 273, 274, 279, 527, 554, 555, 584, 411, 471.
- HERMES. Vede THOTH.
- HERMIONE. Filha de Marte e de Venus. 509, 510.
- HERMIONE. Filha de Meneláo e d'Helena. 568.
- HERODOTO. Historiador greco. 425.
- HEROES (os). Vede SEMI-DEOSES.
- HESIONE. Filha de Laomedonte. 75, 527, 536.
- HESPAÑHA. Parte da Europa. 476.
- HESPAÑHOES (os). Povo da Hespanha. 482, 483, 486.
- HESPERIDES (jardim das). Pertencia ás filhas d'Hesperio. 176, 177, 254, 268.
- HINDÚS (os). Povos da India. 429, 455, 441, 452.

HIPPOCRENE. Fonte em pequena distancia do monte Helicon. 89, 90, 252.

HIPPODAMIA. Filha de Enomáo. 248, 516.

HIPPOLYTO. Filho de Theseo. 227, 251, 252, 255.

HODER. Deos escandinavo. 460.

HOMERO. Poeta grego. 181, 276, 374.

HORAS (as). Deosas; filhas de Jupiter et de Themis. 110, 137.

HORUS. Deos dos Egepcios. 414.

HYACINTHO. Filho de Piéro e de Clio. 78.

HYADAS (as). Nymphas. 157.

HYDRA DE LERNA (a). Serpente da lagoa de Lerna. 71, 261.

HYMENEO (o). Deos invocado nos casamentos; filho de Baccho e de Venus. 112, 117, 118.

HYPERION. Titane; filho d'Urano e de Titea. 24, 66.

IARBAS. Rei de Mauritania. 580.

ICARO. Filho de Dedalo. 511.

IDA. Nympa que criou a Jupiter. 50.

IDA. Monte na Phrygia. 552, 580.

IDAS. Um dos Argonautas. 291.

IDEA. Nome de CYBELE.

IDMON. Adivinho; filho d'Apollo e de Asteria. 97.

IDOLOZ (os). Imagens de falsas divindades. 583, 584, 585, 586.

ILAIPE. Filha de Leucippo. 291.

ILIADA (a). Poema epico composto por Homero. 87.

ILIO. Antigo nome de Troia. 526.

ILLINOIS (o). Parte da America do Norte. 492.

ILLYRIA (a). Hoje Esclavonia, Dalmacia, Croacia, e Bosnia. 510.

ILO. Quarto rei de Troia. 526.

IMBUS. Rio na Asia. 430.

INCAS (os). Sacerdotes do Perú. 478, 482.

INCUBO. Nome de Pan.

INDIA (a). Grande península no Sul da Asia. 157, 453, 446, 451, 452, 453, 462, 476.

INDIOS. Povos da India. 451.

INDO (o). Rio na Asia. 7, 450.

INDO-CHINA (a). Vasta região na India. 453.

INDOSTÃO (o). Grande região na Asia meridional. 450, 455.

INDRA OU SAMA. Deos dos Aryas. 431, 453.

INFERNOS (os). Lugares subterraneos. 64, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 194, 199, 202, 204, 244, 268, 372.

INGLEZES (os). Povo da Inglaterra. 488.

INO OU MATUTA. Filha de Cadmo. 137, 179, 278.

IO. Filha de Inaco e de Ismene. 69.

IOBATES. Rei de Lycia. 236, 257, 259.

IOLÁO. Filho d'Iphiclo. 60, 261.

IPHICLO. Filho d'Amphitryão. 261.

IPHIGENIA. Filha d'Agamemnon. 544, 566, 567.

IRANIENSES (os). Vede PERSAS.

IRIS OU ARCO-IRIS. Mensageira de Juno. 64.

IRIS. Uma das Mineides. 158.

ISAAC. Patriarcha hebreu. 471.

ISCHYS. Amante de Coronis, 72, 226.

ISIS. Deos dos Egypcios. 410, 411, 412, 413, 414, 427.

ISLAM. Palavra arabe d'onde vem Islamismo. 472.

ISLAMISMO (o). Religião de Mahomet. 7, 428, 472, 473, 476.

ISLANDIA. Parte da Dinamarca. 457.

ISRAELITAS (os). Povos da Judéa. 588.

ITALIA (a). Grande península da Europa. 54, 55, 161, 185, 381.

ITHACA. Pequena ilha no Mediterraneo. 559, 575.

- ITHYS. Filho de Teréo e de Progne. 518, 521.
- IXION. Rei dos Lapithas. 189.
- JACOB. Patriarcha hebreu. 585.
- JANO. Rei da Italia; filho d'Apollo e da nympha Creusa.
54, 55, 56, 57.
- JAPÃO (o). Imperio na extremidade oriental da Asia. 455,
492. ,
- JAPHETO. Titane; filho d'Urano e de Titea. 24.
- JAPONEZES (os). Povo do Japão. 455, 456.
- JASION. Filho de Jupiter e de Electra. 202.
- JASON. Rei da Thessalia; filho d'Eson. 277, 279, 280,
282, 285, 284, 285, 287, 289.
- JERUSALEM. Capital da Judéa. 475.
- JOCASTA. Rainha de Thebas. 295, 296, 302, 305, 304.
- JOGOS DOS ANTIGOS. Celebrados em honra dos deoses. 595.
- JOGOS OLYMPICOS. Celebrados em honra de Jupiter. 402, 405.
- JORGUR. Serpente fabulosa nos Escandinavos. 461.
- JOVIS. Sobrenome de Jupiter.
- JUIADA. Região da Africa 492.
- JUNO. HERA, LUCINA. Rainha dos deoses; filha de Saturno
e de Rhea. 29, 58, 59, 61, 62, 65, 64, 70, 107, 114,
156, 142, 151, 153, 189, 256, 257, 275, 500, 509,
554, 589, 411.
- JUPITER. Rei dos deoses; filho de Saturno e de Rhea. 29,
50, 51, 52, 55, 59, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 50,
51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 63, 65, 66, 69,
70, 75, 74, 85, 91, 93, 95, 101, 102, 105, 106, 109,
110, 111, 114, 115, 120, 122, 132, 155, 156, 157,
142, 145, 155, 166, 172, 185, 192, 195, 196, 197,
200, 201, 227, 229, 249, 255, 256, 257, 288, 292,
506, 509, 514, 522, 525, 554, 546, 589, 591, 411,
471.

- JUSTIÇA (a). Divindade allegorica; filha de Jupiter e de Astria. 208, 222.
- JUVENTA (a). Vede HEBE.
- KADICHA. Mulher de Mahomet. 473.
- KAMEFIS (os). Guardiões do Egypto. 411.
- KNEF. Deos dos Egypticos. 411.
- LABÃO. Hebreu; pai de Raquel. 585.
- LABYRINTHO (o). Recinto cheio de bosques e edificios. 245, 245, 511.
- LACEDEMONIA. Capital da antiga Laconia, no Peloponeso. 56.
- LACHESIS. Uma das tres Parcas. 206, 207.
- LACONIA. Paiz na antiga Grecia. 288.
- LADON. Rio da Arcadia. 152.
- LAIO. Rei de Thebas. 295, 296, 302, 304.
- LAMPSACO. Cidade da Troada. 151.
- LAMPSCENO. Sobrenome de Priapo. 151.
- LAOCOON. Sacerdote de Neptuno. 558, 559.
- LAOMEDONTE. Quinto rei de Troia. 75, 172, 526, 527, 528.
- LÁO-TSEU. Philosopho chinez. 455.
- LAPITHAS (os). Povo de Thessalia. 247.
- LAPONIA (a). Parte da Russia d'Europa. 492.
- LARES (os). Deoses domesticos. 125, 156, 157, 158, 209.
- LARVAS (os). Genios malfazejos. 158.
- LATINO. Rei de Laurente. 581, 582.
- LATINOS (os). Povo do Latium. 152.
- LATONA. Mãe de Apollo e de Diana. 65, 66, 70, 82, 91.
- LAVINIA. Filha de Latino. 582.
- LAVINIA. Cidade no Lacio; edificada por Enéas. 582.
- LEÃO DE NEMEA (o). Fera que assolava a floresta de Nemea. 259, 275, 274.
- LEARCO. Filho d'Athamas. 179.

- LEDA. Mulher de Tyndaro. 56, 288.
- LEMNOS. Ilha no mar Egeo. 145, 355.
- LEMURES (os). Phantasmas nocturnos e malfazejos. 158.
- LERNA. Lagoa no territorio d'Argos. 261, 262.
- LESBOS. Ilha no Archipelago. 116.
- LESTRICÕES (os). Antropophagos. 372.
- LETHES (ϙ). Rio nos Infernos. 191, 192.
- LEUCIPPO. Caçador de Calydon. 291.
- LEUCOTHOE. Nympha; filha de Orchamo e de Euryuome. 77.
- LIBER. Nome de BACCHO.
- LIBYA (a). Grande região da Africa. 99, 270, 274.
- LIMNIADES (as). Nymphas dos lagos e dos paús. 185.
- LUA. Vede DIANA.
- LUA (a). Deosa dos Peruvianos. 471, 478.
- LUCINA. Vede JUNO.
- LUPERCAES (as). Festas em honra de Pan. 522.
- LYEO. Nome de Baccho. 140.
- LYCAON. Rei de Parrhasia; filho de Titan e da Terra. 56, 522.
- LYCAONIA. Antiga região da Asia Menor. 522.
- LYCIA (a). Provincia da Asia Menor. 256, 257.
- LYCOMEDES. Rei de Sciros. 541.
- LYNCEO. Um dos Argonautas. 291.
- LYPARO. Ilha onde Vulcano tinha forjas. 145.
- MAFOMA. Vede MAHOMET.
- MAGOS. (os). Sacerdotes dos Persas. 427, 467, 468.
- MAHOMET ou MAFOMA. Propagador do Islamismo. 7, 472, 473, 474, 475, 476.
- MAHOMETANOS (os). Sectarios de Mahomet. 475.
- MAIA. Uma das Pleiades; filha de Atlas e de Pleione. 101, 105.
- MANCO-CAPAC. Deos dos Peruvianos. 478.

- MANDÚ. Vede MENDES.
- MANES (deoses). Divindades infernaes. 209.
- MARSELHA. Cidade da França. 471.
- MARSYAS. Satyro de Phrygia. 81.
- MARTE. Deos da guerra; filho de Juno. 59, 100, 107, 108, 111, 119, 142, 260, 278, 281, 509, 584, 471.
- MASTRUCA. Vestuario nas ceremonias religiosas dos Gaulizes. 471.
- MATUTA. Vede Ixo.
- MAURITANIA (a). Região da Africa; hoje Argel, e Marrocos, 254, 580.
- MAZDEANA (religião) ou MAZDEISMO. Religião dos Persas. 425, 428.
- MECCA (a). Cidade da Arabia; patria de Mahomet. 473, 474.
- MEDEA. Celebre magica. 240, 282, 285, 284, 285, 286.
- MEDINA. Cidade da Arabia. 475.
- MEDITERRANEO (o). Um dos tres mares grandes da Europa. 269.
- MEDO. Filho d'Egeo e de Medea. 286.
- MEDUSA. Uma das tres Gorgones. 90, 99, 177, 252, 254, 255.
- MEGALOPOLIS Antiga cidade da Grecia. 471.
- MEGANIRA. Mulher de Triptolemo. 152.
- MEGARA. Filha de Creon. 270.
- MEGERA. Uma das tres Furias. 205.
- MELICERTA. Vede PORTUMNO.
- MELISSAS (as). Vede ADRASTE e IDA.
- MELPOMENE. Uma das nove Musas. 87.
- MEMPHIS. Hoje cidade do Cairo no Egypto. 411.
- MENALIPPE. Rainha das Amazonas. 268.
- MENDES ou MANDÚ. Deos dos Egypcios. 411.

- MENEÃO. Rei de Lacedemonia; marido d'Helena. 56, 556, 557, 545, 561, 568.
- MERCURIO. Deos da eloquencia, do commercio, e dos iadões; filho de Jupiter e de Maia. 61, 64, 75, 101, 102, 105, 104, 105, 106, 255, 572, 411, 471.
- MERÜ. Monte na Asia. 441.
- MEXICANOS (os). Povo do Mexico. 7, 485.
- MEXICO (o). Parte da America septentrional. 485, 486.
- MIDAS. Rei da Phrygia; filho de Gordio. 80, 81.
- MINÉIDES (as). Filhas de Minéo. 158.
- MINÉO. Thebano. 158.
- MINERVA OU PALLAS. Deosa da sabedoria, da guerra e das artes; filha de Jupiter. 95, 96, 97, 98, 99, 100, 199, 255, 257, 260, 507, 554, 554, 559, 584, 592, 411, 471.
- MINOS. Juiz dos Infernos, filho de Jupiter e de Europa. 56, 196.
- MINOS IIº. Rei da Creta; filho de Jupiter e de Ida. 242, 244, 245, 511, 512.
- MINOTAURO (o). Monstro que guardava o Labyrintho. 242, 244, 245, 246.
- MITRA. Deos dos Persas. 425, 426, 427, 428, 471.
- MNEMOSYNE. Deos da memoria; mãe das nove Musas. 56, 85.
- MOISÉS. Legislador dos Judéos. 455, 474.
- MOMO. Deos da zombaria; filho do Somno e da Noite. 122.
- MORTE (a). Divindade, filha do Somno e da Noite. 210, 212, 215.
- MUSAS (as). Deosas das artes e das sciencias; filhas de Jupiter e de Mnemosyne. 56, 85, 86, 87, 88, 89.
- MUSULMANOS (os). Partidarios de Mahomet. 475.
- MYCENAS. Cidade a seis leguas d'Argos. 255, 258, 265, 562, 564.

- MYLITTA OU VENUS. Deosa egypcia. 418.
- MYRMIDONES (os). Povo da Beocia. 65.
- MYRRHA. Mãe de Adonis. 111.
- MYTHOLOGIA. Do grego *mythos*, fabula, e *logos* discurso. 1.
- MYTHOLOGIA ESCANDINAVA. Religião de varios povos do norte da Europa. 457, 460.
- NAIADES (as). Divindades que presidiam aos rios e ás fontes; filhas de Jupiter. 159, 185.
- NAPEAS (as). Nymphas campestras; filhas do Oceano e de Tethys. 168, 182, 183.
- NARCISO. Joven da Beocia; filho de Cephiso. 155, 154.
- NAUMACHIAS (as). Combates navaes simulados. 404.
- NAXOS. Ilha no mar Egeo. 245.
- NECESSIDADE (a). Divindade allegorica; filha da Fortuna. 41.
- NEITH. Deosa dos Egypcios. 411, 416.
- NEMEA (floresta de). Na Elida. 259.
- NEMESIS. Deosa da vingança; filha de Jupiter e da Justiça. 208.
- NEMROD OU BELUS. Rei dos Assyrios. 421.
- NEOPTOLEMO. Vede PYRRIHO.
- NEPHTHYS. Deosa dos Egypcios. 414.
- NEPTUNO. Deos do Mar; filho de Saturno e de Rhea. 29, 50, 40, 70, 75, 96, 165, 170, 172, 173, 174, 175, 181, 197, 252, 290, 526, 545, 558, 570.
- NEREIDES (as). Nymphas do mar; filhas de Nereo e de Doris. 168, 169, 170, 185, 254.
- NEREO. Deos marinho; filho do Oceano e de Tethys. 168, 169.
- NESSO. Centauro; filho d'Ixion. 271.
- NILO (o). Rio no Egypto. 408, 409, 411, 412, 415.
- NIOBE. Filha de Tantalos, e mulher de Amphion. 82, 515.

- NIRITTI. Divindade indiatica. 452.
 NIRVÂNA. Fim supremo do Bouddhismo. 452.
 NISA. Monte onde foi criado Baccho. 140.
 NITRA. Divindade indiatica. 432.
 NOÉ. Patriarcha. 11, 12.
 NOITE (a). Deosa das trevas; filha do Chãos e da Terra.
 41, 122, 125, 195, 205, 206, 210, 211, 212, 215.
 NORNE. Sobrenome de Friga. 460.
 NORUEGA (a). Um dos tres Estados escandinavos. 457.
 NYMPHAS (as). Deosas; filhas do Oceano e de Tethys. 157,
 182, 185, 255.
 OANNÈS. Divindade egypcia. 418.
 OCEANIA (a). Uma das cinco partes do mundo. 492.
 OCEANO. Filho d'Urano e de Titea. 24, 67, 77, 165, 165,
 166, 167, 168.
 OCEANO (o). Um dos tres mares grandes da Europa. 269,
 459.
 ODIN. O maior dos deoses escandinavos. 460, 461.
 ODYSSEA. (a). Poema epico composto por Homero. 87.
 OEGRIO. Rei da Thracia. 294.
 OEDIPO. Rei de Thebas; filho de Laio e de Jocasta. 295,
 296, 297, 298, 299, 302, 305, 304.
 OENOMÁO. Rei da Elida. 516.
 OETA. Monte na Thessalia. 271.
 OGMIAS. Nome celtico de Mercurio. 471.
 OGYGES. Fundador de muitas cidades na Grécia; filho de
 Neptuno e de Alitra. 224.
 OGYCIA. Ilha no mar Ionico. 575, 575.
 OLYMPIADAS (as). Espaços de quatro annos. 224.
 OLYMPO (o). Monte na Thessalia; residencia imaginada dos
 deoses pagãos. 64, 201, 455.
 OMPHALE. Rainha da Lybia. 270.

- OPS. Nome da TERRA. 127, 128.
- ORCHAMO. Rei de Babylonia. 77.
- OREADES (as). Nymphas dos montes. 125, 182, 185.
- ORESTES. Filho d'Agamemnon. 565, 564, 565, 566, 567, 568.
- ORGAMAN. Divindade dos Persas. 426.
- ORGIAS (as). Festas em honra de Baccho. 159, 141.
- ORMAZE e ORMUZD. Vede ANOURA-MAZDA.
- ORPHEO. Celebre musico; filho d'Apollo e de Clío. 194, 294.
- OSIRIS. Filho de Jupiter e de Niobe. 141.
- OSIRIS ou o SOL. Deos dos Egyptios. 414, 412, 415, 414, 415.
- OSSIAN. Bardo escossez. 461.
- OTTOMANO (Imperio). Turquia. 476.
- OVIDIO. Poeta latino. 574.
- PACHACAMAC. Deos dos Peruvianos. 478, 479.
- PACTOLO (o). Rio da Lydia. 80.
- PALAMEDES. Filho de Nauplio; rei da ilha de Eubéa. 540.
- PALEMON. Vede PORTUNO.
- PALLADIO (o). Estatua de Minerva. 354, 355, 359.
- PALLAS. Vede MINERVA.
- PALLAS. Gigante; pai da Aurora. 215.
- PAMAVAMA. Sobrenome de Indra. 455.
- PAN ou INCUBO. Deos dos campos; filho de Dæmogorgon. 80, 126, 141, 152, 411.
- PANCRACIO (o). Lucta, nos jogos dos antigos. 395, 406.
- PANDION. Rei de Athenas. 517.
- PANDORA. Estatua animada pelos deoses. 49, 50.
- PANS (os). Deoses que habitavam nas florestas e nas montanhas. 160.
- PANTANOS DE LERNA. Na Achaia. 262, 262.
- PANTATHLO (o). Jogos dos antigos. 395, 406.

- PANTHEAS (as). Symbolos de muitas divindades. 159.
- PAPHOS. Cidade da ilha de Chypre. 116.
- PARCAS (as). Divindades infernaes; filhas do Erebo e da Noite. 51, 126, 206, 207.
- PARCA SUPREMA. Nome de FRIGA.
- PARIS. Filho de Priamo. 530, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 361.
- PARNASO. Monte da Phocida. 52, 89.
- PASIPHAE. Filha do Sol. 266, 511.
- PATALAS (os). Regiões infernaes nos Hindús. 457.
- PATROCLO. Filho de Menécio. 549.
- PAVIA. Cidade da Italia. 471.
- PAZ (a). Divindade allegorica. 219.
- PECHINIENSES (os). Vede PYCNEOS.
- PEGASO. Cavallo com azas. 90, 252, 257.
- PELÉO. Filho d'Eaco. 554, 559.
- PELIAS. Rei de Thessalia; filho de Neptuno. 277, 285.
- PELOPONESO (o). Reino da Grecia. 516.
- PELOPS. Filho de Tantaló. 189, 515, 514, 515, 516.
- PELUSA. Antiga cidade do Egypto. 185.
- PENATES (os). Deoses domesticos. 125, 156, 159.
- PENDJAB. Parte meridional no Indostão. 450.
- PENELOPE. Filha de Icaro. 540, 575, 576.
- PENEO. Rei da Thessalia. 76.
- PENIN. Vede PENINUS.
- PENINUS OU PENIX. Nome d'Apollo entre os Gaulezes. 471.
- PEPHREDO. Uma das tres Greas. 176.
- PERGAMO. Fortaleza em Troia. 529.
- PERITHOO. Rei dos Lapithas. 247, 248, 249, 250.
- PERMESSO. Rio perto do monte Helicon. 89.
- PERSAS (os). Povo da Persia. 585, 591, 417, 424, 425, 426, 427, 428, 462, 471.

- PERSEO. Filho de Jupiter e de Danae. 55, 90, 177, 229, 230, 251, 252, 253, 254, 255, 596, 411.
- PERSIA. Grande região da Asia. 428, 476.
- PERÚ (o). Parte da America do Sul. 477.
- PERUVIANOS (os). Povo do Perú. 7, 477, 482, 485.
- PHAETONTE. Filho do Sol e de Clymene. 69.
- PHALLAPHOROS (os). Da comitiva de Baccho. 159.
- PHEBE OU a LUA. Vede DIANA.
- PHEDRA. Filha de Minos e de Pasiphae. 251, 252.
- PHENICIA. Paiz nas costas da Syria. 505.
- PHENICIOS. Povo da Phénicia. 56.
- PHILOCTETES. Companheiro de Hercules. 271. 555.
- PHILOMELA. Filha de Pandion, rei d'Athenas. 517, 519, 520, 521.
- PHILONOE. Filha d'Iobates. 257.
- PHINEO. Rei da Thracia. 255.
- PHILEGETONTE. Rio nos Infernos. 489, 491, 492.
- PHILEGON. Um dos cavallos do Sol. 68.
- PHLÉGIAS. Rei dos Lapithas; filho de Marte. 72, 226.
- PHOCIDA (a). Região na Grecia. 88, 298, 565.
- PHOEBE. Filha de Leucippo. 291.
- PHORCO OU PHORCYS. Deos marinho; filho do Porto e da Terra. 100, 176, 177.
- PHORCYS. Vede PHORCO.
- PHRÉ OU FRÉ. Deos dos Egyptios. 411.
- PHRYGIA. Região da Asia Menor. 80, 513, 524.
- PHRYXO. Filho d'Athamas. 278.
- PITHA OU FTA. Deos dos Egyptios. 411.
- PICO. Rei da Italia. 161.
- PIERIO. Monte da Thessalia. 89.
- PIÉRO. Rei de Emathia. 78.
- PINDO. Monte na Thessalia. 89.

- PISA. Cidade na Elida. 402.
- PLEIADES (as). Filhas de Pleione e d'Atlas; metamorphosadas em estrellas. 101.
- PLEIONE. Mulher de Atlas. 101.
- PLINIO. Historiador romano. 462.
- PLUTO. Deos das riquezas; filho de Ceres e de Jasion. 202.
- PLUTÃO. Rei dos Infernos; filho de Saturno e de Rhea. 29, 30, 40, 152, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 255, 249, 250, 294, 425, 471.
- PLUTARCO. Moralista grego. 428.
- PÔ. Rio da Italia. 471.
- POLITES. Filho de Priamo. 561.
- POLLUX. Semi-deos; filho de Jupiter e de Leda. 56, 279, 288, 289, 290, 291, 292, 295.
- POLYBO. Rei de Corintho. 297, 298.
- POLYDECTES. Rei de Seriphos. 251, 252.
- POLYDORO. Filho d'Hecuba. 569.
- POLYMESTOR. Rei da Thracia. 569.
- POLYMNIA. Uma das nove Musas. 87.
- POLYPHEMO. Cyclope. 570.
- POLYXENA. Filha de Priamo. 550, 561, 569.
- POMONA. Deosa dos fructos e dos jardins. 146, 147, 150.
- PONTO (o). Filho de Neptuno. 176, 181.
- PORTUGUEZES (os). Antigamente os Lusitanos. 488.
- PORTUMNO OU MELICERTA. Deos marinho. 179.
- PRETO. Rei de Argos. 256.
- PRIAMO. 6º rei de Troia. 527, 528, 529, 550, 551, 552, 554, 555, 556, 545, 549, 550, 561, 569.
- PRIAPO. Deos dos jardins; filho de Baccho e de Venus. 112, 151.
- PROCUSTO. Gigante; famoso ladrão. 241.

- PROGNE. Filha de Pandion, rei de Athenas. 517, 518, 519, 520, 521.
 PROMETHEO. Um dos Titanes. 47, 48, 49, 50, 51, 71.
 PRONUBA. Vede JUNO.
 PROSERPINA. Filha de Jupiter e de Ceres. 92, 115, 127, 152, 189, 199, 200, 201, 249.
 PROTEO. Filho de Oceano e de Tethys. 168, 174.
 PROTESILÃO. Príncipe da Thessalia. 347.
 PROVIDENCIA (a). Divindade allegorica. 221.
 PUDICIA (a). Divindade allegorica. 220.
 PYGAS. Rainha dos Pygmeos. 275.
 PYGMEOS (os). Povos da Libya. 274, 276.
 PYLADES. Filho de Strophio. 365, 366, 367, 368.
 PYRAMO. Mancebo assyrio. 525.
 PYRENEO. Rei da Phocida. 88.
 PYROIS. Um dos cavallos do Sol. 68.
 PYRRHA. Mulher de Deucalion. 52, 53.
 PYRRHO OU NEPTOLEMO. Filho d'Achilles. 351, 341, 352, 361, 368.
 PYTHAGORAS. Philosopho grego. 427.
 PYTHICOS (jogos). Instituidos em honra d'Apollo. 71.
 PYTHON (serpente). Filha da Terra. 70, 71, 126.
 PYTHONISSA (a). Sacerdotiza de Apollo. 71.
 RAINHA (a). Nome de JUNO.
 RAMADAN. Especie de quaresma entre os Turcos. 474.
 RAQUEL. Filha de Labão. 585.
 RHADAMANTO. Juiz dos Infernos; filho de Jupiter e de Europa. 56, 189, 196.
 RHEA. Vede CYBELE.
 RHESO. Rei da Thracia. 354, 355.
 RIG-VEDA. Collecção dos cantos sagrados dos Aryas. 435.
 RIO DE CABOUL. Vede COPHES.

- ROMA. Antiga capital do universo. 35, 129, 216, 325, 402, 471.
- ROMANOS (os). Povos pertencentes a Roma. 1, 4, 58, 217, 382, 385, 462, 463, 471, 490, 492.
- RONDRA. Divindade indiatica. 452.
- RUTULOS (os). Povos da Italia. 382.
- SAMA. Vede INDRA.
- SAMA-VEDA. Livro sagrado dos Aryas. 455.
- SAKIA. Vede BOUDDHA.
- SARON. Deos dos marujos. 178.
- SATURNAES. Festas em hora de Saturno. 592.
- SATURNO. Filho d'Urano e de Titea. 24, 25, 26, 27, 28, 29, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 58, 109, 128, 152, 172, 195, 197, 205, 471.
- SATYROS (os). Deoses que habitavam os montes e os bosques. 125, 159, 160, 161, 162.
- SAVITRI. Divindade indiatica. 452.
- SCALDES (os). Bardos escandinavos. 461.
- SCIPIÃO NASICA. Consul remano. 17.
- SCIRO. Ilha no Archipelago. 341.
- SCYLLA. Corrente sobre as costas da Calabria meridional. 373, 574.
- SCYMON. Cognomimo de Marte entre os Gaulezes. 471.
- SCYRÃO. Gigante; famoso ladrão. 241.
- SEMELE. Filha de Cadmo e de Thebe. 155, 156.
- SEMI-DEOSES OU HEROES. (os). Personagens illustres divinizados. 14, 22, 224, 225, 421.
- SENECA. Escriptor latino. 17.
- SENHORA (a). Nome de JUNO.
- SERAPIS. Divindade egypcia. 67, 414.
- SEREIAS (as). Monstros marinhos; filhas do rio Acheloo e da musa Calliope. 184, 199, 575.

- SERIPHOS. Uma das ilhas Cycladas. 231.
- SEVERO. (Alexandre). Imperador romano. 471.
- SCYOMON. Cognonymo de Marte entre os Gaulezes. 471.
- SHIVA. Vede SIVA.
- SIBERIA (a). Parte da Russia asiatica. 492.
- SIBYLLA de CUMES (a). Donzella que predizia o futuro. 581.
- SICHARBAS. Vede SICHÉO.
- SICHÉO OU SICHARBAS. Sacerdote de Hercules. 580.
- SICILIA (a). Ilha no Mediterraneo. 185, 199, 312, 581.
- SIDDHÁRTHA OU SAKIA. Vede BOUDDHA.
- SILENO. Satyro; companheiro de Baccho. 141, 162.
- SILENOS (os). Satyros velhos. 139, 160, 162.
- SINON. Soldado grego. 559, 560.
- SINTO. Religião particular aos Japonezes. 455.
- SISYPHO. Filho de Eolo. 189.
- SIVA, SHIVA OU CIVA. Deos dos Brahmanes. 455, 456, 440, 444, 445, 446, 448.
- SOL (o). APOLLO OU PHÆBO. Filho de Hyperion e de Thyia. 65, 66, 67, 68, 69, 125, 141, 575, 408, 411, 412, 418, 419, 421, 427, 471, 477, 478, 482, 483.
- SOLYMOS (os). Povo da Asia Menor. 258.
- SOMNO (o). Divindade infernal; filho da Noite. 122, 212, 215.
- SPHINX (o). Monstro que ficava no monte Cytheron. 71, 299, 500, 501, 502.
- SPHINX (o). Estatua colossal no Egypto. 416.
- STHENYO. Uma das tres Gorgones. 177.
- STROPHO. Rei da Phocida. 565.
- STYMPHALO. Lago na Arcadia. 260.
- STYX (o). Rio nos Infernos. 69, 191, 192, 215, 541.
- SUECIA (a). Um dos tres Estados escandinavos. 457.
- SUMMITAS (os). Sectarios de Mahomet. 476.
- SURIA. Divindade indiatica. 452.

- SYRINX. Nympha da Arcadia. 152.
- TACITO. Historiador latino. 471.
- TANTALO. Filho de Jupiter e da nympha Plote. 82, 189, 315, 314, 315.
- TÁO-SE. Doutrina religiosa dos Chins. 455.
- TARONIS. Vede Tou.
- TARTARO (o). Lugar nos Infernos. 125, 188, 189, 192.
- TAURIDE (a). Chersoneso Taurico. 566.
- TELAMON. Filho de Eaco; um dos Argonautas. 75.
- TELEGONO. Gigante; filho de Proteo. 171.
- TELOGONO. Filho d'Ulysses e de Circe. 572, 577.
- TELEMACO. Filho d'Ulysses e de Penelope. 540, 576, 577.
- TENEDOS. Ilha no mar Egeo. 557.
- TERÉO. Rio da Thracia. 518, 519, 520, 521.
- TERMINALIA. Festa em honra do deos Termo. 155.
- TERMO (deos). Presidia aos limites dos campos. 29, 155.
- TERPSICHORE. Uma das nove Musas. 87.
- TERRA (a) ou TITEA. 25, 69, 125, 126, 127, 128, 155, 165, 176, 181, 222, 456.
- TERROR PANICO (o). Medo que Pan causou aos Gaulezes. 152.
- TETHYS. Filha do Céu e da Terra. 77, 166, 168.
- TEUTATHÈS. Nome de Mercurio entre os Gaulezes. 471.
- TIALIA. Uma das nove Musas. 87.
- THALIA. Uma das tres Graças. 120.
- THEBANOS (os). Habitantes de Thebas. 500, 504.
- THEBAS. Capital da Beocia. 82, 179, 255, 278, 295, 299, 502, 508, 510.
- THEMIS. Filha d'Urano e de Titea. 24, 52, 55, 222.
- THEODEBERT Iº. Rei franco de Austrasia. 471.
- THESEO. Heroe; filho de Egeo e de Ethra. 189, 227, 240, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 268, 279, 289.

- THESPIA. Cidade da Beocia. 154.
 THESSALIA (a). Região da antiga Grecia. 35, 44, 75, 277, 285, 547.
 THETIS. Filha de Nereo e de Doris. 51, 554, 559, 541, 549.
 TYNDARO. Rei de Laconia. 288.
 THISBE. Amante de Pyramo. 525.
 THOANTE. Rei da Tauride. 566, 567.
 THOR OU ASA-THOR. Deos escandinavo. 460, 461.
 THOT OU HERMES. Deos dos Egyptios. 411.
 THRACIA (a). Parte da Europa. 75, 294, 518, 554, 569, 570.
 THYESTES. Filho de Pelops. 562.
 THYA. Filha de Deucalion. 66.
 TIBERIO. Imperador romano. 471.
 TIBRE (o). Rio da Italia. 581.
 TIBULLO. Poeta latino. 190.
 TIRESIAS. Adivinho nos Infernos. 372, 377.
 TISIPHONE. Uma das tres Furias. 189, 205.
 TITAN. Filho d'Urano e de Titea. 24, 27, 51, 52.
 TITANES OU GIGANTES (os). Filhos d'Urano e de Titea. 23, 24, 44, 45, 47, 111, 181, 189, 192, 471.
 TITEA. Deosa da terra; mulher d'Urano; vede TERRA.
 TITYROS. Genios da comitiva de Baccho. 159.
 TMOLO. Gigante; filho de Proteo. 471.
 TOLOSA. Cidade da Franca. 471.
 TOOSA. Nympha. 570.
 TOU OU TARONIS. Nome celtico de Jupiter. 471.
 TREVAS (as). Divindades infernaes. 211.
 TRINUTRIA (a). Trindade indiatca. 455, 457, 458, 440, 444, 445.
 TRIPTOLEMO. Rei d'Eulesis. 152.

- TRISMEGISTE. Sobrenome de THOTH.
- TRITÕES (os). Deoses marinhos. 174, 175.
- TROIA. Cidade famosa de Phrygia. 75, 172, 185, 229, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 531, 552, 555, 540, 541, 542, 544, 545, 546, 549, 555, 554, 555, 556, 558, 559, 560, 561, 562, 569, 578, 579.
- TROIANOS (os). Habitantes de Troia. 75, 528, 557, 546, 547, 549, 555, 554, 558, 559, 560, 580.
- TROILO. Filho de Priamo. 530, 531.
- TROS. Terceiro rei de Troia. 526.
- TURNO. Rei dos Rutulos. 582.
- TYNDARIDES (os). Filhos de Tyndaro. 288.
- TYNDARO. Rei de Laconia ou de CEBALIA; marido de Leda. 56, 288.
- TYPHON. Um dos Titanes. 46, 194, 199, 500.
- TYPHON. Deus dos Egypcios. 411, 412, 415, 414.
- ULYSSES. Rei de Ithaca. 559, 540, 542, 551, 555, 557, 559, 561, 569, 570, 571, 572, 573, 575, 576, 577.
- URANIA. Uma das nove Musas. 87.
- URANIA. Sobrenome de Venus.
- URANO OU O CéO. Filho do Dia. 23, 26, 27, 40, 109, 203.
- VALHALLA OU VALHOL. Palacio d'Odin. 460, 461.
- VALHOL. Vede VALHALLA.
- VAMANA. Brahmane. 441.
- VAROUNA. Divindade indiatica. 452.
- VAYON. Divindade indiatica. 452.
- VEDAS (os). Divindades indiaticas. 451, 455, 441, 447, 452.
- VEDICA (religião). Culto dos Persas e Aryas. 425.
- VELLOCINO d'OURO. Vede JASON.
- VENTOS (os). Filhos d'Eolo. 186, 571.

- VENUS. Deosa da belleza. 26, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 142, 151, 288, 509, 554, 578, 592, 411, 471
- VERTUMNO. Deos do Outono. 147, 148, 149.
- VESTA. Deosa do fogo; filha d'Urano e de Titea. 24, 29, 50, 127, 128, 129, 591.
- VESTA. Nome de Cybele. 129.
- VESTAES (as). Donzellas consagradas ao culto de Vesta. 150, 591.
- VIA LACTEA (a). Grande fava de estrellas. 257.
- VICTORIA (a). Divindade allegorica; filha do gigante Pallas e da divindade infernal Styx. 159, 170, 215.
- VIRGILIO. Poeta latino. 189, 190, 195, 574, 578, 580.
- VISCHNAVA. Devoto a Vischnú. 445.
- VISCHNÚ. Divindade indiatca. 455, 456, 440, 441, 442, 445, 444, 448, 449.
- VITZLIPUTZLI. Deos dos Mexicanos. 485.
- VULCANO. Deos do fogo; filho de Jupiter e de Juno. 59, 95, 108, 111, 142, 145, 144, 255, 584, 411.
- WALKIRIES (as). Nymphas escandinavas. 461.
- XANTHO. Rio perto de Troia. 554, 555.
- YU. Primeiro imperador d'uma dynastia chinesa. 455.
- ZEPHYRO. Vento do Occidente; filho de Eolo e de Aurora. 78, 145, 186, 571.
- ZOROASTRES. Legislador dos Persas. 427.
-

INDICE

INTRODUCCÃO.	1
MYTHOLOGIA PROPRIAMENTE DITA, OU MYTHOLOGIA GREGA E ROMANA.	5

PRIMEIRA PARTE

DAS PRINCIPAES DIVINDADES DOS PAGAOS.

Urano e Titea.	15
Saturno.	14
Jupiter.	19
Juno.	27
Mirmidones (os).	29
Iris.	30
Apollo e o Sol.	30
Musas (as).	40
Diana.	43
Minerva ou Pallas.	45
Mercurio.	48
Marte.	51
Venus.	55
Hymenco.	57
Cupido.	57
Graças (as).	58
Como.	59
Momo.	59

DIVINDADES DE TERRE,

Dæmogorgon.	61
Terra (a).	62
Rhea ou Cybele.	62
Ceres.	65
Baccho.	67
Vulcano.	71
Flora.	73
Vertumno e Pomona.	74
Priapo.	75
Pan.	76
Echo e Narciso.	77
O deos Termo.	78
Deoses Lares e Penates.	80
Satyros e Faunos.	81

DEUSES DO MAR, DOS RIOS, E DAS FONTES.

Oceano e Thethys.	84
Neptuno e Amphitrite.	86
Phorco ou Phoreys, Saron, Portumno, Matuta, Glauco, e Egeon.	88
Nymphas, Dryadas, Hamadryadas, Napeas, Oreades.	90
Sereias (as).	91
Eolo e os Ventos.	92

DIVINDADES INFERNAES.

Dos Infernos.	94
Plutão e Proserpina.	99
Pluto.	102
Furias (as) e as Parcas.	105

DIVINDADES ALLEGORICAS.

Victoria (a).	107
Felicidade (a).	108
Eternidade (a).	109
Fé (a).	109

INDICE.

279

Paz (a).	110
Pudicia (a).	110
Providencia (a).	110
Justiça (a).	111
Fortuna (a).	111

SEGUNDA PARTE

DOS SEMI-DEOSES OU HEROES.

Esculapio.	114
Perseo.	115
Bellerophonte.	118
Theseo.	119
Hercules.	124
Pygmeos (os), e Pygas, sua rainha.	131
Jason e os Argonautas.	133
Castor e Pollux.	136
Orpheo.	139
Edipo.	140
Cadmo.	143
Dedalo e Icaro.	144
Pelops.	145
Progne e Philomela.	147
Lycaon.	148
Pyramo e Thisbe.	148
Historia da cidade de Troia, e dos príncipes troianos.	149
Alliança dos Gregos contra os Troianos.	154
Cêrco de Troia.	157
Aventuras d'Agamemnon e d'Orestes.	164
Aventuras d'Ulysses.	166
Enéas.	171

TERCEIRA PARTE.

Do culto que davam ás divindades.	175
Jogos dos antigos.	179

QUARTA PARTE.

Egypcios.	187
Assyrios e Babylonios.	197
Persas.	199
Aryas.	202
Brahminismo.	204
Bouddhismo.	212
Chins e Japonezes.	216
Mythologia escandinava.	217
Gaulezes.	221
Islamismo.	229
Peruvianos e Mexicanos,	254
Fetichismo.	257

QUINTA PARTE.

Diccionario Alfabético.	241
---------------------------------	-----

